

**Dia do
Soweto
assinalado
com greve
geral**

Pág. 23

BRANCOS NA ÁFRICA DO SUL: O POVO MAIS SÓ DO MUNDO

Dossier «DL» págs. 24, 25 e 26

Diário de Lisboa

ANO 66

N.º 22 086

Segunda-feira, 16 de Junho

Preço 40\$00

Seleccção regressou a Lisboa



«Barrete» mexicano, malas aviadas — aí está a Seleccção! Em baixo: Carlos Manuel muito, muito zangado

TODOS CONTRA A FEDERAÇÃO

A selecção regressou ao princípio da manhã de hoje a Lisboa com uma reivindicação na bagagem: a realização de uma mesa-redonda onde os 22 possam apresentar as suas razões. Tónica comum a todos os jogadores: críticas ferozes a uma Federação que acusam de amadorismo.

Pág. 15



PJ INVESTIGA FOGO DE ÁGUEDA

Págs. 6, 7 e 8

GÁS:

corte total foi às 9.45

Polícia intervém na greve

O corte progressivo do abastecimento de gás à cidade de Lisboa, iniciado à meia-noite, tornou-se total a partir das 9.45 horas. Estão em greve de cinco dias — corte de gás previsto até domingo — os trabalhadores da Petroquímica e Gás de Portugal que exigem melhorias salariais e vontade negocial do Conselho de Gerência.

Pág. 22

**«DL» ACOMPANHA O MUNDIAL
DO MÉXICO COM O APOIO**

DA
LAGOSTA REAL



Agustina como directora de "O Primeiro de Janeiro"

"Romantismo negro não é comunicação social"

«Hoje em dia os meios de comunicação social são tocados por uma espécie de romantismo negro, um propósito de liderar os assuntos tabus e as teses de âmbito secreto» — afirmou a escritora Agustina Bessa Luís ao tomar posse do cargo de directora do matutino portuense «O Primeiro de Janeiro», acto que decorreu sábado passado numa dependência daquele jornal com a presença de individualidades convidadas. A romancista acentuaria ainda que a maneira de formalizar um tema sem medir o registo da ética da época, como sexo, violência, marginalidade e corrupção, «tem muito de romantismo em ritmo descompassado, mas romantismo na mesma.»

Para a nova directora de «O Primeiro de Janeiro», é face a estas ciladas da inteligência colectiva que o jornal tem de estar «preparado», a fim de interessar o leitor «nas coisas novas que o espírito humano articula e irradiar, sem as tornar em efémeras baladas de extravagância.»

«o extravagante nunca é notícia...»

Agustina Bessa Luís declarou também que «o extravagante nunca é notícia, e apenas a superstição da eloquência.» Admitiu que «um jornal tem de ser eloquente», mas, em seu entender, «não há melhor eloquência do que a que informa sem perturbar, ou a que revela sem produzir es-

cândalo.» Observou que «nem tudo se presta a divulgação, porque nem tudo é relacionamento.»

A este propósito, Agustina Bessa Luís disse que «quando se toma a notícia como forma de confiança, às vezes produz-se o ridículo, pois uma coisa é falar dos homens e das coisas como relação com a sociedade, e outra coisa é retratá-los como pretexto da curiosidade.»

Para a escritora, «isto produz o fastio, tanto pelo acto noticioso, como pela vulnerabilidade em que todos nos incluímos.»

«Um compromisso de confiança»

Depois de assinar o auto de posse, conferida pelo presi-



dente do Conselho de Administração da empresa, Carlos Pardal, Agustina Bessa Luís sublinhou que «a tomada de posse do cargo é acima de tudo um compromisso de confiança.»

«Este espaço donde repercutem as notícias de todo mundo e onde se faz o comentário de uma época — disse —, nasce uma forte disposição de ligar os territórios e, com eles, as ideias que os servem e tor-

nam sensíveis à civilização.»

Agustina definiu um jornal como não sendo apenas «um continuador do mensageiro andante, do trovador de pluma branca no chapéu, que trazia com ele as novidades e os segredos de outras cortes.»

«Um jornal é um produto de experiência que um grupo de homens actualiza e personifica» — afirmou.

Precisou ainda que um jornal se «dirige ao leitor e recebe

dele a emoção e diversidade de opiniões e transmite-lhe uma visão do mundo filtrada pela razão, que é a nobreza dos povos.»

Nesta ordem de ideias, um jornal é, para Agustina, «uma consciência colectiva em que predomina a prova máxima do homem convivente e a sua vocação de benignidade.»

Dificuldades

Admitindo que «falar de benignidade é falar dos portugueses», a nova directora de «O Primeiro de Janeiro» salientou que, porém, «nem sempre é falar de jornais, porque no mundo catastrófico em que vivemos se fez norma um certo estilo malicioso, cuidando-se que a malícia cativa e a simplicidade afugenta.»

O presidente do Conselho de Administração, Carlos Pardal, ao conferir a posse à nova directora, admitiu que «a empresa tem dificuldades, muitas das quais resultam de boatos de que o jornal vai fechar, o que desencoraja os seus anunciantes.»

Referiu-se também ao problema dos salários em atraso como tendo sido «muito badalado, o que levou muitas empresas a deixar de publicar anúncios no jornal.»

Jantar-espectáculo no Casino

Prémios Gazeta entregues hoje

Um espectáculo esta noite, no casino Estoril, assinalará a entrega dos Prémios Gazeta de Jornalismo, anualmente atribuídos pelo Clube de Jornalistas. Recorde-se que os prémios, este ano, foram ganhos por Baptista-Bastos (Imprensa), Mário Lindolfo e Carlos Narciso (Televisão), Carlos Gil (Fotografia), Guy Ackerman (reportagem internacional sobre Portugal) e Inês Pedrosa (revelação).

O jantar espectáculo (aberto ao público) contará com a participação do Quarteto 1111 (regresso especial para esta noite, dedicada à canção portuguesa), Rádio Macau, Jorge Palma, Manuel Freire, Fernando Pereira, Simone, Carlos Quintas, Carlos Cunha, Marina Mota, Maria Armada, José Viana e Companhia de Dabça de Lisboa. A actriz Lúcia Franco será a apresentadora do espectáculo.

Atribuídos o ano passado pela primeira vez, os Prémios Gazeta têm o apoio de importantes empresas nacionais, nomeadamente a TAP, Renault, Centrel, SONAE, Montepio, Mundial Confiança, Martini Rossi (Prémio Revelação), Bertrand e Edições 70.

Municípios não devem ser proprietários de "mass media"

Os participantes no I Encontro de Imprensa Regional, efectuado domingo em Vila Verde (Braga), concluíram que as Câmaras Municipais não devem ser proprietárias de órgãos de Comunicação Social.

Explicitaram que as Câmaras Municipais devem ter um comportamento igual face aos diversos órgãos de Comunicação Social existente na sua área, inclusivamente na distribuição de publicidade.

Promovido pela delegação regional de Braga do FAOJ (Fundo de Apoio para os Organismos Juvenis) e pela Câmara Municipal de Vila Verde, o Encontro teve como tema central o papel da imprensa regional no desenvolvimento comunitário.

Os debates foram animados por três exposições apresentadas por Henrique Regalo, Artur Moura e Barroso da Fonte, que falaram respectivamente sobre «Imprensa Regional e Preservação do Património Cultural», «Imprensa Regional e Animação SocioCultural» e «Imprensa Regional e Desenvolvimento Comunitário».

Foi também destacada a importância da Imprensa Regional da sua independência e da formação das pessoas que nela trabalham.

O Encontro veio na sequência de um curso de iniciação ao jornalismo organizado pelo vereador do pelouro da Cultura da Câmara de Vila Verde, Mota Alves, e destinado sobretudo a jovens.

A experiência em Leon

Meninos "emigrados" aprendem português

Uma experiência-piloto de ensino da língua portuguesa em escolas primárias espanholas vai ser lançada no próximo ano lectivo na provincia de León, revelou o conselheiro social da Embaixada de Portugal em Espanha, José António Galaz.

Esta experiência-piloto terá lugar na região mineira de León, onde vivem perto de cinco mil portugueses dedicados ao trabalho das minas com 900 crianças de nacionalidade portuguesa em idade escolar.

A Associação Cultural Portuguesa de Laciencia, fundada há poucas semanas por emigrantes portugueses, uma das três criadas recentemente na região, celebrou o Dia de Portugal com uma missa, um almoço de confraternização e a exibição de um grupo folclórico da região de Chaves.

Em representação do embaixador de Portugal em Espanha, Fernando Reino, assistiu o conselheiro social, que revelou a decisão das autoridades espanholas, já comuni-

cada oficialmente ao Governo português, de começarem a aplicar, a partir de Outubro, uma das resoluções da comissão mista luso-espanhola para os temas culturais e as directivas comunitárias sobre o ensino das línguas dos países membros.

Nas próximas semanas vão ser nomeados professores, dois de nacionalidade portuguesa e um de origem galega, mas especializado em português que, de forma itinerante e como primeira experiência,

darão aulas de língua portuguesa a alunos portugueses e espanhóis em 15 centros escolares da região.

Desta maneira, e pela primeira vez, o português passa a ser ensinado oficialmente e integrado no sistema de ensino primário espanhol.

Os professores são pagos pelo governo espanhol, é pois o ensino da língua portuguesa passa a ser considerado nesses centros como outra disciplina qualquer do currículo escolar.

Realiza-se hoje o 2.º Encontro Nacional

Orientadores escolares procuram rumo

O segundo encontro nacional da Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais, que se iniciará hoje em Lisboa, «irá analisar a prática de orientação» seguida por aqueles nos últimos anos — disse à Anop um responsável do encontro.

Ana Carita afirmou que no encontro que terminará terça-

feira no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa (ISCITE), vários orientadores farão comunicações sobre trabalhos de investigação elaborados naquele ramo educacional.

«Procuramos igualmente assegurar o debate sobre temas da adolescência, a sua in-

teracção económica, o mercado de emprego, a formação profissional dos jovens», acrescentou.

A Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais congrega e representa professores especializados em orientação pelo Instituto de Orientação Pro-

fissional, os quais vêm assegurando as actividades de orientação escolar e profissional junto dos jovens das escolas secundárias do País.

Segundo Ana Carita, este encontro tem ainda a finalidade de seguir «uma linha de trabalho que visa uma formação contínua dos orientadores».

VISITURSS 1986

Com a colaboração de

A3POΦAOT

PARTIDAS DE JULHO

"ÁSIA CENTRAL E CAUCASO"

De 01 a 14 de Julho

"GRANDE CIRCUITO EUROPEU"

De 14 a 17 de Julho

"O Báltico e a Ucrânia"

De 12 a 25 de Julho

"A UCRÂNIA"

De 18 a 28 de Julho

"AS CAPITALS"

De 22 a 28 de Julho

Hotels de 14 Categoria
Descontos para mini-grupos

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais

Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Profissionais



Reforma Agrária

É tempo de realizar uma política democrática!

Mário Silva (*)

Assiste-se hoje novamente à ofensiva generalizada contra a Reforma Agrária, na sequência da prosseguida pelos Governos de direita de há dez anos a esta parte, com usurpações de terras, máquinas, gados e outros bens.

Todo este processo e a sua aplicação (com base na Lei 77-77), estão rodeados de profundas ilegalidades, fraudes e abusos de poder, tal como o comprovam os mais de 326 acordãos anulatórios do Supremo Tribunal Administrativo, o Inquérito Parlamentar, aprovado pela Assembleia da República e as investigações em curso no âmbito da Alta Autoridade Contra a Corrupção.

Mesmo assim o Governo minoritário de Cavaco Silva e o Ministro da Agricultura Álvaro Barreto, insistem de novo, em retomar a ofensiva e as ilegalidades contra a Reforma Agrária com o objectivo de a destruir na sua totalidade.

Mas apesar da situação vivida nestes 10 anos em terras do Alentejo e Ribatejo, os trabalhadores,

com o seu esforço, conseguiram, nas áreas de que dispõem, duplicar o efectivo Pecuário e as áreas regadas e aumentar quase três vezes os postos de trabalho, dados estes que mostram bem que, a trabalhar em paz, sem roubos, ilegalidades e abusos de poder, a produção de cereais, oleaginosas e culturas de regadio teriam aumentado entre 20% a 30%.

O Governo Cavaco Silva prepara-se para entregar mais reservas, distribuições de terra a falsos agricultores e acelerar as execuções fiscais a pretexto das dívidas das UCP's/Cooperativas ao Estado, quando este não paga às cooperativas os valores pendentes no que se refere à Cortiça, a produtos da floresta e a investimentos feitos antes das usurpações da terra.

No sentido de dar cobertura legal à destruição da Reforma Agrária o Governo acaba de anunciar um novo projecto da lei agrícola, claramente inconstitucional. A sua eventual aprovação

e aplicação reduzia a zero o sector da Reforma Agrária e atingia os objectivos do Governo, dos grandes agrários e latifundiários.

Esta desastrosa política agrícola do actual governo, em seguimento dos anteriores, é responsável pelo aumento brutal do desemprego, nos campos do Sul, pela quebra da produção, pelas 500 herdades, muitas delas entregues aos agrários e que hoje estão abandonadas e subaproveitadas com uma área superior a 300000 ha de terra, pela degradação laboral e social vivida nesta região. O seu objectivo é a destruição integral da Reforma Agrária e a reconstituição integral dos antigos latifúndios e de grandes explorações capitalistas.

Neste quadro, na situação actual que vivemos os trabalhadores — os da Reforma Agrária e os restantes trabalhadores portugueses, não podem deixar de reclamar o fim imediato da ofensiva, das ilegalidades e fraudes, da corrupção, contra a Reforma Agrária, o que, em nossa opi-

nião, passa por:

— Demissão imediata do Ministro da Agricultura, Álvaro Barreto e dos seus subordinados comprometidos com actos de corrupção em matéria de Reforma Agrária.

— Reposição da legalidade democrática, com a execução dos mais de 326 acordãos do STA e a entrega aos trabalhadores de terras que ilegalmente lhes foram confiscadas.

— Acerto de contas entre o Estado e as UCP's/Cooperativas Agrícolas.

— A não aprovação pela Assembleia da República do novo e inconstitucional projecto de lei do Governo Cavaco Silva, contra a Reforma Agrária e adopção de medidas legislativas que ponham termo ao processo continuado da demarcação de reservas e usurpações de bens das UCP's/Cooperativas.

— Revogação da lei da cortiça e a sua substituição por uma legislação não discriminatória, que garanta o pagamento às UCP's/Cooperativas das verbas,

a que têm direito.

— O prosseguimento do inquérito parlamentar e das investigações em curso na Alta Autoridade Contra a Corrupção.

— A obrigatoriedade de todas as terras abandonadas e subaproveitadas na posse dos grandes agrários, serem, no imediato cultivadas, criando-se postos de trabalho e garantia de emprego, ou então a sua expropriação, entregando-as aos trabalhadores agrícolas e pequenos agricultores.

— Uma política de apoio técnico e financeiro não discriminatório, designadamente na Informação e acesso aos mecanismos financeiros Comunitários.

— Uma política de investimento designadamente na construção do Alqueva, no Plano de rega do Alentejo e outras pequenas barragens, que intensifique e desenvolva a produção e aproveitamento de enormes riquezas e potencialidades desta região de grande interesse nacional.

3É tempo de ver executada uma política democrática, que asse-

gure condições de estabilidade, com respeito pelos princípios constitucionais, e assegure o desenvolvimento da nossa agricultura, o prosseguimento e a realização completa da Reforma Agrária, como garante das melhores condições de vida e de trabalho nos campos do Sul.

A Reforma Agrária é uma transformação democrática de Abril, que mostra na prática ser acertada, que tem enormes potencialidades para contribuir para uma política de aumento da produção nacional e entretanto para a melhoria da produção alimentar do povo português.

A Reforma Agrária representa o progresso, o desenvolvimento, o futuro da agricultura desta região.

A Reforma Agrária é indispensável ao aumento da produção nacional, ao progresso, à liberdade, ao 25 de Abril.

Por isso tem que prosseguir e ser realizada.

(*) Membro do Conselho Nacional da CGTP-IN e da Federação dos Sindicatos Agrícolas do Sul.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
DEPARTAMENTO DE INSTRUÇÃO



ACADEMIA MILITAR

CONCURSO DE ADMISSÃO PARA CANDIDATOS CIVIS

Está aberto concurso para admissão de candidatos civis ao Curso Geral (1.º Ano) da Academia Militar, devendo a entrega de documentos ser feita de 23 de Junho a 11 de Julho de 1986.

Para informações contactar a Academia Militar
(Paço da Rainha, 1100 — LISBOA — Telef. 56 39 91 Ext. 31)
ou qualquer Unidade ou Estabelecimento Militar.



EUROPA 86
PRIORIDADE
A
SEGURANÇA RODOVIÁRIA



AOS PAIS



"Transporte sempre as crianças no banco de trás"

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

Hoje no Luxemburgo

Pires de Miranda debateu sanções contra Pretória

O ministro português dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, debateu hoje, no Luxemburgo, com os seus homólogos dos países da CEE, a possibilidade de aplicação de sanções económicas contra a África do Sul. Este debate decorreu numa sessão informal realizada à margem do encontro oficial de dois dias dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos «Doze» consagrado ao exame das relações da CEE com terceiros e à preparação da cimeira de chefes de Estado, marcada para o fim deste mês em Haia.

Desconhecem-se ainda as conclusões a que terão chegado os chefes da diplomacia dos «Doze» confrontados com propostas de sanções de diverso tipo, inclusivamente económicas, a serem aplicadas à África do Sul. Sabe-se, no entanto, que diversos Estados europeus estavam à partida dispostos a dar o seu acordo à aplicação de san-

ções, embora a oposição da Grã-Bretanha possa ter, uma vez mais, impedido qualquer acção concertada.

Uma das formas de tentar ultrapassar a barreira erguida por Londres — que insiste em que as sanções económicas apenas agravarão a situação da população negra sul-africana e não terão efeito sobre o Governo mino-

ritário de Botha — será a de levar o dossier África do Sul à Cimeira de Haia, nos dias 26 e 27 deste mês.

Relações com terceiros

No domínio das relações com terceiros, os ministros dos «Doze» deverão fixar a data do próximo conselho de associação CEE-Turquia, com vista à normalização de relações. O principal obstáculo parte da Grécia que apresentará uma reserva ligada à situação dos cidadãos helenos que vivem em solo turco.

Outro tema desta reunião, em que, além de Pires de Miranda, participa também o secretário de Estado da Integração Europeia, Victor Martins, será a política mediterrânea da Comunidade alargada. Aqui também não

se esperam resultados dado que a proximidade das eleições legislativas em Espanha impede Madrid de assumir uma posição, nomeadamente quanto aos acordos de pesca com Marrocos e com a Tunísia, bem como no que respeita ao estatuto futuro das ilhas Canárias.

As relações CEE-Estados Unidos estão também em foco nestes dois dias de trabalho, esperando-se que sejam adoptadas medidas de resposta às restrições impostas por Washington a algumas importações de produtos europeus.

Julga-se que a maioria dos países comunitários inclinam-se para medidas mais simbólicas que efectivas, embora a França pretenda que sejam desde já fixadas acções retaliatórias, na iminência de novos restrições americanas aos produtos europeus.

CC reunido em Lisboa

Há alternativa a Cavaco

— reafirma Cunhal

O Comité Central do PCP está reunido desde as 10 horas de hoje, na sede central de Lisboa, para debate de um documento elaborado pela Comissão Política sobre a situação política geral.

Entretanto, sábado, em Viseu, Alvaro Cunhal considerou existentes «condições institucionais para uma alternância democrática» ao actual Governo de Cavaco Silva.

O líder comunista, que usava da palavra no encerramento da I Assembleia da organização distrital de Viseu do PCP (que reuniu 99 delegados e centena e meia de convidados), sublinhou que a política de Cavaco Silva «é a continuidade da política dos últimos dez anos, tendo dado provas negativas e agravando os problemas nacionais».

Insistindo na necessidade de uma alternativa — sem exclusão do PCP e dos trabalhadores — Cunhal acentuou a necessidade de uma «aliança democrática» entre os sectores que se opõem ao actual Executivo.

Sobre os projectos comunitários do FEDER, Cunhal afirmou que eles representam uma «grande desilusão» e um «peso financeiro» para muitas autarquias, considerando que as imposições por parte da CEE terão «reflexos negativos na produção nacional».

A primeira assembleia da organização distrital de Viseu do PCP versou a situação organizativa do partido no distrito e propôs soluções para o reforço orgânico do PCP.

Foi votado o texto definitivo do projecto de resolução política que, segundo aquela estrutura,

constitui um importante documento para o trabalho do partido no distrito pois contém um estudo das realidades político-sociais e económicas que até agora nenhuma outra força política realizou. Foi ainda eleita a nova comissão distrital de Viseu, composta por 34 membros.

Na Covilhã

Ontem na Covilhã, Alvaro Cunhal abordou de novo a alternativa a Cavaco, considerando que ela deve ser encontrada «em conjunto com os partidos democráticos, nomeadamente o PS e o PRD».

É preciso que os comunistas e os democratas não tenham ilusões — nem o PS, quer seja o «PS/Constâncio», ou o «PS/Gama», nem o PRD (pelo menos na imagem que dele dão alguns dos seus dirigentes), permitem estar tranquilos: é necessário o reforço do PCP para que a alternativa possível seja uma alternativa que contribua para o retorno ao caminho de Abril», disse Cunhal.

Reunião de pequenos empresários

A discussão da situação económica e financeira dos sectores do comércio e da indústria foi o principal objectivo de uma reu-



não de comerciantes e industriais comunistas realizada ontem em Lisboa.

Gorjão Duarte, da direcção da organização Regional de Lisboa (DORL) do PCP, disse à ANOP que a discussão incidirá essencialmente sobre a situação das pequenas e médias empresas. O que se pretende «é ver como um comerciante ou industrial comunista pode intervir na vida associativa para superar dificuldades existentes nestes sectores, nomeadamente a queda de vendas no comércio», frisou.

O dirigente da DORL referiu que na reunião, de carácter interno e que se prolongou por todo

o dia, foram analisadas «as dificuldades resultantes da introdução do IVA, quer do ponto de vista do acréscimo das despesas que arrasta quer por se repercutir negativamente no montante final das vendas».

Gorjão Duarte adiantou que outras questões que surgem com grande acuidade, e que foram também objecto de discussão no encontro, têm a ver com «as dificuldades de acesso ao crédito e com a entrada de Portugal na CEE, sobretudo, prejudicial para indústria devido ao atraso tecnológico, de estruturas e de gestão».

PRD continua a ser a "muleta do Governo"

— diz a UDP

O PRD «tem sido e continuará a ser a muleta do Governo minoritário de Cavaco Silva», refere o documento final da reunião do Conselho Nacional da UDP, que decorreu em Lisboa durante o fim-de-semana.

O órgão dirigente da UDP analisou na sua reunião as propostas de lei das rendas, do trabalho e da segurança interna, a serem debatidas nos próximos dias na Assembleia da República, tendo concluído que «o pacote laboral proposto pelo Governo transforma cada trabalhador em contratado a prazo e cada contratado a prazo em desempregado».

No que se refere à lei das rendas a UDP propõe-se levar a cabo «uma campanha sobre como os inquilinos devem responder às ilegalidades dos senhorios» e apela para a mobili-

zação de uma campanha capaz de levar à revogação da lei.

Sobre a lei de segurança interna, o Conselho Nacional da UDP afirma que, a ser aprovada, ela representará uma «transposição para o Código de Processo Penal de medidas gravosas e pidescas» e alerta para o facto de «apesar de todas as alterações, se mantiverem e reforçarem as ameaças sobre os direitos, liberdades e garantias dos cidadãos».

Madeira e incêndios

No seu documento, onde reafirma a proposta de «união de todas as oposições à direita», a UDP alude ainda à situação da cooperativa de bordadeiras do Machico (Madei-

ra), alvo de um inquérito mandado instaurar pela assembleia regional madeirense, frisando que os sectores «mais reaccionários» da região estão a promover «uma escalada intimidatória e repressiva».

A cooperativa, recorde-se, foi forçada a abandonar o prédio-sede, actualmente ocupado pelo Governo Regional.

O Conselho Nacional aprovou ainda uma moção de pesar pelos efeitos dos incêndios que atingiram a zona de Águeda. A moção considera que os fogos «são crimes contra as populações e os seus bens e contra os recursos do País, cometidos em benefício dos madeireiros e das celulosas, a cujos interesses o Governo não dá nenhum combate, tornando-se, por isso, cúmplice consciente desses crimes».

Conversações sobre Macau começam no dia 30

As conversações bilaterais sobre o futuro de Macau terão início nos próximos dias 30 de Junho e 1 de Julho. Isto mesmo foi anunciado pelos ministérios dos Negócios Estrangeiros dos dois países em comunicado oficial divulgado à mesma hora em ambas as capitais. O texto especifica ainda as datas para a primeira fase das conversações que, em 1985, os dois países decidiram empreender.

«O Governo da República Portuguesa e o governo da República Popular da China decidiram, após consultas mútuas, que a primeira fase de conversações para a resolução da questão de Macau tenha lugar em Pequim, nos próximos dias 30 de Junho e 1 de Julho», refere o comunicado.

Recorde-se que em 20 de Maio último, Lisboa e Pequim haviam já anunciado a realização das primeiras conversações na última semana de Junho. No comunicado então distribuído foram indicados os chefes das delegações dos dois países às conversações, respectivamente o embaixador Rui Medina e o vice-ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Zhou Nan.

Da delegação portuguesa farão parte, além de Rui Medina, o embaixador em Pequim, Octávio Neto Valério, o diplomata João de Deus Ramos é um representante da

Presidência da República, Carlos Gaspar.

Elevado grau de consenso

Foi em Maio de 1985, durante a visita do então Presidente Ramalho Eanes à China, que os dois países concordaram em encetar conversações sobre o futuro de Macau, território onde Eanes se deslocou na mesma ocasião.

Os responsáveis chineses pretenderam, aparentemente, iniciar o processo de diálogo sobre Macau ainda no ano de 1985, mas a perspectiva da realização de eleições presidenciais em Portugal no início deste ano e a demissão então anunciada do ex-governador do território, almirante Almeida e Costa, terão impedido tal objectivo. Desde então multiplicaram-se os contactos diplomáticos entre Lisboa e Pequim, mas as duas partes

aguardam a tomada de posse do novo Presidente português, Mário Soares, em Março último, e a designação do novo governador, Pinto Machado, para definir o início das negociações.

Curiosamente, o negociador-chefe chinês, Zhou Nan, esteve em Lisboa por ocasião da posse do Presidente Soares, tendo então um prolongado encontro com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, afirmando no final que na conversa havia sido alcançada «um elevado grau de consenso» sobre a questão de Macau.

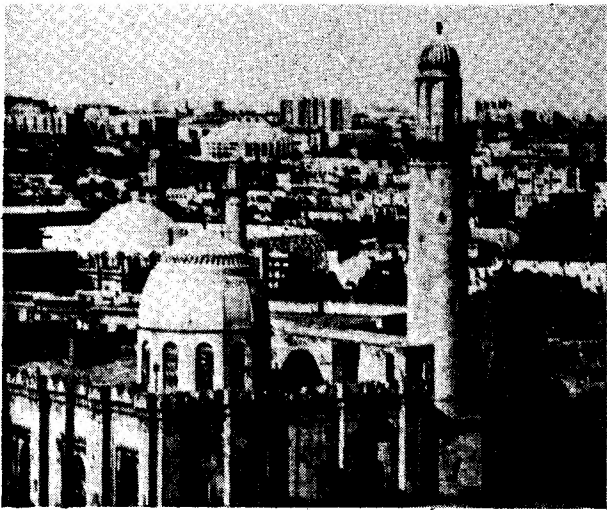
As conversações sobre Macau surgem um ano depois de a China e a Grã-Bretanha terem acordado num plano para a transferência da soberania sobre o território de Hong-Kong, que Londres entregará a Pequim em 1997.

Apesar de algumas referências às eventuais semelhanças entre os prazos de transição para a alteração dos estatutos de Macau e de Hong-Kong, fontes diplomáticas têm afirmado que nada faz prever uma simultaneidade de datas e que os processos poderão apresentar diferenças significativas.



EXCURSÃO DO ANO INTERNACIONAL DA PAZ À UNIÃO SOVIÉTICA — SÓ 85 000\$00!

Moscovo, Leninegrado e Erevan (Arménia)
24/6 a 3/7 de 1986



— Programa de especial interesse turístico e cultural

— Programa de especial interesse turístico e cultural
Campanha UMA CASA PARA A PAZ (Conselho Português para a Paz e Cooperação)
Apoio técnico da Mundirama — Rua do Crucifixo, 33 Lisboa
Últimas inscrições: Largo da Trindade, 16 s/loja eq.
Telefs.: 32 70 06 e 32 68 10

COMUNICADO

AOS CONSUMIDORES DE «GÁS DA COMPANHIA» DA CIDADE DE LISBOA

FOI ANUNCIADA UMA PARALISAÇÃO DE TRABALHO NA EMPRESA «PETROQUÍMICA E GÁS DE PORTUGAL», DE 16 A 22 DO CORRENTE. POR CONSEQUENTE NÃO HÁ PRODUÇÃO NEM FORNECIMENTO DO GÁS DA COMPANHIA ATÉ DOMINGO PRÓXIMO.

A EDP É, PORTANTO, COMPELIDA A APELAR PARA OS HABITANTES DE LISBOA E ARREDORES, A NÃO CONSUMIREM GÁS ATÉ DOMINGO ÀS 0 HORAS.

NESTAS CONDIÇÕES A EDP SOLICITA:

- QUE ESTEJAM ATENTOS AOS SEUS COMUNICADOS.
- QUE NÃO GASTEM GÁS.
- QUE CONSERVEM FECHADAS TODAS AS TORNEIRAS DE GÁS, INCLUSIVE A DO CONTADOR.

Órgão Central Informação e Relações Públicas



A morte "venceu" na serra do Caramulo

A Polícia Judiciária de Coimbra está desde ontem à tarde a proceder a averiguações relacionadas com o incêndio que durante o fim de semana consumiu mais de seis mil hectares da Serra do Caramulo, provocou 16 mortos e mais de uma dezena de feridos. As diligências da PJ seguem-se a um telefonema anónimo recebido pela PSP de Aveiro, no qual se afirmava que um proprietário de uma serração de madeiras do distrito de Viseu teria prometido 20 contos a um indivíduo atrasado mental, por cada incêndio que acesse na zona do Caramulo.

Para os bombeiros, não há qualquer dúvida de que o sinistro teve origem criminoso, pois, como sublinhava o Comandante dos Voluntários de Agueda, «ninguém vai fazer uma sardinhada ou uma queimada às 11 e 30 da noite». Entretanto, foram ontem a enterrar, em Agueda e na Anadia, as vítimas do incêndio, enquanto era anunciado que as famílias receberão uma indemnização de dois mil contos que, no entanto, não trará a alegria aos familiares dos que pereceram na luta contra as chamas.



Voluntária de Condeixa ao "DL":

"Ser bombeiro é uma doença..."

«É um gosto que a gente tem, de andar por aqui a ajudar os outros», disse, momentos antes de se embrenhar numa encosta pasto de chamas, Lúcia Gonçalves, 25 anos, doméstica, bombeira dos Voluntários de Condeixa.

Casada com um bombeiro, Lúcia integra há três anos aquela corporação, e recorda que «o maior incêndio em que eu estive foi há dois anos na Telhadela».

Horas depois, na sede do quartel de Agueda, Lucia Gonçalves dirige-se ao repórter: «depois de vocês se terem ido embora, acabámos logo com aquilo», diz orgulhosa, após ter lavado a cara, já com o lápis a marcar-lhe as sobrancelhas. «Sabe», continua, «isto de ser bombeiro é uma doença»...

Há um desaparecido

Quinze vítimas foram ontem sepultadas

O bombeiro António Matos, dos Voluntários de Agueda, deverá elevar para dezasseis o número total dos mortos do incêndio da serra do Caramulo. Dado como desaparecido no passado sábado, todas as buscas para o encontrar foram até ao momento infrutíferas.

Aos quinze mortos confirmados — cujos funerais, aliás, se realizaram ontem em Agueda e Anadia — juntar-se-á aquele voluntário, subindo para treze o número de bombeiros que perderam a vida nesta tragédia. Os restantes mortos (três) eram civis.

As suas identidades: Abel Ferreira, António Pires, Arsénio Ooiveira da Silva, Carlos Domingues Brás, Armando Rodrigues Cardoso Loura, Fernando António Jesus Guerra, Luís da Graça Gonçalves e Cândido Marques, são os bombeiros de Agueda mortos.

A identificação dos bombeiros de Anadia é a seguinte: Manuel Luís de Jesus Pinheiro, Armindo Martins, José da Silva Rolo e Jorge Manuel dos Santos Martins.

Abílio Dias Henriques, Manuel Domingues Vela e Carlos Alberto Baptista Dias da Cruz foram os três civis mortos no ataque ao fogo.

ANDAR POR VALES DE SILÊNCIO

Nuno Ribeiro

Fotos de José Tavares

Curva após curva, numa extensão de quilómetros, o cinzento domina, confundindo-se a Serra com a faixa de asfalto. Os minutos vão passando e o cenário mantém-se. Inalterável. O fogo destruiu o verde do Caramulo, e agora impera um silêncio pesado na floresta, apenas cortado pelo ruído do motor dos carros, pelos gritos dos bombeiros na busca do corpo de António Matos e na azáfama de combaterem as chamas que ainda resistem. São vales de silêncio, os que observamos da estrada delimitada, aqui e ali, por carvões incandescentes que consomem cinzas que já foram árvores.

«A última comunicação com o PS 8 e PS 10 foi boca a boca, no Paril e na Cas-tanheira». Vinte e quatro horas depois da tragédia que ceifou a vida aos bombeiros de Agueda e Anadia e a dois civis que os ajudavam a combater o incêndio, Neves dos Santos, Comandante da primeira corporação relembra para o «DL», ainda emocionado, o último contacto que

teve com os seus homens.

Na madrugada de sábado, uma coluna de bombeiros tentava, em plena Serra do Caramulo, fazer face às chamas e, como o sinistro tinha atingido a área de Alcafaz, foi decidido dividi-la em duas.

Pouco depois, era conhecida a tragédia e Neves dos Santos tomou uma das decisões mais difíceis da sua

carreira. «Verifiquei que não se podia avançar e então mandei regressar ao quartel porque havia rajadas de vento de 80 a 90 quilómetros». Entretanto, a Serra ardia, e os bombeiros eram impotentes para travar o curso das chamas.

É impossível fazer um relato dos últimos momentos vividos pelos bombeiros no braseiro que os viria a vitimar. «Estou convencido que tudo se ficou a dever a um sentimento de solidariedade», prossegue. «Ou o meu carro ou o da Anadia avariou e eles ficaram para ajudar», finaliza.

Mesmo cercados pelo fogo, um dos Voluntários de Agueda ligou a bomba do seu auto-tanque, e foi de agulheta na mão, com o mecanismo em funcionamento, que o seu corpo foi encontrado carbonizado. Dois bombeiros da Anadia, perante o avanço das chamas que naquela curva da Serra passaram o asfalto, tentaram refugiar-se debaixo do auto-tanque com a matrícula ZE-58-86, mas as chamas fizeram explodir o veículo. Outros, refugiaram-se no pequeno vale junto à curva, que as chamas consumiram depois de passarem pela estrada, enquanto que o Agueda, nesta época do ano e naquela zona da Serra, um pequeno fio de água, salvou a vida a três bombeiros que, durante três horas ali ficaram rodeados pelos fogo, até conseguirem encontrar caminho livre e darem o alarme. De acordo com o relato de um dos primeiros homens a avistá-los, «eles pareciam autómatos que vinham pela estrada, todos queimados».

Uma busca macabra

Horas depois, a meio da tarde de sábado, numa estrada incompreensivelmente aberta ao trânsito, com uma bicha de mirões em passeio num cenário de desgraça, os seis carros tragados pelo fogo eram retirados.

A Serra ainda fumegava, o sol a custo rompia um tecto cinzento, pequenas chamas despontavam em montes de cinzas, e a circulação asse-

melhava-se a uma gincana, por entre árvores tombadas, fios eléctricos e pedras caídas a dificultarem a progressão.

Junto a algumas habitações, o verde renascia, tornando o contraste ainda mais acentuado. Naqueles locais, os bombeiros, ajudados pelos habitantes, concentraram esforços para que as casas não fossem pasto das chamas.

E, à falta de água, pois as canalizações derreteram, Manuel Figueiredo salvou a sua casa com os 600 litros de vinho armazenados na adega, que foram no entanto insuficientes para preservar os terrenos cultivados e os animais.

Pela estrada, acompanhando o Agueda, uma coluna da delegação do Porto da Cruz Vermelha, tenta encontrar o corpo de António Matos. Em cada paragem, descendo a pique, transportando sacos de plástico, a busca prossegue. Infrutífera.

Já é noite fechada quando é ordenado o regresso a Agueda, e, depois de mais um dia, o corpo do Voluntário de Agueda não foi ainda encontrado.

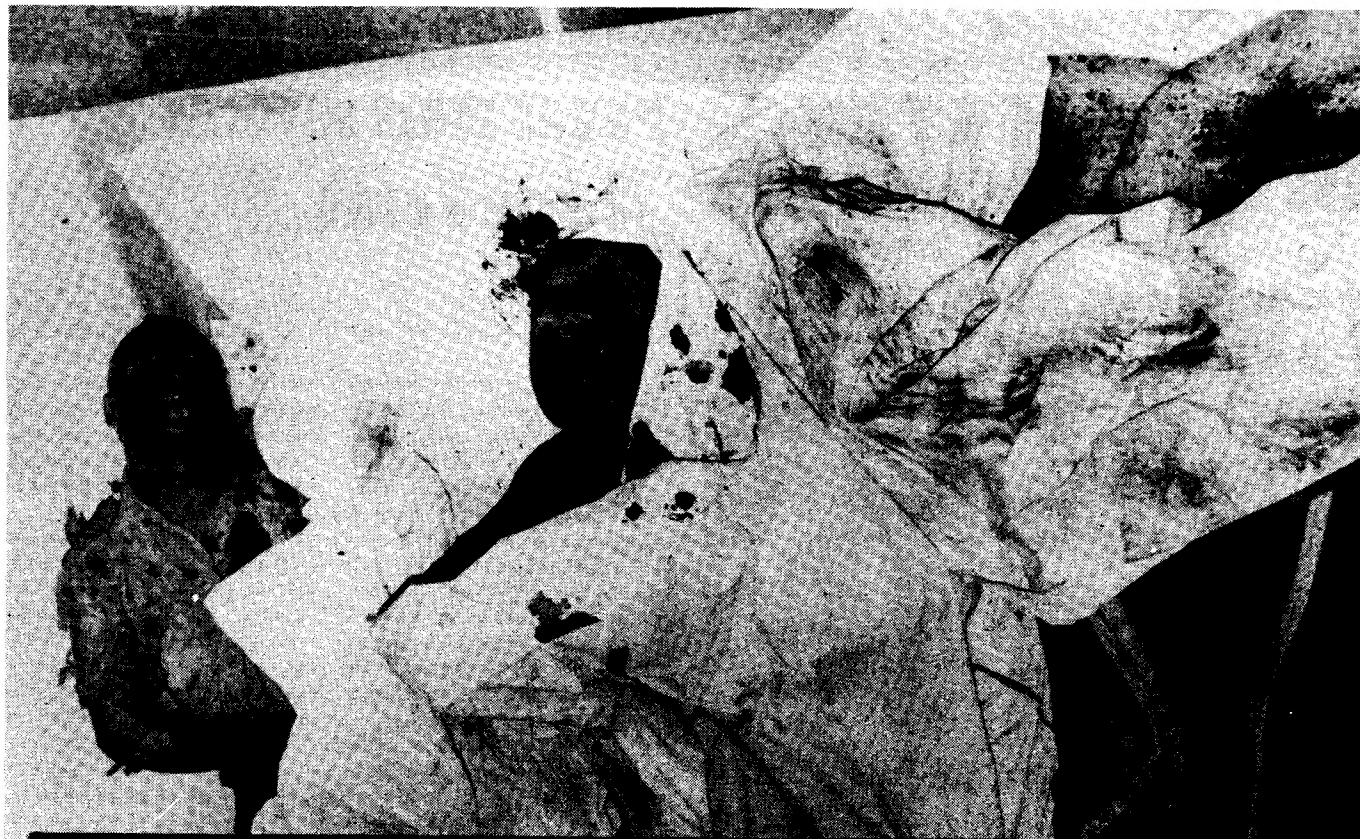
«Com a aviação já estava acabado»

A poucos quilómetros da freguesia do Préstimo, a reportagem do «DL» acompanha os bombeiros de Arouca. Após sete quilómetros por uma das encostas que o fogo poupou, uma estrada florestal liga o asfalto a Vale de Lobos onde prossegue a luta contra as chamas. A meio caminho, num vale repleto de verde, desponta uma coluna de fumo.

«O vento está a nosso favor», comenta o Comandante. No entanto, as chamas vão avançando, a coluna de fumo torna-se mais densa, e é convicção que «dentro de duas três horas, já não se poderá passar». Junto a um tanque, um camião dos Serviços Florestais abastece-se de água. A marcha é penosa, e os olhos de todos estão virados para as labaredas que ameaçam fechar-se em anel. «Quando encontrarmos espa-



O repouso de um guerreiro bom



Restos calcinados de mais um drama. A prova de que as lágrimas não apagam fogos:

ço, voltamos para trás», garantem os bombeiros.

Mas, passados alguns minutos, a coluna para. A nossa frente, num pequeno lar go, carros das corporações de Condeixa, Coimbra e Agueda aguardam que o comando, estacionado na sede dos Voluntários de Agueda, dê instruções.

Em Vale de Lobos, o incêndio foi controlado, mas é decidido que os bombeiros de Arouca avancem pela estrada de terra batida para acompanharem a extinção das chamas, e mais um alarme indica que o fogo ameaça a população do lugar de Pouzadas.

Após a inversão de marcha, os bombeiros de Condeixa e os Voluntários de Coimbra, chegados a Agueda ao meio da tarde, seguem para a encosta que arde. No caminho que nos leva à localidade, o crepitar das chamas ouve-se cada vez com maior clareza.

«Olha elas a saltarem», exclama um jovem bombeiro de Condeixa, referindo-se às chamas. A 500 metros da encosta, o verde vai sendo manchado, de forma irregular, pelo laranja das chamas. Se, numa das zonas da encosta, o fogo apresenta uma frente única de cerca de 30

metros, aproveitando o declive do terreno e a existência de material mais facilmente combustível, as chamas ameaçam fechar-se em anel.

Os primeiros grupos de batedores partem, enquanto do ponto de observação se acompanham todos os movimentos. «Estamos a estudar o fogo, a ver como ele está a romper, mas penso que isto se vai apagar depressa...». As palavras do subchefe Gaspar, dos Voluntários de Coimbra são bruscamente interrompidas: «Está alguém a fazer contra-fogo, isto assim não pode ser».

Depois de reestabelecida a coordenação, um primeiro auto-tanque dos Voluntários de Condeixa, seguindo as indicações dos batedores, dirige-se para um caminho. A sua progressão é acompanhada com angústia. «Conseguiu», exclamam os motoristas que aguardam instruções para avançarem. Lá em baixo, começa o combate e, pouco depois, os outros carros avançam, por entre o lamento de que «isto com a aviação já estava acabado, mas como as avionetas ainda não estão a funcionar...».

Os capacetes que faltam

No quartel dos Voluntários

de Agueda, junto a um rádio o Comandante Gaspar, dos Bombeiros Velhos de Aveiro, vai retirando os pioneses que, num mapa, marcavam as zonas de incêndio. Ao princípio da noite de sábado, o sinistro está controlado, e apenas subsistem alguns focos. As estradas do concelho continuam a ser percorridas pelos 750 homens de dezenas de corporações, que vão acorrendo às chamadas telefónicas. Fardas verde-oliva indicam que os militares também já entraram em acção.

Em Barrosa, uma frente ameaça as casas e os bombeiros dirigem-se para o local. Outros apelos motivam a organização de mais colunas, mas os bombeiros da Pampilhosa, quando se dirigem para o local, recebem a boa notícia de que as chamas já estão controladas.

Na sala da direcção dos Voluntários de Agueda, ao princípio da madrugada, tem lugar uma reunião dos comandos, para estabelecer os turnos de vigilância. Com optimismo, verifica-se que, 24 horas depois de se ter iniciado o combate, o incêndio está controlado, e que das rajadas de vento da noite anterior, apenas resta a má recordação. No entanto, co-

mo precisa o Comandante Neves Santos, «lá para a madrugada é habitual haver vento». Uma previsão que, felizmente, não se cumpriu.

No bar das instalações do quartel, os cafés retemperam forças e centenas de pacotes de leite ensacados aguardam transporte para as áreas onde o combate às chamas ocupa os bombeiros.

Junto ao quartel, é hora de descanso. Sentados nos carros, deitados na rua, os bombeiros descansam de horas de trabalho voluntário, os olhos inchados pelo sono, a cara manchada pela cinza.

No refeitório da Câmara, servem-se as refeições confeccionadas pelo Instituto Superior Militar de Agueda, a homens que durante horas e horas se alimentaram de laranjas e água.

Na garagem quase deserta, outras corporações esperam instruções para saírem. Um cartaz, colocado por cima do painel onde estão afixados os comunicados, é sinal da tenacidade destes homens: «terreno já temos, o quartel há-de vir».

Uma transcrição dos «Lusiadas», num outro painel, desperta a atenção: «Acode e corre, pai, que se não corres, pode ser que não aches quem socorrer...».

E, é com emoção que a população e os bombeiros olham para os cacifos onde faltam capacetes. Dos que, pela noite fora continuam o combate, e dos que encontraram a morte.

Bombeiros unânimes: "É necessário planejar a floresta"

As declarações de responsáveis governamentais sobre o agravamento de penas para os incendiários como forma de combater os incêndios, não resolvem por si só a questão dos fogos florestais, segundo disseram ao «DL» responsáveis de várias corporações que combateram o fogo em Agueda. Mais do que medidas repressivas, o importante é planejar o desenvolvimento da floresta.

«O agravamento de penas não é a grande forma de ultrapassarmos os fogos na floresta, porque não há flagrante delito», declarou ao «DL» Jaime Soares, Comandante dos Voluntários de Vila Nova de Poiares.

«A resolução dos fogos passa pela aplicação do decreto regulamentador 55/81, pelo emparcelamento e por uma série de medidas», precisou. «Passa, também, passa por uma lei de planeamento da floresta e, é evidente, pela fiscalização que permita encontrar e castigar quem põem o fogo e quem manda incendiar a floresta».

Para o Comandante Neves Santos, de Agueda, tudo passa «pela prevenção e detecção». «O problema da detecção é da Direcção Geral das Florestas, que se queixa que não tem dinheiro, e nem sei se as vigias estão a funcionar», prossegue. «O que se tem de mudar é a estrutura global, pois temos que equacionar o problema a todos os níveis, e nós, bombeiros, não queremos ser confrontados com factos consumados; queremos ser ouvidos, mas a nossa opinião, na maior parte das vezes, não é escutada».

Para Neves Santos, o futuro do combate aos incêndios nas florestas, passa por um conjunto harmónico de sensibilização, prevenção e meios, e por um adequado planeamento. «Quando devíamos preparar uma época no ano anterior, começamos a prepará-la quando os incêndios deflagram». Caso contrário, sublinha, «continuaremos a ouvir dizer em momentos de drama e crise que os bombeiros vão ser dotados de meios mais sofisticados, o que é um falso problema».

A questão passa, como sublinhou Jaime Soares, por um planeamento da floresta, só possível pelo ordenamento do território. A este propósito, o Presidente da Câmara de Agueda, José João Ribeiro, depois de considerar que «a profilaxia através de meios preventivos» tem sido mínima, sublinhou que «a Câmara teve a iniciativa de contactar a Comissão de Ordenamento Agrário para que um técnico desses serviços, e os serviços técnicos camarários comecem a fazer um ordenamento do território, a partir da delimitação dos perímetros urbanos». O presidente do Município salientou que essa Comissão está receptiva a desanexar zonas incluídas na reserva agrícola, e que todo o trabalho que há a fazer neste campo tronca no futuro Plano Director Municipal.

Meios aéreos: só os espanhóis...

A presidir aos destinos da edilidade há cinco anos, o Presidente da Câmara de Agueda vê o futuro com preocupação. «Este é um Concelho onde a capacidade empresarial é enorme, em que a riqueza florestal é das maiores do País, e não tem sido devidamente aproveitada». «Com ataques como estes», prossegue, «receamos que esta riqueza, se não vier a desaparecer, perderá o significado económico-social que efectivamente tem».

Em relação aos meios preventivos, José João Ribeiro indicou a necessidade de criação de uma toalha de água no Alfusqueiro, que teria uma dupla função: «acorrer a situações como esta, e constituir um bem hidro-agrícola, que realizasse a regularização do rio, e combatesse a poluição resultante da enorme densidade industrial».

No combate ao incêndio não se distinguiram os meios aéreos que, apesar de em Portugal haver um decreto regulamentador que marca o início da época dos fogos florestais para 1 de Junho, não estavam operacionais.

Jaime Soares, um dos Comandantes dos bombeiros mais críticos quando este serviço estava dependente da Protecção Civil, encara a inoperacionalidade do combate aéreo como um «incidente de percurso»: «os meios aéreos não funcionam antes do tempo normal, e esta situação não tem nada a ver com uma falha na estrutura montada, são incidentes de percurso». No entanto, observa, «na óptica dos bombeiros, tudo já devia estar a funcionar».

Para o Comandante dos Voluntários de Agueda, a possibilidade de combate aéreo ao sinistro teria limitado as consequências. Mas, quando se admite que, normalmente, os meios aéreos são estão operacionais em meados de Julho, na noite de sábado sabia-se que, se as chamas voltassem a romper em força, dois hidro-aviões...espanhóis estariam preparados para intervir.

Soares e Eurico de Melo nos funerais

'Os mortos também falam: saibamos ouvir a sua voz'

— disse o bispo coadjutor de Aveiro

Milhares de pessoas integraram ontem os funerais dos bombeiros voluntários de Águeda e Anadia que morreram carbonizados no fogo do Caramulo. Um ambiente de consternação e dor assinalou os cortejos fúnebres. A emoção apoderou-se de todos os que participaram nas cerimónias fúnebres naquelas duas vilas do distrito de Aveiro, entre eles o PR, Mário Soares, e o titular do MAI, Eurico de Melo.

O Presidente da República, Mário Soares, o ministro da Administração Interna, Eurico de Melo, o secretário de Estado da Agricultura, João Gusmão, o deputado socialista Manuel Alegre, natural da região, foram algumas das individualidades que integraram o cortejo fúnebre dos bombeiros de Águeda.

Autoridades civis, militares e religiosas da região integraram também o préstito fúnebre, bem como representações de corporações de bombeiros de todo o País. As ur-

nas com os corpos dos bombeiros mortos encabeçavam o cortejo entre alas de centenas de bombeiros perfilados e milhares de pessoas de todas as idades que, chorando, iam engrossando o funeral à medida que ia passando pelas ruas de Águeda.

A representação oficial, constituída pelo Presidente da República, ministro da Administração Interna (em representação do Primeiro-Ministro) e o secretário de Estado da Agricultura, abandonou o cortejo a meio da Avenida Eugénio Ribeiro, em Águeda para se iniciar uma missa de corpo presente também presidida pelo bispo coadjutor de Aveiro, D. António Marcelino.

A celebração eucarística presidida por D. António Marcelino assistiram Mário Soares, Eurico de Melo, o secretário de Estado da Agricultura e autoridades civis, militares e religiosas.

Na homilia que proferiu, o bispo coadjutor de Aveiro di-



rigiu-se aos Bombeiros Voluntários de Anadia afirmando: «Felicito-vos por terdes na vossa corporação mais quatro heróis. São eles que fazem a história da vossa corporação. Sejam dignos deles».

O prelado salientou, a dado passo, que «os mortos tam-

bém falam — saibamos todos ouvir a sua voz, seguir o seu exemplo».

No fim da missa, o funeral seguiu para o cemitério da localidade de Moita, onde ficaram sepultados três bombeiros, tendo o quarto ido para o cemitério de Vilarinho, ambos no concelho de Anadia.

Cavaco Silva pede à AR

Penas mais severas já este Verão

O Primeiro-Ministro Cavaco Silva apontou em Santarém a necessidade de instituir penas «muito violentas» para aqueles que criminosamente ateiam os fogos.

Comentando o incêndio de Águeda, que provocou 16 mortos, Cavaco Silva disse que o Governo apresentou na Assembleia da República uma proposta de lei que prevê penalizações muito fortes para quem provoca fogos. Mas — frisou — «apesar de ter sido aprovada na generalidade, não saiu ainda cá para fora».

«Era um bom serviço que a Assembleia da República prestava ao País se pusesse a lei cá fora, antes do Verão, para que os que provocam a destruição do nosso património florestal, e pioram a vida das pessoas, fossem dissuadidos», acrescentou Cavaco Silva na sua visita à Feira Nacional de Agricultura.

As penas, por mais severas que sejam, por si só não chegam, uma vez que é necessário que os autores de tais crimes sejam apunhados em flagrante delito. Outros problemas, de resto, pairam sobre os bombeiros portugueses, como se refere noutra local desta edição, na reportagem do envio do «DL» a Águeda.

Questionado sobre quais as medidas que o Governo vai tomar em relação às famílias das vítimas, o Primeiro-Ministro disse que «o ministro de Estado, Eurico de Melo, não deixará de apresentar em Conselho de Ministros tudo o que seja necessário para que ocorra o reconhecimento público daqueles que dão a vida de forma tão abnegada».

Cavaco Silva considerou que as dimensões que o incêndio assumiu não se ficaram a dever apenas à falta de meios, mas também às condições climáticas desfavoráveis que puseram em perigo as povoações.

Anuncia presidente do SNB

Mais 173 equipas especiais para a primeira intervenção

O presidente do Serviço Nacional de Bombeiros, António Laranjeira, afirmou em Águeda que este ano vão ser constituídas mais 173 equipas especiais de bombeiros de primeira intervenção.

António Laranjeira, que em Águeda prestou homenagem aos bombeiros e civis que morreram no combate ao fogo que reduziu a cinzas vasta área do Caramulo, acrescentou que os bombeiros passarão, assim, a dispor de um total de 210 grupos especiais de primeira intervenção. Cada grupo é constituído por cinco homens e uma viatura.

António Laranjeira disse que os bombeiros, com o apoio do Governo, têm feito grande esforço para que a floresta portuguesa não arda de mais.

Adiantou que ainda falta fazer alguma coisa no campo das transmissões de rádio, onde este ano foram investidos cerca de 50 000 contos em rádios portáteis, e referiu que os aviões e helicópteros entram em acção a partir do próximo mês de Julho, sublinhando que os incêndios da floresta estão a exigir que a situação seja revista.

O presidente do Serviço Nacional de Bombeiros disse ainda que sobrevoaram a região devastada da serra do Caramulo dois aviões espanhóis que o governo do país vizinho colocou à disposição de Portugal, salientando o espírito de solidariedade demonstrado pela protecção civil de Espanha.

Realçou também que os familiares dos bombeiros vão receber um seguro superior a 2000 contos e pensões de sangue de valor igual a duas ou três vezes o ordenado mínimo nacional.

António Laranjeira disse esperar que as companhias de seguros procedam rapidamente ao pagamento aos familiares dos bombeiros.

PCP e PRD tomam posição

O presidente do PRD, Hermínio Martinho, enviou telegramas de condolências aos comandantes dos Bombeiros de Águeda e de Anadia.

Nos telegramas, o líder dos renovadores democráticos manifestou-se «profundamente consternado pelas proporções do incêndio e pelas consequências trágicas que teve nas duas corporações».

Por seu turno, a Comissão Distrital de Aveiro do PCP defendeu a criação «imediata» de formas de compensação para as vítimas do incêndio.

Em comunicado, a distrital de Aveiro do PCP sustenta que são necessárias «medidas governamentais de extrema urgência para resolver a situação de quem ficou sem nada e o relançamento da actividade produtiva».

«Impõe-se igualmente medidas que permitam repor o material perdido pelas corporações de bombeiros e compensar as autarquias pelas infra-estruturas danificadas», acrescenta o documento, que manifesta o seu pesar pelas consequências do incêndio.

Chamusca, Tomar e Portimão: mais suspeitas

A serra de Tomar, uma vasta área de mato entre Silves e Portimão e Vale de Cavalos, no concelho da Chamusca, já não ardem. As chamas que apavoraram as populações daquelas três frentes, na passada semana, estavam debeladas sábado à tarde, ao cabo de muito esforço e abnegação das corporações de bombeiros de cada uma das zonas. Sabe-se que o descuido de seareiros de Vale de Cavalos terá originado o incêndio, numa primeira fase. As chamas estavam controladas na quinta-feira à noite, mas vieram a reacender-se no dia seguinte. Quanto ao fogo de Portimão adensam-se as suspeitas de fogo posto.

A imprevidência de um agricultor da Portela da Serra esteve na origem do fogo de Tomar.

O sinistro da serra de Tomar consumiu uma área «incalculável» e foi combatido por dezasseis viaturas e cem homens das corporações de Tomar, Entrancamento, Abrantes, Vila Nova de Ourém e Ferreira do Zêzere. Pinheiros, eucaliptos e mato: tudo o que o fogo encontrou pela frente foi devorado. Duas pessoas queimadas: um homem de meia idade e uma mulher de 27 anos, Maria Manuela Rosa Marques, que foi transportada para Lisboa com queimaduras graves, dando entrada nos serviços respectivos do Hospital de S. José. Como acima se disse, as chamas tiveram origem numa queima de restolho, provocada por um lavrador da Portela, vindo a propagar-se a Caramochel, Vale de Vine, Venda e Levegada.

O incêndio de Portimão deflagrou antes do meio dia de sábado, numa zona compreendida entre a Senhora de Verde e Ventura Pinto, a meio caminho entre aquela cidade e Monchique. Os bombeiros atacaram as chamas durante três horas, mas não conseguiram evitar que consumisse também alfarrobeiras e amendoeiras, além de mato e eucaliptos.

Fontes dos BV de Portimão avançaram no próprio local do sinistro — mantendo tal suposição sob reserva — que o incêndio terá sido de origem criminosa.

Morreu uma senhora na «Casa Colombo»

Uma mulher morreu no fogo que destruiu um edifício da Rua do Esmeraldo, no Funchal, como o «DL» de sábado noticiou. O comandante dos Bombeiros Vo-

luntários madeirenses admitiu inicialmente que no fogo da «Casa Colombo» houvesse mais vítimas, para além dos 14 feridos, metade dos quais hospitalizados na capital da Madeira.

É o que esta tarde se ficará a saber, uma vez que a operação de remoção dos escombros foi hoje iniciada e deverá pôr a descoberto — caso as haja — os cadáveres de pessoas que terão desaparecido e se suspeita que hajam sido soterradas. As autoridades desconheciam, no sábado, o número exacto de pessoas instaladas na «Casa Colombo».

O prédio destruído da Rua do Esmeraldo, a «Casa Colombo», com cinco andares, estava há muito abandonado e nele se acotavam marginais e prostitutas. Aliás, um dos pontos de encontro das prostitutas do Funchal era aquela casa.

Todo o quarteirão chegou a estar ameaçado pelas chamas que só não se propagaram aos prédios contíguos da Rua do Esmeraldo dada a pronta intervenção dos bombeiros que atacaram as chamas do terraço de um edifício antigo, a fábrica de bolachas e biscoitos do Funchal, na Rua dos Tanoeiros — paralela à da «Casa Colombo».

Dezasseite fogos na área de Gaia

As seis corporações de bombeiros do concelho de Vila Nova

de Gaia combateram dezasseite incêndios no passado sábado.

Os Sapadores Municipais de Vila Nova de Gaia, que dispõem de 20 homens e três viaturas, acorreram a sinistros em matas em Vilar de Andorinho, Avintes, junto à auto-estrada perto de Grijó, em Serzedo (perto do campo de futebol) e, ainda, em Vilar do Paraíso, na própria localidade e no lugar da Capçada.

Os Voluntários de Águeda, com 11 homens e dois carros, combateram incêndios em matas junto a São Félix da Marinha e no lugar de Matosinhos. Também na Freguesia de São Félix da Marinha. Por seu turno, os Voluntários de Valadares estiveram em Cadavão (Vilar do Paraíso), Igreja de Rechousa (Canelas) e Serzedo.

Os Voluntários de Coimbrões, com 15 bombeiros e quatro carros, acorreram a incêndios na Senhora do Monte (Carvalhos), Coimbrões, próximo da Estação das Devsas, e na Rua Barão do Corvo, em Coimbrões. Os Voluntários de Avintes, com 12 homens e duas viaturas, acorreram a fogos em matas no Lugar de Lever e na Estrada 222, em Avintes, enquanto a corporação dos Carvalhos esteve na Senhora do Monte (Pedroso-Carvalhos), junto da auto-estrada em Grijó e no Alto do Monte (Pedroso).



BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

RELATÓRIO DO CONSELHO DE GESTÃO EXERCÍCIO 1985

I — CONSIDERAÇÕES GERAIS

1. Ao nível da macro-economia poderemos adiantar que apesar da procura global ter experimentado um certo crescimento em 1985, devido fundamentalmente à expansão do sector exportador, a procura interna manteve-se praticamente estacionária e o investimento voltou a sofrer uma quebra, embora com alguns sinais de recuperação observáveis a partir dos fins do ano.

A prolongada continuação de uma tal situação da economia não podia deixar de afectar de modo sensível os agentes económicos e reflectir-se também na actividade bancária.

Este contexto conjuntural e a natureza da política monetária implementada condicionaram, assim, o desenvolvimento da actividade bancária em 1985 que, no essencial, se poderá caracterizar pelos seguintes aspectos:

- continuação da acumulação de excessos de liquidez que apenas encontraram aplicação nos mercados interbancários a taxas não compensadoras;
- tendência para uma melhoria do rácio Depósitos à Ordem/Depósitos a Prazo devido essencialmente à atenuação do crescimento dos depósitos a prazo de residentes na parte final do ano por efeito da canalização da poupança para o novo mercado de Bilhetes do Tesouro;
- crescimento moderado do crédito concedido que não chegou mesmo a atingir, em alguns Bancos, os limites estabelecidos pela Autoridade Monetária;
- persistência das anteriores dificuldades no reembolso dos créditos.

2. Face a este quadro desfavorável foi objectivo prioritário do Conselho de Gestão, no seguimento de orientação encetada em anos anteriores, a rentabilização controlada dos recursos, a segurança das aplicações e a racional utilização dos meios humanos e materiais com vista a minimizar os efeitos da conjuntura nos resultados de exploração.

3. Relativamente à actividade creditícia procurou-se, dentro do respeito pelas regras do enquadramento, privilegiar os sectores preferenciais da economia, nomeadamente no domínio agro-pecuário, investimento produtivo e sector exportador.

Paralelamente à dação do crédito foram objecto de cuidadosa atenção os aspectos da solvabilidade dos intervenientes e da finalidade e aplicação dos fundos mutuados.

Por outro lado, face à deterioração conjuntural assinalada, intensificaram-se as medidas do controlo sistemático anteriormente estabelecido para o crédito vencido e não regularizado com vista à solução oportuna das situações possíveis e a tomada das medidas adequadas a cada caso.

4. Quanto aos Recursos Humanos, prosseguiu-se a política de contenção de quadros — sem quebra da produtividade e qualidade dos serviços prestados — através da saída controlada de trabalhadores do activo para a situação de reforma. Conseguiu-se, assim, significativa redução do número de empregados sem que se deixasse de efectuar algumas admissões tidas como indispensáveis.

Com o objectivo de melhor caracterizar a estrutura social do Banco, foi elaborado o respectivo Balanço Social.

No que toca à formação são de salientar os significativos esforços que têm vindo a ser realizados nesta área visando a melhoria da capacidade técnica e de gestão dos empregados.

Outro aspecto que mereceu especial atenção foi o da motivação dos empregados. Destaca-se, a este respeito, a publicação e aplicação do Estatuto de Carreiras Profissionais, instrumento adequado na gestão previsional dos efectivos e a realização profissional dos empregados, tendo em conta as suas aptidões e qualificações de acordo com a capacidade e mérito demonstrados.

5. Durante o ano de 1985 continuou-se o esforço de racionalização das estruturas e procedimentos dos Departamentos mediante o recurso crescente à informática com o objectivo de melhorar a sua operacionalidade e capacidade de resposta.

Novo impulso foi dado aos estudos para a informatização do Banco com a elaboração de um plano director de informática para o período de 1986/90, onde se sistematizam as políticas e as acções tendentes a adopção de uma nova filosofia de desenvolvimento informático que possa dar resposta pronta e adequada às necessidades de informação sentidas aos diversos níveis de gestão e se define ainda um novo modelo de funcionamento dos balcões numa perspectiva de futuro que tem em especial atenção o primado do cliente e a rentabilidade do Banco.

6. Com vista a melhorar as condições de trabalho e de atendimento do público, e no seguimento de projectos em curso, foram concluídos e inaugurados em 1985 os edifícios das agências de Angra do Heroísmo, Mortágua e Sines.

Paralelamente foram feitas beneficiações em outras agências, sendo de destacar a ampliação levada a cabo na agência de Aveiro.

Nas novas instalações houve já a preocupação de criar condições que facilitem a implantação futura de equipamentos, com base em novas tecnologias, designadamente no domínio da informática.

Prosseguiu, ao ritmo possível em obra de tanto vulto, a construção do já denominado Edifício BNU na confluência das Avenidas Cinco de Outubro e de Berna, em Lisboa, onde irão concentrar-se os serviços centrais do Banco.

No tocante à gestão do património imobiliário não afecto à exploração, definiram-se critérios que irão possibilitar a sua progressiva alienação, tendo-se insistido no desenvolvimento de diligências com vista aos desinvestimentos a que há que proceder neste domínio.

7. A actuação na área internacional prosseguiu a orientação iniciada no ano anterior. Continuou-se, assim, o processo de informatização e centralização do tratamento das operações em moeda estrangeira, baseado na unidade de Swift, e intensificaram-se as acções de formação técnica e reciclagem no domínio das operações em moeda estrangeira visando em especial o pessoal das agências.

Abriu, finalmente, em 1 de Outubro de 1985, o mercado de câmbios que embora circunscrito inicialmente apenas à intervenção de instituições locais é de admitir que venha a alargar-se ainda este ano ao exterior. A nossa intervenção nesta área de câmbios tem sido activa esperando-se que, em 1986, se registre o crescimento programado para o respectivo volume de operações.

O nosso Escritório de Representação em Londres não pôde ainda, em 1985, ser transformado em Agência, prosseguindo o desenvolvimento dos contactos visando tal finalidade. A acção do ERL caracterizou-se, assim, pelo prosseguimento das acções anteriores nos domínios de apoio às relações comerciais da nossa clientela com o Reino Unido e de relações com a Banca local.

8. Em Macau, cuja economia se ressentiu da diminuição de procura externa verificada em 1985 com origem especialmente na desaceleração do crescimento da economia americana, a actividade comercial do Departamento tem-se orientado por uma política de crescimento moderado, privilegiando a segurança das aplicações, ao mesmo tempo que através do processo de informatização em curso se tem dado do Banco uma imagem de modernização e dinamismo, nomeadamente através da oferta de novos serviços a clientes.

No âmbito do plano de expansão adoptado, adquiriram-se instalações na Rua 5 de Outubro para mais uma agência (a sexta), cuja abertura deverá ter lugar no primeiro trimestre do ano de 1986.

II — APRECIAÇÃO DO BALANÇO E DAS CONTAS DE RESULTADOS

1. EVOLUÇÃO DAS PRINCIPAIS RUBRICAS DO BALANÇO

Como variações mais significativas ocorridas no primeiro membro do Balanço salientam-se as seguintes:

- As Disponibilidades de Caixa e Depósitos no Banco de Portugal diminuíram em 1985 de 1709 milhares de contos em virtude da redução dos valores mínimos da reserva de caixa verificada em Dezembro de 1985;
- Os Valores a Cobrar apresentam uma redução de 5314 milhares de contos facto que é devido, em parte, a uma maior rapidez conseguida na mobilização deste tipo de efeitos;
- Os Depósitos e Aplicações Noutas Instituições de Crédito aumentaram de 14 323 milhares de contos;
- As Acções, Obrigações e Quotas registaram um aumento de 7371 milhares de contos;
- As rubricas que constituem as Operações Activas aumentaram, globalmente, de 20 000 milhares de contos como adiante melhor se verá.

Quanto ao segundo membro do Balanço destaca-se:

- O Capital Social foi aumentado, de harmonia com o Despacho do Senhor Secretário de Estado do Tesouro de 19/9, de 4000 milhares de contos para 7000 milhares de contos, tendo o conjunto dos capitais próprios passado para 7820 milhares de contos;
- As rubricas de Depósitos aumentaram 38 785 milhares de contos e serão, adiante, objecto de análise mais desenvolvida.

2. OPERAÇÕES ACTIVAS

As Operações Activas apresentam a seguinte evolução:

(Em milhares de contos)

Operações Activas	Em 31 de Dezembro				Diferenças	
	1984		1985			
	Em valores absolutos	Em %	Em valores absolutos	Em %	Em valores absolutos	Em %
Crédito Concedido Aplicações de Re- cursos Consignados Devedores	197 230	87,97	214 927	88,06	+ 17 697	+ 8,97
	13 564	6,05	11 347	4,65	- 2 217	- 16,34
	13 396	5,98	17 799	7,29	+ 4 403	+ 32,87
TOTAL	224 190	100,00	244 073	100,00	+ 19 883	+ 8,87

De notar que as taxas de variação apresentadas se encontram influenciadas no sentido da baixa pela descida do câmbio da pataca (moeda de Macau) ocorrida em 1985.

O volume do crédito concedido atingiu em 1985, no Continente e Ilhas, o montante de 325 369 milhares de contos, sendo 58% constituído por crédito novo e o restante por reformas.

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

3. OPERAÇÕES PASSIVAS

As Operações Passivas apresentaram a seguinte evolução:

(Em milhares de contos)

Operações Passivas	Em 31 de Dezembro				Diferenças	
	1984		1985			
	Em valores absolutos	Em %	Em valores absolutos	Em %	Em valores absolutos	Em %
Depósitos	288 387	92,30	327 172	92,00	+ 38 785	+ 13,45
Recursos Diversos	24 066	7,70	28 466	8,00	+ 4 400	+ 18,28
TOTAL	312 453	100,00	355 638	100,00	+ 43 185	+ 13,82

O quadro evidencia o desajustamento entre o crescimento dos recursos representados pelas Operações Passivas (+ 43 185 m.c.) e o das aplicações constituídas pelas Operações Activas (+ 19 883 m.c.) inscritas no quadro do ponto 2., facto que salienta o aumento de liquidez formado pelas conhecidas limitações à expansão do crédito interno.

Dada a importância dos depósitos no conjunto das operações passivas, faz-se, no quadro seguinte, o seu desdobramento:

(Em milhares de contos)

Depósitos	Em 31 de Dezembro				Diferenças	
	1984		1985			
	Em valores absolutos	Em %	Em valores absolutos	Em %	Em valores absolutos	Em %
À Ordem	75 342	26,12	86 147	26,33	+ 10 805	+ 14,34
Poupança	8 720	3,03	11 590	3,54	+ 2 870	+ 32,91
A Prazo (*)	204 325	70,85	229 435	70,13	+ 25 110	+ 12,29
TOTAL	288 387	100,00	327 172	100,00	+ 38 785	+ 13,45

(*) — Inclui os Depósitos com Pré-Aviso.

De assinalar que em fins de 1985 se verificou uma apreciável desmobilização de depósitos a prazo que foram canalizados para os Bilhetes de Tesouro então emitidos, o que explica a redução verificada na taxa.

4. PROVEITOS POR NATUREZA

Os Proveitos no exercício de 1985 elevaram-se a 70 747 milhares de contos, o que representa um aumento de 7705 milhares de contos em relação a 1984.

Para este aumento contribuíram essencialmente as rubricas que a seguir se analisam:

4.1. Proveitos de Operações Activas

(Em contos)

Proveitos de Operações Activas	Em 31 de Dezembro				Diferenças	
	1984		1985			
	Em valores absolutos	Em %	Em valores absolutos	Em %	Em valores absolutos	Em %
Juros de Desconto	27 015 666	49,59	28 129 889	44,51	+1 114 223	+ 4,12
Juros e Comissões de Créditos c/ Caução	9 939 124	18,24	12 781 972	20,23	+2 842 848	+28,60
Outros Proveitos	17 526 311	32,17	22 280 779	35,26	+4 754 468	+27,13
TOTAL	54 481 101	100,00	63 192 640	100,00	+8 711 539	+15,99

Na rubrica Outros Proveitos incluem-se, fundamentalmente, os juros recebidos da colocação de fundos nos mercados interbancários resultantes dos excessos de liquidez, e os proveitos da nossa actividade com o Estrangeiro.

De notar ainda que tanto os Proveitos das Operações Activas aqui referidos como os Custos das Operações Passivas mais adiante analisados se encontram influenciados pela baixa das taxas de juro ocorridas em 1985 quer em Portugal quer em Macau.

4.2. Proveitos de Serviços, Outras Operações e Outros Proveitos Bancários

(Em contos)

Proveitos de Serviços Outras Operações e Outros Proveitos Bancários	Em 31 de Dezembro				Diferenças	
	1984		1985			
	Em valores absolutos	Em %	Em valores absolutos	Em %	Em valores absolutos	Em %
Transferências	5 372	0,10	6 334	0,16	+ 962	+ 17,91
Cobranças	998 786	18,10	1 021 725	25,83	+ 22 939	+ 2,30
Colocação de Emissões	14 273	0,26	34 995	0,88	+ 20 722	+145,18
Créditos Abertos	127 308	2,30	129 950	3,29	+ 2 642	+ 2,08
Garantias e Avals	444 346	8,05	427 397	10,80	- 16 949	- 3,81
Serviços Bancários Diversos	137 870	2,50	249 066	6,30	+ 111 196	+ 80,65
Outros proveitos	3 790 508	68,69	2 086 125	52,74	-1 704 383	- 44,96
TOTAL	5 518 463	100,00	3 955 592	100,00	-1 562 871	- 28,32

A diminuição registada neste tipo de receitas deve-se, essencialmente, à quebra substancial que se verificou nos proveitos cambiais, que estão registados na rubrica «Outros Proveitos», em resultado do comportamento do mercado de câmbios, especialmente da descida e flutuação do dólar americano. Esta diminuição de receitas conjugada com o facto de alguns lucros de natureza excepcional obtidos em 1984, mas não repetidos em 1985, explicam a diferença assinalada no quadro.

4.3. Rendimento de Títulos de Crédito e Participações Financeiras

(Em contos)

Rendimento de Títulos de Crédito e Participações Financeiras	Em 31 de Dezembro				Diferenças	
	1984		1985			
	Em valores absolutos	Em %	Em valores absolutos	Em %	Em valores absolutos	Em %
Juros de Títulos da Dívida Pública	2 143 278	77,66	2 276 790	69,54	+133 512	+ 6,23
Outros Juros e Rendimentos	616 563	22,34	997 180	30,46	+380 617	+61,73
TOTAL	2 759 841	100,00	3 273 970	100,00	+514 129	+18,63

5. CUSTOS POR NATUREZA

O total dos encargos suportados no exercício de 1985, sem considerar os impostos, as dotações para amortizações e provisões ascendeu a 68 894 milhares de contos o que, relativamente a 1984, representa um aumento de 7762 milhares de contos.

Para este aumento contribuíram fundamentalmente as rubricas que a seguir se analisam:

5.1. Custos de Operações Passivas

(Em contos)

Custos de Operações passivas	Em 31 de Dezembro				Diferenças	
	1984		1985			
	Em valores absolutos	Em %	Em valores absolutos	Em %	Em valores absolutos	Em %
Depósitos à Ordem	271 997	0,52	302 235	0,52	+ 30 238	+ 11,12
Depósitos Poupança	1 798 691	3,43	2 528 815	4,34	+ 730 124	+ 40,59
Depósitos a Prazo (*)	50 182 843	95,67	54 394 264	93,33	+ 4 211 421	+ 8,39
Outros Juros	200 224	0,38	1 057 306	1,81	+ 857 082	+ 428,06
TOTAL	52 453 755	100,00	58 282 620	100,00	+ 5 828 865	+ 11,11

(*) — Inclui os Depósitos com Pré-Aviso.

A menor taxa de crescimento registada nos Depósitos a Prazo está relacionada com a desmobilização desta natureza de depósitos verificada a partir dos fins de 1985 por transferência das poupanças dos residentes para a modalidade de Bilhetes do Tesouro.

A elevada subida da rubrica «Outros Juros» tem origem na remuneração de recursos de outras naturezas angariados em Macau.

5.2. Custos com o Pessoal

Os Custos com o pessoal elevaram-se a 7866 milhares de contos, distribuídos pelas rubricas indicadas no quadro seguinte:

(Em contos)

Custos com o Pessoal	Em 31 de Dezembro				Diferenças	
	1984		1985			
	Em valores absolutos	Em %	Em valores absolutos	Em %	Em valores absolutos	Em %
Remunerações	4 922 272	74,73	5 818 640	73,97	+ 896 368	+18,21
Encargos Sociais Obrigatórios	1 613 734	24,50	1 990 577	25,31	+ 376 843	+23,35
Outros Encargos	50 447	0,77	56 503	0,72	+ 6 056	+12,00
TOTAL	6 586 453	100,00	7 865 720	100,00	+1 279 267	+19,42

O maior crescimento percentual observado na rubrica Encargos Sociais Obrigatórios tem origem no aumento do peso das pensões de reforma e sobrevivência em virtude de, conforme as orientações para esta área de gestão, grande parte do pessoal reformado não ter sido compensado com novas admissões.

6. RESULTADOS

O «cash-flow» atingiu o montante de 1763 milhares de contos que tem a seguinte aplicação:

— Dotação para Amortizações	471 milhares de contos
— Dotação para Provisões	1 108 milhares de contos
— Lucro de Exploração	184 milhares de contos

Após a consideração do saldo da conta de Lucros e Perdas foi apurado um Resultado do Exercício de esc. 141 004 523\$24.

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

III — NOTAS FINAIS

1. Os Órgãos Sociais do BNU foram objecto, em 1985, das seguintes alterações:

- por Despacho conjunto do Primeiro-Ministro e do Ministro das Finanças e do Plano de 30/1/85 foi nomeado membro do Conselho de Gestão o sr. dr. Fernando Ginja Mendes;
- por Resolução do Conselho de Ministros de 20/9/85, foram exonerados de membros do Conselho de Gestão os srs. drs. João da Silva Guerra, Luís António Gomes Moreno e Rui de Carvalho e Cunha Fortes da Gama que, no entanto, haviam terminado o seu mandato, e nomeados membros do mesmo Conselho os srs. drs. Eduardo José da Silva Farinha, João Assunção Fernandes e Mário Macias Fernandes;
- por despacho do Ministro das Finanças e do Plano de 14/7/85 foi exonerado, a seu pedido, de revisor oficial de Contas da Comissão de Fiscalização o sr. dr. Amável Sílvia da Costa e em sua substituição nomeado o sr. dr. Vasco de Almeida Faria.

Por Resolução da Presidência do Conselho de Ministros de 7/2/86 cessou funções como membro do Conselho de Gestão o sr. dr. Mário Macias Fernandes.

O Conselho de Gestão agradece aos membros exonerados a boa e leal colaboração que sempre deram ao Banco no desempenho das suas funções.

2. A concluir, não podemos deixar de expressar o nosso reconhecimento a todos os que, de algum modo, contribuíram para os resultados alcançados, designadamente:

- às Autoridades Monetárias pela compreensão e apoio que nos dispensaram;
- às Autoridades do Território de Macau e ao Instituto Emissor de Macau pela colaboração que sempre nos foi prestada, o que tornou possível o melhor relacionamento e o desempenho pelo Banco das funções que lhe cabem de exclusivo Agente e Banqueiro do I.E.M. no Território;
- à Comissão de Fiscalização pela sua prestimosa e permanente assistência;
- aos clientes que nos distinguiram com a sua confiança;
- aos trabalhadores do Banco, pelo esforço desenvolvido e dedicação demonstrada e, bem assim, as suas estruturas representativas pela valiosa colaboração que representou o diálogo estabelecido.

Lisboa, 21 de Março de 1986

O CONSELHO DE GESTÃO

Mário Martins Adegas (Presidente)

Abel Pinto Repolho Correia

Fernando Ginja Mendes

Mário Macias Fernandes

João Assunção Fernandes

Eduardo José da Silva Farinha

PARECER DA COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO DO BANCO NACIONAL ULTRAMARINO RELATIVO AO EXERCÍCIO DE 1985

1. — Dando cumprimento ao disposto na alínea c) do n.º 1 do art.º 22.º do Decreto-Lei n.º 729-F/75 de 22 de Dezembro, vem esta Comissão de Fiscalização emitir o seu parecer sobre o Relatório, Balanço e Contas do Banco Nacional Ultramarino, relativos ao exercício de 1985.

2. — Dos actuais membros da Comissão de Fiscalização, o Revisor Oficial de Contas foi nomeado em 14 de Julho de 1985, em substituição do anterior Revisor, que pediu a sua exoneração.

3. — No desempenho das suas funções, a Comissão de Fiscalização procurou acompanhar atentamente a actividade do Banco no continente e regiões autónomas, verificando o cumprimento das leis e regulamentos aplicáveis, bem como as instruções das Autoridades Monetárias, de que teve conhecimento, e com os meios que atempadamente foram postos à sua disposição pelo Conselho de Gestão e Serviços do Banco.

4. — A actividade do Banco continuou a desenvolver-se num contexto desfavorável onde sobressaem os elevados activos de rendimento nulo, tema que tem sido acompanhado pelo Conselho de Gestão com a Tutela, com particular atenção, pelos seus reflexos na rentabilidade do Banco.

5. — Entre os factores positivos da Gestão do Banco é de salientar o crescimento dos proveitos das operações activas, superior ao do custo das operações passivas, não obstante a quebra verificada no "Cash Flow" consolidado.

6. — A Comissão acompanhou ao longo do ano os esforços do Conselho de Gestão na área da recuperação do crédito concedido, visando contrariar a evolução desfavorável do crédito vencido e não pago, e acompanhou os principais problemas de que teve conhecimento.

7. — Quanto ao Departamento de Macau, a Comissão de Fiscalização analisou os elementos contabilísticos postos à sua disposição.

8. — Neste exercício o Banco procedeu, nos termos do Despacho do Senhor Secretário de Estado do Tesouro, n.º 1.191/85, de 19/9, ao aumento do seu capital social para 7 milhões

de contos, por incorporação de Reservas, sendo de referir também que o valor do Imobilizado Corporeo continua muito superior ao dos Capitais Próprios.

9. — O Resultado do Exercício, apresentado pelo Balanço Consolidado, é de 141 milhares de contos, superior ao do ano anterior (131 milhares de contos), tendo as Provisões sido reforçadas com 1108 milhares de contos.

10. — Os critérios valorimétricos não foram alterados, em relação aos do exercício anterior, tendo-se procedido às Amortizações e Reintegrações do Activo Imobilizado, em conformidade com as taxas previstas na Lei Fiscal.

11. — A Comissão analisou igualmente o Relatório do Conselho de Gestão, que foca os aspectos mais significativos da actividade do Banco, e a evolução da sua situação patrimonial e financeira, durante o Exercício de 1985.

12. — O Balanço e a Demonstração de Resultados, mostram-se elaborados em conformidade com o «Plano de Contas para o Sistema Bancário», e instruções e orientações das Autoridades Monetárias.

13. — Nestes termos, a Comissão de Fiscalização dá o seu parecer favorável à aprovação destes documentos (n.º 1 do art.º 28.º do Decreto-Lei n.º 729-F/75).

14. — Por último, a Comissão de Fiscalização sublinha o positivo funcionamento institucional da Comissão com o Conselho de Gestão e a boa colaboração recebida dos Departamentos do Banco no desempenho das suas funções.

Lisboa, 18 de Abril de 1986

A COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO

José Luís Nunes — Presidente

Vasco de Almeida Faria — ROC

David Domingues — Vogal

CERTIFICAÇÃO LEGAL DAS CONTAS

1. Examinámos as contas do Banco Nacional Ultramarino, que compreendem o Balanço em 31 de Dezembro de 1985, a Demonstração de Resultados — Conta de Exploração e de Perdas e Lucros —, e o respectivo Anexo, relativos à actividade exercida no Continente, Açores e Madeira, elaborados em conformidade com o «Plano de Contas para o Sistema Bancário», aprovado pelo Decreto-Lei n.º 455/78, de 30 de Dezembro, e instruções e orientações das Autoridades Monetárias, com a profundidade possível nas circunstâncias.

2. Examinámos, igualmente, estes documentos «Consolidados» com a actividade exercida em Macau.

3. É nossa convicção que os citados documentos de prestação de contas apresentam de forma verdadeira e apropriada a situação financeira do Banco, bem como os resultados das suas operações referentes a este exercício, de acordo com os princípios contabilísticos geralmente aceites na actividade bancária, aplicados de uma forma consistente em relação ao exercício anterior.

Lisboa, 8 de Abril de 1986

O REVISOR OFICIAL DE CONTAS

Vasco de Almeida Faria

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1985

CONSOLIDADO

CONTAS	ACTIVO BRUTO	PROVISÕES AMORTIZAÇÕES E MENOS-VALIAS	ACTIVO LÍQUIDO	CONTAS	PASSIVO	
Caixa e Depósitos em Bancos Centrais	19 453 097 713\$51		19 453 097 713\$51	Depósitos à Ordem	86 147 692 802\$33	
Valores a Cobrar	9 550 723 386\$91		9 550 723 386\$91	Depósitos com Pré-Aviso	113 703 086\$54	
Depósitos e Aplicações noutras Instituições de Crédito no País	36 428 844 620\$14		36 428 844 620\$14	Depósitos a Prazo	229 321 477 888\$34	
Depósitos no Estrangeiro	19 649 241 908\$76		19 649 241 908\$76	Depósitos de Poupança	11 589 749 759\$46	327 172 623 536\$67
Notas e Moedas Estrangeiras e Ouro	589 441 920\$02		589 441 920\$02	Cheques e Ordens a Pagar	1 559 299 320\$26	
Crédito Concedido	214 926 617 488\$52	7 581 769 299\$29	207 344 848 249\$23	Recursos Consignados	11 347 381 481\$20	
Ações, Obrigações e Quotas	21 969 354 649\$30	28 233 655\$51	21 941 120 993\$79	Outros Recursos	13 991 377 990\$97	
Bilhetes do Tesouro	612 892 235\$00		612 892 235\$00	Credores	3 128 231 624\$66	
Aplicações de Recursos Consignados	11 347 095 252\$80		11 347 095 252\$80	Contas Diversas	73 836 784 583\$61	103 863 075 000\$70
Devedores	17 799 311 848\$42		17 799 311 848\$42	Provisões para Riscos Diversos		1 293 024 379\$53
Participações Financeiras	1 110 406 088\$19		1 110 406 088\$19	Capital	7 000 000 000\$00	
Imóveis	11 192 247 597\$17	1 916 531 572\$85	9 275 716 024\$32	Reservas	820 330 123\$20	7 820 330 123\$20
Equipamento	2 327 256 878\$83	1 296 655 292\$21	1 030 601 586\$62	Resultado do Exercício		141 004 523\$24
Outras Imobilizações	3 819 127 218\$85	567 536 672\$78	3 251 590 546\$07			
Contas Diversas	80 905 125 189\$56		80 905 125 189\$56			
TOTAIS	451 680 783 995\$98	11 390 726 432\$64	440 290 057 563\$34	TOTAL		440 290 057 563\$34

Contas Extra-Patrimoniais	
Valores Recebidos em Depósito	19 064 465 913\$54
Valores Recebidos para Cobrança	16 256 632 592\$49
Valores Recebidos em Caução	163 378 246 114\$51
Garantias e Avals Prestados	21 348 295 044\$73
Créditos Abertos	7 183 426 219\$77
Aceites em Circulação	1 310 907 463\$87
Valores Dados em Caução	303 995 680\$00
Compras a Prazo	2 241 530 205\$19
Vendas a Prazo	2 645 998 324\$37
Outras Contas Extra-Patrimoniais	96 141 228 699\$16

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS DO EXERCÍCIO DE 1985

CONSOLIDADO CONTA DE EXPLORAÇÃO

Débito	Montante	Crédito	Montante
Custos de Operações Passivas	58 282 620 427\$33	Proveitos de Operações Activas	63 192 640 377\$57
Custos com o Pessoal		Proveitos de Serviços Bancários	1 212 199 522\$33
Remunerações dos Órgãos de Gestão e Fiscalização	25 328 389\$60	Proveitos de Outras Operações Bancárias	2 354 778 596\$80
Remunerações de Empregados	5 793 311 522\$90	Rendimento de Títulos de Crédito e de Participações	
Encargos Sociais Obrigatórios	1 990 576 917\$04	Financeiras	3 273 970 366\$73
Outros Custos com o Pessoal	56 502 902\$23	Outros Proveitos Bancários	388 613 595\$89
Fornecimentos de Terceiros	400 835 662\$46	Proveitos Inorgânicos	16 803 467\$69
Serviços de Terceiros	1 452 774 646\$60		
Outros Custos Bancários	633 278 268\$25		
Impostos	23 652 787\$17		
Custos Inorgânicos	17 197 091\$97		
Dotações para Amortizações	470 987 063\$01		
Dotações para Provisões	1 107 962 837\$78		
Lucro de Exploração	183 977 410\$67		
TOTAL	70 439 005 927\$01	TOTAL	70 439 005 927\$01

CONTA DE LUCROS E PERDAS

Débito	Montante	Crédito	Montante
Perdas Relativas a Exercícios Anteriores	270 943 726\$81	Lucro de Exploração	183 977 410\$67
Perdas Excepcionais	2 204 698\$25	Lucros Relativos a Exercícios Anteriores	292 241 737\$13
Dotações para Impostos sobre Lucros do Exercício	109 508 080\$95	Lucros Excepcionais	16 241 090\$20
Resultado do Exercício	141 004 523\$24	Provisões Utilizadas	31 200 791\$25
TOTAL	523 661 029\$25	TOTAL	523 661 029\$25

DEPARTAMENTO DE PLANEAMENTO,
CONTABILIDADE E CONTROLO
O DIRECTOR,
JOSÉ DA SILVA BAPTISTA

O CONSELHO DE GESTÃO,
MÁRIO MARTINS ADEGAS – Presidente
ABEL PINTO REPOLHO CORREIA
FERNANDO GINJA MENDES
MÁRIO MACIAS FERNANDES
JOÃO ASSUNÇÃO FERNANDES
EDUARDO JOSÉ DA SILVA FARINHA

Aprovado por despacho do Senhor Secretário de Estado adjunto do Ministro das Finanças e do Tesouro,
de 21.5.86.

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1985

Continente, Açores e Madeira

CONTAS	ACTIVO BRUTO	PROVISÕES AMORTIZAÇÕES E MENOS-VALIAS	ACTIVO LÍQUIDO	CONTAS	PASSIVO	
Caixa e Depósitos em Bancos Centrais	19 450 530 763\$34		19 450 530 763\$34	Depósitos à Ordem	72 005 940 961\$50	279 063 871 418\$11
Valores a Cobrar	9 510 338 237\$01		9 510 338 237\$01	Depósitos com Pré-Aviso	113 703 086\$54	
Depósitos e Aplicações noutras Instituições de Crédito no País	32 709 076 787\$66		32 709 076 787\$66	Depósitos a Prazo	195 354 477 610\$61	
Depósitos no Estrangeiro	6 866 598 024\$10		6 866 598 024\$10	Depósitos de Poupança	11 589 749 759\$46	
Notas e Moedas Estrangeiras e Ouro	512 604 425\$49		512 604 425\$49	Cheques e Ordens a Pagar	1 558 254 206\$46	53 585 504 127\$88
Crédito Concedido	171 132 351 669\$09	7 506 569 739\$29	163 625 781 929\$80	Recursos Consignados	3 463 775 339\$77	
Ações, Obrigações e Quotas	21 829 368 085\$65	28 233 655\$51	21 801 134 430\$14	Outros Recursos	3 789 719 940\$73	
Bilhetes do Tesouro	612 892 235\$00		612 892 235\$00	Credores	2 898 684 816\$30	
Aplicações de Recursos Consignados	3 463 489 111\$37		3 463 489 111\$37	Contas Diversas	41 875 069 824\$62	463 701 094\$93
Devedores	17 003 214 041\$08		17 003 214 041\$08	Provisões para Riscos Diversos		
Participações Financeiras	1 012 106 088\$19		1 012 106 088\$19	Capital	7 000 000 000\$00	
Imóveis	10 445 061 098\$36	1 854 191 935\$41	8 590 869 162\$95	Reservas	820 330 123\$20	
Equipamento	1 932 395 575\$41	1 090 549 399\$11	841 846 176\$30			141 004 523\$24
Outras Imobilizações	3 640 964 129\$95	490 173 717\$96	3 150 790 411\$99	Resultado do Exercício		
Contas Diversas	51 923 139 462\$94		51 923 139 462\$94			
TOTAIS	352 044 129 734\$64	10 969 718 447\$28	341 074 411 287\$36	TOTAL		341 074 411 287\$36

Contas Extra-Patrimoniais	
Valores Recebidos em Depósito	17 900 090 867\$22
Valores Recebidos para Cobrança	15 274 904 729\$56
Valores Recebidos em Caução	133 649 314 261\$88
Garantias e Avals Prestados	18 668 536 400\$47
Créditos Abertos	6 162 302 740\$94
Aceites em Circulação	1 310 907 463\$87
Valores Dados em Caução	303 995 680\$00
Outras Contas Extra-Patrimoniais	83 362 234 044\$33

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS DO EXERCÍCIO DE 1985

Continente, Açores e Madeira

CONTA DE EXPLORAÇÃO

Débito	Montante	Crédito	Montante
Custos de Operações Passivas	53 630 317 620\$41	Proveitos de Operações Activas	57 616 125 091\$58
Custos com o Pessoal		Proveitos de Serviços Bancários	1 201 094 872\$13
Remunerações dos Órgãos de Gestão e Fiscalização	25 328 389\$60	Proveitos de Outras Operações Bancárias	2 260 926 442\$36
Remunerações de Empregados	5 408 872 313\$80	Rendimento de Títulos de Crédito e de Participações Financeiras	3 272 087 135\$33
Encargos Sociais Obrigatórios	1 968 332 728\$00	Outros Proveitos Bancários	347 464 305\$83
Outros Custos com o Pessoal	15 592 719\$45	Proveitos Inorgânicos	12 446 100\$00
Fornecimentos de Terceiros	346 180 460\$41		
Serviços de Terceiros	1 288 274 707\$41		
Outros Custos Bancários	610 560 418\$50		
Impostos	16 011 802\$35		
Custos Inorgânicos	9 168 397\$20		
Dotações para Amortizações	355 279 105\$00		
Dotações para Provisões	901 639 000\$00		
Lucro de Exploração	134 586 285\$10		
TOTAL	64 710 143 947\$23	TOTAL	64 710 143 947\$23

CONTA DE LUCROS E PERDAS

Débito	Montante	Crédito	Montante
Perdas Relativas a Exercícios Anteriores	270 943 726\$81	Lucro de Exploração	134 586 285\$10
Perdas Excepcionais	2 204 552\$77	Lucros Relativos a Exercícios Anteriores	292 124 636\$27
Dotações para Impostos sobre Lucros do Exercício	60 000 000\$00	Lucros Excepcionais	16 241 090\$20
Resultado do Exercício	141 004 523\$24	Provisões Utilizadas	31 200 791\$25
TOTAL	474 152 802\$82	TOTAL	474 152 802\$82

DEPARTAMENTO DE PLANEAMENTO,
CONTABILIDADE E CONTROLO
O DIRECTOR,
JOSÉ DA SILVA BAPTISTA

O CONSELHO DE GESTÃO,
MÁRIO MARTINS ADEGAS – Presidente
ABEL PINTO REPOLHO CORREIA
FERNANDO GINJA MENDES
MÁRIO MACIAS FERNANDES
JOÃO ASSUNÇÃO FERNANDES
EDUARDO JOSÉ DA SILVA FARINHA

Aprovado por despacho do Senhor Secretário de Estado adjunto do Ministro das Finanças e do Tesouro,
de 21.5.86.

Houve 181 tentativas em 1984

Psiquiatras de Braga querem "piquete" anti-suicídios

O elevado número de tentativas de suicídio torna necessário que seja colocado um médico psiquiatra no serviço de urgência do Hospital de São Marcos, em Braga, concluiu um estudo de clínicos deste hospital.

Após um estudo sobre tentativas de suicídio registadas no serviço de urgência do hospital durante o ano de 1984, três médicos concluíram que «seria de interesse para todos» a presença de um especialista do foro psiquiátrico.

Segundo aquele estudo, durante o ano de 1984 recorreram ao serviço de urgência do Hospital de S. Marcos 181 indivíduos vítimas de intoxicação aguda que, pela sua história clínica, se presume resultante de tentativas de suicídio.

Cerca de 70 por cento dos protagonistas destes casos são jovens (até aos 30 anos). A seguir vêm os pacientes com idade acima dos 40 anos, mas os adolescentes e adultos jovens são um número significativo.

A idade compreendida entre os 16 e os 20 anos

corresponde a 32,4 por cento do total de casos.

No grupo etário dos 10 aos 20 anos, 71,4 por cento dos casos correspondem ao sexo feminino e 28,6 por cento ao sexo masculino, refere o trabalho de investigação, publicado no «Boletim do Hospital de São Marcos» relativo ao mês de Maio.

Aqueles três médicos concluem que 51,4 por cento dos casos de tentativas de suicídio correspondem a indivíduos solteiros, 43,1 por cento a indivíduos casados, e apenas 1,1 por cento a viúvos. Cerca de quatro por cento correspondem a casos desconhecidos, entre os quais, separados ou divorciados.

As mulheres, tanto casadas como solteiras, formaram a maior percentagem de casos: 68,8 por cento de mulheres solteiras para 31,2 por cento de

homens solteiros e 65,4 por cento de mulheres casadas para 34,6 por cento de homens casados.

Relativamente ao tipo de drogas utilizadas nas tentativas de suicídio, os autores do estudo concluíram que em 27 casos (14,9 por cento) houve ingestão voluntária de pesticidas.

Em 146 casos houve ingestão medicamentosa (80,7 por cento), dos quais 90 utilizaram psicofármacos isolados (49,7 por cento).

O facto de a maior percentagem de casos com indivíduos até aos 20 anos coincidir com os meses de Abril a Junho leva os autores do estudo a concluir que o insucesso escolar poderá ser uma das causas motivadoras das tentativas de suicídio.

Outra das conclusões a que chegaram é a de que os homens têm tendência a suicidarem-se à noite, as mulheres durante o dia, e que o meio urbano é o mais propício a alterações de ordem psiquiátrica condicionantes destes actos.

Furgoneta despenha-se ribanceira do Funchal

Os arredores do Funchal, uma furgoneta despenhou-se na ribanceira, causando a morte do tutor Martinho de Carvalho, de 62 anos. Entretanto, e devido a excesso de velocidade, um automóvel despiou-se na auto-estrada que liga o Porto a Carvalhos, tendo morrido o condutor e facado ferido o seu acompanhante. Ramiro Ferreira dos Santos, de 70 anos, residente em Grijó, faleceu a caminho do Hospital de Vila Nova de Gaia, onde Guilherme António Vieira, de 54, ficou internado em estado grave.

Pescador afogado em naufrágio nos Açores

Na ilha do Faial, nos Açores, junto ao vulcão dos Capelinhos, naufragou o barco de pesca «Gavião Lusitano», tendo morrido afogado um dos seus dois tripulantes, João Lima da Silva, de 49 anos. O acidente ficou a dever-se ao facto da embarcação se ter aproximado demasiado da costa, em virtude do denso nevoeiro, tendo embatido num baixio e voltado-se. Na altura o mar estava calmo e não havia vento.

Apareceu enforcado na Penitenciária

O operário cabo-verdiano detido na Penitenciária de Lisboa por suspeita de ter assassinado no mês passado um seu compatriota, em Portimão, apareceu morto por enforcamento na cela que ocupava, admitindo as autoridades prisionais tratar-se de suicídio. Tal como noticiámos, Quintino Vaz Landim, fora detido no Terreiro do Paço, à saída de um barco proveniente do Barreiro, após denúncia de um irmão da vítima.

Matou-se por o terem roubado

Um pedreiro de 48 anos, de apelido Ramos, residente em Câmara de Lobos, na ilha da Madeira, após ter sido assaltado e despojado de todo o dinheiro que trazia consigo, ingeriu um produto tóxico que lhe causou a morte.

Ainda seria levado com vida ao Hospital Central de Faro onde chegou por volta das 15 horas e meia de ontem mas faleceria meia hora depois.

União Internacional de Família reúne em Lisboa

Um em cada três casais europeus é divorciado

Na Europa um em cada três casais é divorciado, situação que se tem agravado e que é extensiva a Portugal, embora se não disponha de estatísticas, disse uma responsável da Direcção-Geral da Família.

Sobre o encontro da União Internacional dos Organismos Familiares que ontem começou em Lisboa, Maria Alcina Almeida disse à Anop que o objectivo desta reunião anual «é o de introduzir um sistema mais participativo, em que não caiba ao juiz decidir por si só a custódia da criança em caso de divórcio do casal, mas em que sejam também ouvidos os pais e os filhos».

Tradicionalmente, é o tribunal que cabe entregar ao pai ou à mãe a tutela do filho, acrescentou.

No entanto, hoje em dia, disse «procura-se que seja também o casal a decidir, pretendendo-se que os filhos sejam ouvidos e no caso destes

serem menores, os avós».

Esta medida, poderá «desacelerar» o aumento dos divórcios e separações que tem crescido de modo alarmante na Europa e em Portugal.

Maria Alcina afirmou que «a criança deve manter contacto com o pai e a mãe separados ou divorciados. Compete pois ao casal superar as diferenças em favor do desenvolvimento da criança».

A adopção de um novo sistema mais participativo — que se não reduza só à intervenção do Tribunal na atribuição da custódia da criança ao pai ou à mãe — «poderá levar ao diálogo e certos casos poderão ser ultrapassados havendo reconciliação do casal», frisou Maria Alcina.

A presidente da União Internacional dos Organismos da Família, Teresa Costa da Camêla presidiu à sessão de abertura dos trabalhos da comissão

do «Casamento e Relações Interpessoais» desta organização.

O tema desta reunião é «a ajuda na decisão aos pais, filhos e tribunais em casos de separação e divórcio — a preparação da decisão».

Em representação do ministro de Estado da Administração Interna esteve presente na sessão de abertura Luís Moreira, secretário-geral daquele Ministério.

Neste primeiro dia de trabalhos foram apresentadas três comunicações: «serviço de conciliação», «aproximação a uma ajuda em casos de divórcio», e a terceira sobre o caso português, da autoria do director do Centro de Estudos Judiciários.

Durante os quatro dias de trabalhos (a reunião prolonga-se até segunda-feira) estarão reunidos 67 participantes de dezoito países da Europa, América e África.

Já detido pela Polícia Judiciária

Sobrinhos de Mário Soares ameaçados de morte por casal

Um casal, constituído por Luís, de 32 anos, funcionário num cemitério de Lisboa, e Graça, de 27, empregada na Fundação Calouste Gulbenkian, foi detido pela Polícia Judiciária sob a acusação de ameaças de «raptos, mutilação, violação e morte» de três crianças, sobrinhas em se-

gundo grau do Presidente da República, dr. Mário Soares.

Através de telefonemas e de cartas, o casal, ao que afirma a Polícia Judiciária, exigiu inicialmente seis mil contos, e mais tarde quatro mil, ao avô das crianças, dr. Tertuliano Soares, ameaçando que caso ele não

cumprisse a exigência, as suas netas seriam «raptadas e mortas, antes de serem mutiladas e violadas».

O casal fez confessado à PJ que o dinheiro se destinava à compra de um andar. Graça trabalhava no mesmo sector que a mulher do dr. Tertuliano Soares, professora de música na Gulbenkian.

Eliminada no Barreiro passagem de nível com 125 anos

A Câmara Municipal do Barreiro acaba de inaugurar uma passagem desnívelada na Rua Miguel Bombarda, eliminando assim uma passagem de nível com guarda da CP. No acto inaugural, o presidente do Muni-

pio, Hélder Madeira referiu-se à passagem de nível como algo que «arrelhiava o Barreiro há 125 anos, fechando cerca de 150 vezes por dia, por períodos não inferiores a 3 minutos, num total diário de mais de 7 horas».

A obra, orçada em 250 mil contos, foi concretizada em 15 meses e, como alternativa aos transtornos causados aos comerciantes da zona, a Câmara comprometeu-se a montar



Mário Castrim

MEU caro senhor — Não, desta vez não posso calar a minha indignação. Você excedeu-se quando apareceu a defender, ou pelo menos a deitar água benta, com a ironia que o caracteriza (obrigado, meu povo, obrigado!) no acordo ortográfico recentemente assinado, perdão!, recentemente assinado — e está a ver como eu aprendi com você a fazer gracinhas palavrescas...

Como pode você não estar do lado das pessoas mais inteligentes e mais cultas deste país? Das mais nacionalistas? Das mais históricas? Como é que você, que está sempre conta tudo (pelo menos é o que se diz) aparece de repente ao lado de uma coisa francamente tenebrosa?

Diz você (se não diz, pensa-o) que eu escrevo, ato, exatamente, direito e outras palavras ainda piores está na óptima, perdão!, na ótima companhia de um Graciliano Ramos, de um Manuel Bandeira, de um Fernando Pessoa, de um Fernando, e assim por diante. Mas o caso não é esse. O caso está na sua influência extra-ortográfica.

Assim, sabe-se que o acordo é o culpado do surto de alergia em evolução. É ele quem polui o Rio Tejo, quem complica o trânsito, quem esburaca as estradas, quem provoca os acidentes nos caminhos de ferro, quem está na base do insucesso escolar, quem ocasionou a derrota diante da Inségnia, quem provoca a polsegurança em prol. Os salários em atraso são motivados por ele. As agências noticiosas americanas foram ao ponto de admitir que na origem do acidente de Tchernobyl está o acordo ortográfico português e a questão é que, até hoje, ninguém apareceu com o desmentido, nem mesmo o doutor Cavaco Silva que desmente tudo e mais alguma coisa.

Tais são, não todas, mas alguns malefícios deste contrato. Eu até propunha que, com ele, se inaugurasse a era dos referendos em Portugal. Como em Portugal a assembleia de voto maioritária é analfabeta, não há dúvida de que o acordo seria rejeitado.

Mas reconheço-lhe a força. Vejamos só como um simples acordo faz esquecer tantos desacordos...

ARTIGO DE FUNDO



Jaime Pacheco, Gomes, Oliveira, José António e Diamantino: tristes vieram os «infantes»



Bento: o mais aplaudido pela (pouca) gente que estava na Portela

Desporto

“Infantes” chegaram de lanças em riste

Federação de Futebol no fio da navalha

Neves de Sousa

Às seis da manhã, cidade adormecida, aeroporto quase deserto, meia dúzia de pessoas já tinham posição estratégica junto à saída dos voos internacionais, mas nos semblantes (para além de certa tristeza) espelhava-se o sono. Chegar àquela hora do México, depois de uma campanha em que tocámos com os burrinhos na água, foi (ou não) a talvez única planificação cuidada da gerência federativa?

Nunca se saberá. A verdade é que, daí a pouco, depois da «segurança» instalada na Portela se ter convencido que aquela invasão de trabalhadores da Comunicação Social nada tinha de aterradora e não lograva por objectivo desviar o que quer que fosse, lá entrou (a numerosa salvagada) para a sala das bagagens: os «infantes» começavam a assomar junto à alfandega. E a primeira pergunta ficou logo respondida:

— Quem? O dr. Silva Kessende? O presidente da Federação já está em Portugal desde sábado. Também desta vez não quis estar ao nosso lado...

Começou o ataque. Damas, como foi isso?

— Fomos 22, chegámos 22, aconteceu futebol: o resto sabem vocês e não vale a pena (neste momento) adiantar mais nada.

Futre estava muito sereno:

— Aquilo, lá no México, foi muito mau para nós e para o futebol português. Agora, há necessidade de esquecer tudo e começar de novo. Pelo meu lado e até decidir em contrário, não faço mais qualquer comentário.

Oliveira fechou-se ainda mais: desculpe, mas também já recusei falar para outros quatro jornais. José Torres (tão folgazão como se ostentasse o título dos títulos) saltou para um espaço livre entre as malas e, sorrindo, contava a última anedota

para os adjuntos. Aos jornalistas, o demissionário técnico limitava-se a dizer:

— Não digo uma palavra. Não falo para ninguém antes de me atirarem com todos os tomates que tenham por aí...

Adiante. Os federativos estavam a um canto, muito sossegadinhos, poucos importunos à volta. Os jogadores é que viajavam num mar de interrogações. Fernando Gomes respondia:

— Este momento é de reflexão. Estamos (obviamente) muito tristes por não termos alcançado os objectivos a que nos tínhamos proposto: mas, causas que a Imprensa bem conhece, surgiram no caminho. Sobre a ida para Itália:

— Não tem qualquer fundamento, pelo menos neste momento. Há três anos que um empresário (Luciano d'Onofrio) está credenciado para tratar dos meus assuntos, inclusive de natureza comercial. Mas, não há nada com o Brescia. E, em relação ao que se passou no México, em matéria de publicidade da Federação, acatei o que estava previsto mas não podia sujeitar ao que negociiei antes, aos meus contratos, que sempre respeitei.

Sempre muito calmo, o «capitão» portista concluía:

— Chegou o tempo para reflectir e não comentar. Vamos aguardar pela hora própria para se fazer o verdadeiro balanço de tudo o que pode chamar-se «viagem ao mundial». Daqui a uns dias, espero que venham à luz factos que farão peso na opinião pública.

Carlos Manuel é que não teve papas na língua:

— Preferia não falar mais, queria ir já de férias e esquecer o que nos aconteceu. Mas, não posso calar-me: quando o presidente da Federação disse que eu e o Diamantino somos dois irresponsáveis, poderá querer

transformar-nos em bodes expiatórios. Quando se atira a qualquer jogador, tenta fazer esquecer que estivemos sempre em grupo: para o melhor, como para o pior. De resto, acusando-nos, apontando-nos a dedo (a mim e ao Diamantino) nada mais fez que confirmar a sua cor clubista, que (por acaso) não se parece nada com a nossa...

Continua o centro-campista dos rubros:

— Sempre tenho dado o meu máximo na profissão que escolhi: nada me pode ser apontado em desfavor. A verdade é que o presidente da Federação nunca quis descer até ao diálogo conosco: e a selecção tinha de sentir-se disso. O presidente preferiu um banquete ou um congresso, nem sei bem: ao pé de nós é que não esteve.

Para a «roda de Imprensa», Carlos Manuel foi veemente:

— Vejam bem: até agora, o presidente nem sequer perguntou ao Bento se ele estava melhor!

É isso: tornou-se demasiado superior. Até hoje, nem bom dia nos dá. Quanto a mim, desejo de todo o coração que se despolette uma situação que é muito confusa: e só perturba o futebol português. Sabem que mais? Desejava que a Crítica tivesse acesso a todas as actas das nossas conversações na Federação. Quanto a eu ter dito que não iria mais à selecção, vou repensar o assunto: sozinho, entre as minhas minhas paredes. Quando disse que nunca mais lá punha os pés, estava com a cabeça quente: tínhamos perdido com Marrocos, nem uma alminha tinha aparecido a consolar-nos. Mas, de qualquer maneira, o mais certo é não voltar, se certas pessoas que andam no futebol não mudarem radicalmente de atitudes. Se tornarem a ver-me com a camisola nacional fiquem certos de uma



Futre

coisa: todos os prémios que ganhar serão para crianças ou para idosos. Considero o melhor prémio já ter tido a honra de estar na selecção.

Manuel Bento de muletas, cigarro na ponta do dedo, a voz sem qualquer hesitação:

— Tenho aqui para dois meses: depois, se tudo correr bem, lutarei (como sempre o fiz) pelo lugar na baliza do Benfica. Penso que continuarei a jogar por mais dois anos: a revalidação do contrato deve estar firme: tudo estava acordado antes de ir para o México.

O problema com a Federação foi um caso à parte: de cabeça aos pés sou intocável profissionalmente. E isso parece não agradar a certa gente... Quando todos abrirem o livro, vai ser bonito!

A palavra de Álvaro:

— Realmente eu não jogava a defesa direito há cinco anos, mas tinha passado pelo lugar nos «Craks de Lamego» e na Académica de Coimbra e, de qualquer modo, um jogador profissional alinha onde o mandam estar. Podíamos ter ido mais longe: infelizmente aconteceu futebol, como já disse o Damas. Agora só me interessa aliviar o espírito: ama-

nhã tenho de estar na Luz para saber que férias vou ter. E bem preciso delas!

Sousa, a quem o dirigente sportinguista Mário Casquilho não largava por um minuto:

— Vou já lá para cima, para o Norte. Nestes dias tenho de resolver a minha situação, pois o contrato com o Sporting está a terminar.

— Muda-se mesmo para o Norte?

Sousa replica imediatamente:

— Pura especulação: até agora continuo as conversações com o Sporting, mas (confesso) havia um grande desequilíbrio entre o que eu desejava e o que me oferecem. A partir de agora depende do que surgir...

Quanto ao sucedido no México, passei por situação idêntica quando daquele caso Pedroto / Stessl: e cá estou. O problema é que ainda existe muito amadorismo a querer comandar o profissionalismo.

Jaime Pacheco quer reflectir: sobre o que se passou só voltarei a pronunciar-me futuramente. Hoje fico em Lisboa, quero saber o que pensa o Sporting a meu respeito.

Um jogador (que pediu para não o identificarmos) comenta-

— Olhem que os federativos até ficaram com as nossas camisolas! Tínhamos seis e só nos deixaram duas: as outras entraram num certo quarto...

Diamantino fecha o rol:

— Primeiro que tudo: tive oportunidade de ler a entrevista dada pelo presidente federativo e posso afirmar que aquilo que a agência «Notícias de Portugal» difundiu é mentira. As injustas afirmações não foram proferidas: porque eu estava ao pé dele quando da entrevista.

Ponderadamente, Diamantino acrescenta:

— É natural que o público esteja baralhado com muitas informações confusas. O fundamental é saber-se que os jogadores têm miolos, não usam só os pés. Mas existem pessoas que imaginam que um jogador de futebol é estúpido encartado.

Frederico acerca-se:

— Por mim, senti muito orgulho em voltar a ser internacional: embora frustrado porque fiquei a meio da viagem que tinha imaginado. Mereci o melhor sorte: mas as coisas nunca foram ditas cara-a-cara. Vou para férias: Algarve e Espanha. No regresso, talvez a justiça já esteja colocada em cima da mesa.

Diamantino atalha:

— Exacto: era mesmo isso que todos desejávamos. Uma mesa-redonda: jogadores e federativos. Nunca quisemos fazer greve: a prova é que treinámos todos os dias. Se alguém baixou os braços, não foram os jogadores. Queremos apenas alertar os futebolistas: os vindouros saberão aquilatar do passo que demos em plena consciência de classe. Unidos como estamos aqui, perante uma Federação que vai ter de explicar porque é que isto aconteceu. É o país que o deseja, somos nós quem o queremos.



O fabuloso gol de Negrete

Uruguaios ameaçados e Caldere ilibado

A FIFA rejeitou um recurso da Federação Uruguia de Futebol sobre as sanções aplicadas por mau comportamento dentro e fora do campo no desafio com a Escócia. Ao mesmo tempo, a FIFA advertiu o médico da selecção espanhola pelo facto de um dos futebolistas, Ramon Caldere, ter sido tratado num hospital com um medicamento contendo substâncias proibidas. A FIFA decidiu não castigar o futebolista (autor de dois tentos frente à Argélia) por considerar que Caldere não tinha conhecimento das substâncias com que foi tratado num hospital, devido a uma salmonela.

A Federação Uruguia tinha apresentado um recurso da decisão da FIFA de ameaçar expulsar a equipa por mau comportamento, alegando que tal atitude não é do foro da FIFA mas da Comissão Disciplinar. Uma comissão da FIFA chefiada pelo presidente João Havelange decidiu indeferir o recurso e manteve a decisão de expulsar os uruguaios se estes persistirem na violência.

O treinador Omar Borrás (segundo a defesa) foi penalizado pela organização do «Mundial» por informação recolhida na imprensa. O seleccionador afirmou após o encontro que **houve um assassino no campo que nos deixou sem um jogador**, mas (argumento o recurso) nunca se referiu directamente ao árbitro francês Joel Quiniou.

Por outro lado, os responsáveis uruguaios afirmam que vão processar o treinador escocês Alex Ferguson uruguaios dizem ter provas de que, na Conferência de Imprensa depois do jogo, Ferguson disse que o Uruguai é um **país sangrento**. O tradutor oficial omitiu aos jornalistas essa frase, mas ela ficou gravada, dizem os uruguaios.

Treinador paraguaio multado

A comissão de disciplina da FIFA multou em 10 mil francos suíços (cerca de 825 contos) o treinador paraguaio Cayetano Re. por interferências no jogo que opôs a sua equipa à da Bélgica. A FIFA adiantou que o treinador, expulso do banco no jogo Bélgica-Paraguai, foi ainda avisado para se controlar nos próximos jogos. O Paraguai (que empatou a dois golos o referido jogo) defronta nos oitavos de final a Inglaterra, em jogo a disputar na próxima 4.ª feira.

Cartaz desta noite

Programa para hoje, 17.º dia do mundial de futebol do México:

- As 19 h de Lisboa (12.00h locais) no Estádio Cuauhtémoc (Puebla): Argentina-Uruguai
- As 23h de Lisboa (16.00h locais) no Estádio Jalisco (Guadalajara): E

Formações pro

● Argentina: Nery Pumpido (18); José Cuciuffo (9), José Brow (5), Oscar Ruggeri (19) e Oscar Garre (13); Ricardo Giusti (14), Daniel Batista (2), Jorge Burruchaga (7) e Diego Maradona (10); Claudio Borghi (4) e Jorge Valdano (11).

● Uruguai: Fernando Alves (12); Nelson Gutierrez (2), Eduardo Acevedo (3), Miguel Bossio (5) e Elísio Rivero (15); Dario Pereyra (14), Jorge Barrios (8), Sérgio Santin (11) e Venancio Ramos (19) Wilmar Cabrera (21) e Enzo Francescoli (10).

● Árbitro: Luigi Anagninoli (Itália).

● Brasil: Carlos (1); Josimar (13), Edinho (4), Júlio César (14) e Branco (17); Elzo (19); Alemão (15), Sócrates (18) e Junior (C) (6); Careca (9) e Muller (7).

● Polónia: Josef Mlynarczyk (1); Kazimierz Przybys (2), Marek Ostrowski (4), Waldemar Matysik (6) e Ryszard Tarasiewicz (7); Jan Urban (8), Jan Karas (9), Włodzimierz Smolarek (11) e Krzysztof Pawlak (18); Zbigniew Boniek (20) e Dariusz Dziekanowski (21).

● Árbitro: Volker Roth (RFA).



● Mundial de Futebol

● Mundial de Futebol

Bélgica repescada afasta a URSS

● México também saltou em frente

Poucos esperavam: a Bélgica recuperou por duas vezes de uma situação de desvantagem e derrotou a URSS (por 4-3, após prolongamento) qualificando-se com o México para os quartos-de-final do «Mundial» de futebol no México.

Num jogo dramático, em que a expectativa só se escoou com o apito final, a Bélgica garantiu a passagem aos quartos-de-final no prolongamento, depois de estar a perder a 15 minutos do fim. Foi Stéphane de Mol (um jovem de 20 anos, que apenas efectuara estes anos 13 jogos pelo Anderlecht) quem rompeu a defensiva soviética. De Mol, que foi seleccionado à última hora, substituindo o veterano Rene Vandereycken (lesionado) tornou-se num «herói nacional» ao marcar o gol que permitiu aos «diabos vermelhos» a situação de vantagem pela 1.ª vez no marcador. O gol de Mol ocorreu aos 102 minutos e premiou o labor ofensivo dos belgas que, com o empate, se agigantaram no relvado, retirando-se à União Soviética a condição de favorita ao título mundial. A Bélgica, que foi repescada ao classificar-se em 3.º lugar no grupo «B» (atrás do México e do Paraguai) vai defrontar nos quartos-de-final o vencedor da partida entre a Dinamarca e a Espanha, a disputar dia 18, em Queretaro.

Entretanto, o México foi a primeira equipa a passar aos quartos-de-final, impondo-se com alguma facilidade à Bulgária, por 2-0 (com golos de Negrete e Servin). O México voltou a repetir o êxito logrado no «Mundial» de 1970, chegando aos quartos-de-final. Em 1974, não se qualificou, no «Mundial» de 1978 foi eliminado na 1.ª fase e, em Espanha (1982) voltou a não conseguir a qualificação. O México defronta nos quartos-de-final (dia 17, em Monterrey) o vencedor do encontro entre Marrocos e a Alemanha Federal.

México alegre multidão

O México venceu a Bulgária com um gol em cada parte. Manuel Negrete abriu o marcador (aos 34 minutos) e Raul Servin fixou o resultado final (62 minutos) numa partida em que nunca chegou a estar em causa a supremacia evidenciada pelo conjunto azteca.

Fortemente apoiado por mais de 100 mil espectadores, o con-

junto mexicano dominou os acontecimentos, imprimiu o ritmo ao jogo e, com um futebol ofensivo e ágil, com troca de bola ao primeiro toque, chegou cedo ao gol. Manuel Negrete (com um dos tentos mais espetaculares deste «Mundial» fazendo recordar o estilo do brasileiro Pelé) encaminhou o México para os quartos-de-final. Bulgária, que manteve a tradição de não ganhar qualquer jogo em cinco presenças no «Mundial», não foi capaz de sustentar o ímpeto dos sul-americanos, que desfrutaram de outras boas ocasiões de marcar, ainda na 1.ª parte.

O gol de Negrete confirmou a superioridade e do futebol desenvolvido pela sua equipa e o remate, de belo efeito, ficou para a história: depois de uma troca de passes com Javier Aguirre (junto à grande área) Negrete rematou com o pé esquerdo, à meia-volta, sem deixar que a bola caísse no chão, fazendo um remate cruzado sem qualquer hipótese de defesa para o guarda-redes Borislav Mikhailov.

Negrete esteve igualmente na

base do 2.º gol do México: aos 61 minutos, na marcação de um «bento» do lado direito, fez a bola cair junto à pequena área, surgindo Servin a elevar-se mais alto e a bater Mikhailov, pela 2.ª vez. O conjunto mexicano, que nos jogos da 1.ª fase não impressionou fortemente a crítica, regressou com um futebol diferente a confirmar que pretende disputar o título mundial.

A presença de Hungria Sanchez (que esteve suspenso por um jogo) acabou por se revelar importante para a manobra colectiva da equipa, que pratica agora um futebol mais desenvolvido. A Bulgária, que foi apurada por ter sido uma das equipas do grupo dos melhores 3.ºs classificados, decepcionou: futebol lento, sem ligação entre os sectores e com falta de profundidade no ataque.

Sob arbitragem de Romualdo Arpi (Brasil), que mostrou o cartão amarelo a Arabov (aos 59 minutos) as equipas alinharam:

México: Larios; Amador, Félix Cruz, Quirarte e Servin; Munóz, Negrete, Boy (De Los Cobos 79) e España; Aguirre e Hugo Sanchez.

Bulgária: Mihailov; Zdradov, Arabov, Petrov e Dimitrov; Sadkov, Iordanov, Kostandinov e Gospodinov; Pashev (Iskrenov 70) e Getov (Sirakov, 59).

O treinador da selecção mexicana, Bora Milutinovic, afirma que agradece aos seus jogadores esta vitória: «Tenho de agradecer aos meus jogadores, já que depois de três bons resultados sem grandes exhibições conseguimos um bom resultado e uma boa exibição», disse.

Sobre os quartos-de-final. Bora mostrou-se convencido de que defrontará a equipa alemã: «Com todo o respeito pelos marroquinos, penso que vamos defrontar a RFA, em Monterrey», adiantou.

Comentando a equipa alemã refere que o seu mais provável adversário «não aguentará as altas temperaturas» e lembrou que a equipa terá o apoio do público.

O treinador bulgaro, Ivan Vutsov, disse que «não se podia queixar da sua equipa, pois o público deu uma ajuda à equipa mexicana. Contrariamente aos jogos de qualificação, não fomos capazes de produzir o nosso melhor futebol. Foi a 1.ª fase final para os meus jogadores, que se mostraram muito nervosos», acrescentou.

Embate dramático

Sensacionalmente, a Bélgica garantiu a passagem aos quartos-de-final, ao derrotar a URSS por 4-3 (após prolongamento) num dos jogos mais emotivos e dramáticos do torneio. Por duas vezes em situação de desvantagem, os belgas souberam sempre recuperar e, ao cabo de 109 minutos de jogo, conseguiram não só virar o resultado como se adiantaram com dois golos de diferença.

O soviético Igor Belanov foi uma das grandes figuras da equipa, ao igualar a proeza do dinamarquês Elkjaer e do inglês Linaker, obtendo um «hat-trick»: que (afinal), de nada valeu para impedir a eliminação da sua equipa.

Num encontro repleto de emoção e entusiasmo, a Bélgica (uma das equipas repescadas dos 3.ºs lugares) conseguiu superar o favoritismo dos soviéticos, apontados como grandes candidatos à conquista do título. Vencedores incontestáveis do grupo «C», com os mesmos pontos da França mas com um favorável «goal-average» (de nove golos marcados contra apenas um sofrido) acabaram por ser infelizes, sobretudo no 2.º tempo, quando viram uma bola bater no poste e outra na trave.

Os belgas (porém) também se poderão queixar da categoria do guarda-redes soviético Dassaev, por ter salvo «in-extremis», a dois minutos do tempo regulamentar, a vitória da Bélgica, através de um remate de cabeça

Totobola: a chave

Chave do concurso número 24 do Totobola:

Lixa-Bragança		2
Lusitânia-S. Cacém		x
Uerdingen-Lausana		1
Malmo-Videoton		1
Young Boys-L. Varsóvia		1
Admira Viena-Ujpesti		1
Aarhus-Grasshopper		1
Bondby-W. Lodz		1
Magdeburgo-St. Gallen		1
Hapoel Telaviv-Lyngby		2
Odense-Lech Poznan		2
Sturm Graz-Ferencváros		2
Carl Zeiss-Orgritye		2

Totobola:

jogue connosco

CONCURSO 25/86
22 de Junho de 1986

MTK Budapeste-Dusseldorf	1
Trondhem-Malmö	2
Gornik-Videoton	x
Young Boys-Hannover	1
Ujpest-Grasshopper	1
Aarhus-Admira Viena	x
Brondby-Magdeburgo	2
Lodz-St. Gallen	1
Odense-LASK Linz	2
Gotemburgo-Zurique	1
Lucerna-Sturm Graz	2
S. Praga-Ferencváros	x
Carl Zeiss-Sarrebrück	1

Totoloto

6 - 13 - 14 - 36 - 41 - 43 + 23

Valente: fiscal no Argentina-Uruguai

O árbitro português Carlos Valente será um dos fiscais-de-linha do jogo Argentina-Uruguai, a disputar hoje no Estádio de Cuauhtémoc (em Puebla) dos oitavos de final do «Mundial» de futebol. O encontro será dirigido pelo italiano Luigi Agnoli, cuja nomeação levantou grandes polémica na delegação do Uruguai, cujos dirigentes entendem que a nomeação em cruz dos arbitros prejudica a sua equipa: um italiano vai arbitrar o Argentina - Uruguai e um argentino vai dirigir amanhã o Itália - França.

Agnoli nasceu a 21 de Março de 1943, recebeu as credenciais

da FIFA em 1980 e dirigiu já encontros do «Mundial» de juniores, na União Soviética, em 1985. Na 1.ª fase do «Mundial» do México, Agnoli (professor em Bassano Del Grappa) dirigiu o União Soviética — Hungria. Terá como fiscais de linha Carlos Valente (que arbitrou o França-Hungria) e o inglês George Courtney (que dirigiu o México - Paraguai no Estádio Azteca) e marcou uma grande penalidade no último minuto para os donos da casa (falhada por Hugo Sanchez) e que poderia dar a vitória aos mexicanos por 2-1, se fosse concretizada.

O alemão-federal Volker Roth

foi nomeado para arbitrar o Brasil-Polónia. Roth (que nasceu a 1 de Fevereiro de 1942) tem as credenciais da FIFA desde 1981 e participou no torneio de futebol dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984. Industrial de material sanitário, Volker Roth vive em Salzgritter e orientou já o Portugal - Inglaterra (em Monterrey) que terminou com a vitória dos portugueses por 1-0 e foi fiscal de linha no jogo inaugural do «Mundial», entre a Itália e a Bulgária. Terá hoje como fiscais de linha o norte-irlandês Snoddy (que arbitrou o Portugal - Marrocos) e o mexicano Marquez (que dirigiu o Uruguai-Dinamarca).



Scifo: a euforia depois do tento que rasgou a muralha

de Scifo, à «queima-roupa».

História da Luta

Os soviéticos foram os primeiros a inaugurar o marcador (aos 28 minutos) através do seu goleador de serviço Belanov, autor de um forte remate de longe) mas, de imediato, os belgas reagiram, lançando-se deliberadamente no ataque. A turma do Leste conseguiu (a custo) anular algumas tentativas de pressão dos comandados por Guy This, mas até ao intervalo foi notória a sua supremacia, sobretudo do meio-campo para a frente.

Na 2.ª parte, começou então o festival de futebol total proporcionado pelas duas equipas, sem paragens de jogo, mas antes numa evidente toada de paragem e resposta. Aos 58 minutos, o belga Enzo Scifo (que, na próxima época, vai alinhar pelo Inter, de Milão) aproveitou um erro do árbitro sueco Frederiksson, que não viu em flagrante fora-de-jogo e apontou o tento do empate para a Bélgica.

Uma dúzia de minutos mais tarde, Igor Belanov aproveitou, (desta feita) um desliz da defesa belga e colocou a União Soviética novamente em situação de vantagem (2-1).

Os soviéticos revelaram (então) alguma superioridade e ninguém parecia acreditar que fosse possível ainda a turma belga empatar a partida, uma vez que os soviéticos até

aquele momento mostravam melhor condição física. Mas o «capitão» Ceulemans, decidiu contrariar todas as expectativas e, aos 77 minutos, conseguiu o empate, num lance em que (no centro da grande-área) teve tempo para amortecer o esférico com o peito e rematar de primeira, ante a passividade dos «centrais» soviéticos.

O encontro voltou a conhecer nova emoção e, desta feita, ainda mais forte, com os 25 mil espectadores no Estádio Campo Nuevo (de Leon) a seguirem todas as múltiplas peripécias do jogo, já de pé, entusiasmados com o futebol de ataque apresentado pelas duas equipas.

O prolongamento tornou-se dramático para as duas selecções: mas a Bélgica acabou por ser um pouco mais feliz, com a obtenção de dois tentos, enquanto Belanov (agora de «penalty», um tanto duvidoso) conseguiu reduzir para 3-4.

Em jeito de balanço a este empolgante desafio pode dizer-se que a Bélgica justificou a vitória e a continuação na prova, mas quase apetece falar na injustiça de ver uma equipa como a da União Soviética ser afastada deste «mundial».

Sob arbitragem do sueco Fredriksson (que mostrou o

cartão amarelo a Renquin, aos 64 minutos) as equipas alinharam:

Bélgica: Pfaff; Gerets, De Mol, Renquin e Grun (Clysters, 101); Scifo, Vercauteren, Vervoort e Ceulemans; Claesen e Veyt.

União Soviética: Dassaev; Bal, Kuznetsov, Bessonov e Demianenko; Yaremchuk, Yakovenko (Yevtushenko 78), Aleinikov e Rats; Zavarov (Rodionov, 70) e Belanov.

«Fascinante»

O treinador da selecção belga, Guy This, disse que o jogo foi um dos mais fascinantes do «Mundial» de futebol. Muito emocionante. Penso que, depois de uns momentos de desconcentração, soubemos reagir e merecemos estar nos quartos-de-final, disse.

Sobre o encontro dos oitavos-de-final, This adiantou que qualquer equipa deve partir com espírito de vitória, mesmo que não seja favorita.

Por outro lado, o treinador soviético, Valeri Lobanovski, mostrou-se descontente com a actuação do juiz de linha espanhol Sanchez Armínio, a quem acusou de ter descontrolado a sua equipa e influenciado o resultado final. Sobre o jogo, Lobanovski referiu que se assitiu a bom futebol, entre duas equipas de classe.

Três campeões mundiais jogam hoje as cristas

O Brasil prepara a vingança da recordação amarga de 5 de Julho de 1982, tendo por «vítima» a Polónia, enquanto o encontro das duas equipas latino-americanas, (Argentina e Uruguai) é considerado «potencialmente explosivo».

No 2.º dia da fase n.º 2 do «Mundial» de futebol que se realiza esta noite, o Brasil apresenta-se no Estádio Jalisco como um favorito «cauteloso» e preparado para apagar da memória aquela derrota de há quatro anos frente aos «carrascos» transalpinos (por 3-2) eliminando-o da prova. A Polónia pode ter outros planos mas, a apresentar uma defesa semelhante à que defrontou a Inglaterra (na semana passada) pode não ir longe e o sistema de eliminação directa não vai perdoar qualquer falha.

Quatro horas depois, o Estádio Cuauhtémoc vai ser palco de um jogo em que uma das mais difíceis tarefas vai pertencer, não aos jogadores, mas ao árbitro italiano Luigi Angiolini, a «braços» com uma equipa uruguaia que já foi ameaçada de exclusão da prova pelo Comité Disciplinar da FIFA. As constantes atitudes incorrectas e a dureza de futebol praticado, fazem do Uruguai uma equipa que parece ter apenas em comum com os argentinos o facto de pertencerem ao mesmo continente. De resto, a Argentina já se demarcou do estilo de futebol uruguaio, como afirmou o «pequeno mágico» Diego Maradona: «o árbitro terá de assegurar o respeito pelas regras de futebol. Nós viemos para o México disputar o «Mundial» de futebol e não o «Mundial» de pontapés e agressões».

Em Jalisco, tudo parece estar a favor dos brasileiros, no estádio em que nunca registaram derrotas e numa cidade (Guadalajara) que consideram ser a sua segunda «casa». Outra das vantagens que a selecção «canari-nha» vai dispor é o reduzido tempo que os polacos tiveram para se habituar à altitude de Guadalajara.

Das decisões iniciais tomadas

por Telé Santana para o encontro, uma já mereceu críticas dos seus adeptos: a de manter Zico no banco dos suplentes, apesar da excelente actuação que demonstrou nos últimos 20 minutos do jogo com a Irlanda do Norte. No entanto, tudo indica que Zico vai entrar em campo durante o encontro, já numa fase em que os polacos não poderão dar resposta.

Para os brasileiros começou agora o verdadeiro «Mundial» — disse o capitão de equipa (Edinho) acrescentando que o Brasil fez o mínimo na 1.ª fase, mas está confiante na vitória, apesar da atenção ne-

cessária aos rápidos contra-ataques dos polacos.

Quanto aos uruguaios, apresentam-se como equipa de talento, apesar dos poucos amigos que fizeram depois das suas exibições com dois jogadores expulsos e cinco admoestados nos três jogos da primeira fase. Já sem contar com a suspensão do treinador Omar Borrás, que não vai poder dirigir a sua equipa no jogo com a Argentina. Apesar da pressão que se vai fazer sentir sobre os uruguaios, decerto não vão esquecer que há 56 anos, na final do 1.º Mundial, levaram a melhor sobre a Argentina (4-2).



A louca alegria mexicana

México Digest

• Muitos adeptos do futebol italiano dariam tudo para estar no lugar do mais estranho funcionário de manutenção do relvado do campo de treino de Puebla: um carneiro. O animal, que pertence ao funcionário Manuel Durango Rios, é o mais assíduo espectador dos treinos do actual campeão do Mundo (Itália), mas o seu es-

tranho trabalho de «apara-dor» de relva impede-o de desfrutar da posição privilegiada em que se encontra e observar as vedetas internacionais. A presença de tal animal em campo também não é menos estranha: à falta de pessoal de manutenção, Durango Rios trouxe o seu carneiro de casa para o ajudar no trabalho.

O SERVIÇO E A QUALIDADE FAZEM A DIFERENÇA...

Lagosta Real

VIVEIROS PRÓPRIOS
MARISCOS SEMPRE FRESCOS

Especialidade da casa
CALDEIRADA DE LAGOSTA À MARINHEIRA
COZINHA MINHOTA

R. PORTAS DE ST.º ANTÃO, 37 - TEL. 32 39 95

MARISQUEIRA DA BAIXA

Especialidade:
MARISCADA VARIADA
FEBRAS DE JAVALI NO CHURRASCO

RUA PORTAS DE ST.º ANTÃO, 41
TELEFONE 32 78 67

SOL Dourado

Especialidade:
ARROZ DE MARISCO
CABRITO À PADEIRO

RUA JARDIM DO REGEDOR, 19-25
TELEFONE 37 25 70

tem tem

Especialidade:
CHURRASCO NO CARVÃO
FONDUE

RUA D. ANTÃO DE ALMADA, 5-A
TELEFONE 36 59 44

—Modalidades—

Hóquei em patins: Jornada sem surpresas

Sporting, o Benfica, Sanjoanense e o FC Porto qualificaram-se para a segunda eliminatória da fase final do campeonato nacional de hóquei em patins da primeira divisão.

O Sporting venceu a Juventude de Viana por 5-1, o Benfica ganhou no pavilhão do Sporting

de Tomar por 6-4, a Sanjoanense triunfou em Paço de Arcos por 9-4 e o FC Porto triunfou em Oliveira de Azeite sobre a Oliveirense por 6-4.

No confronto dos dois jogos, foi assim: Juventude Viana — SPORTING: 14-6; Paço d'Arcos — SANJOANENSE: 17-8; Sporting Tomar — BENFICA:

13-8 e Oliveirense — FC Porto: 16-6.

Basquetebol: Meninas do Algés arrecadam taça

O Algés conquistou a 23.ª Taça de basquetebol feminino, ao derrotar na final o CIF, por 71-64, em partida disputada no pavilhão da Tapadinha, em Lisboa.

Ao intervalo, o Algés vencia já por 36-32. —

Luta: Selecção do Algarve vence torneio

A selecção do Algarve ganhou o Torneio Internacional Ibérico de lutas amadoras que se realizou no pavilhão Carlos Lopes, em Lisboa.

A selecção do Algarve somou 29 pontos, contra 28 da Galiza e 24 de Setúbal. Classificaram-se a seguir Lisboa com 23, Andaluza com 14 e Biscaia com 12.

Ténis: Taça Davis Áustria venceu Portugal

A Áustria venceu Portugal por 5-0 nos quartos-de-final da zona «A» da Taça Davis em ténis, assegurando a passagem

às meias-finais. A Áustria, que liderava desde sábado por 3-0, venceu as duas partidas individuais com o estreante Horst Skoff a bater Nuno Marques, por 6-2, 6-4 e Thomas Muster a derrotar João Cunha e Silva no último jogo, por 6-2, 6-1.

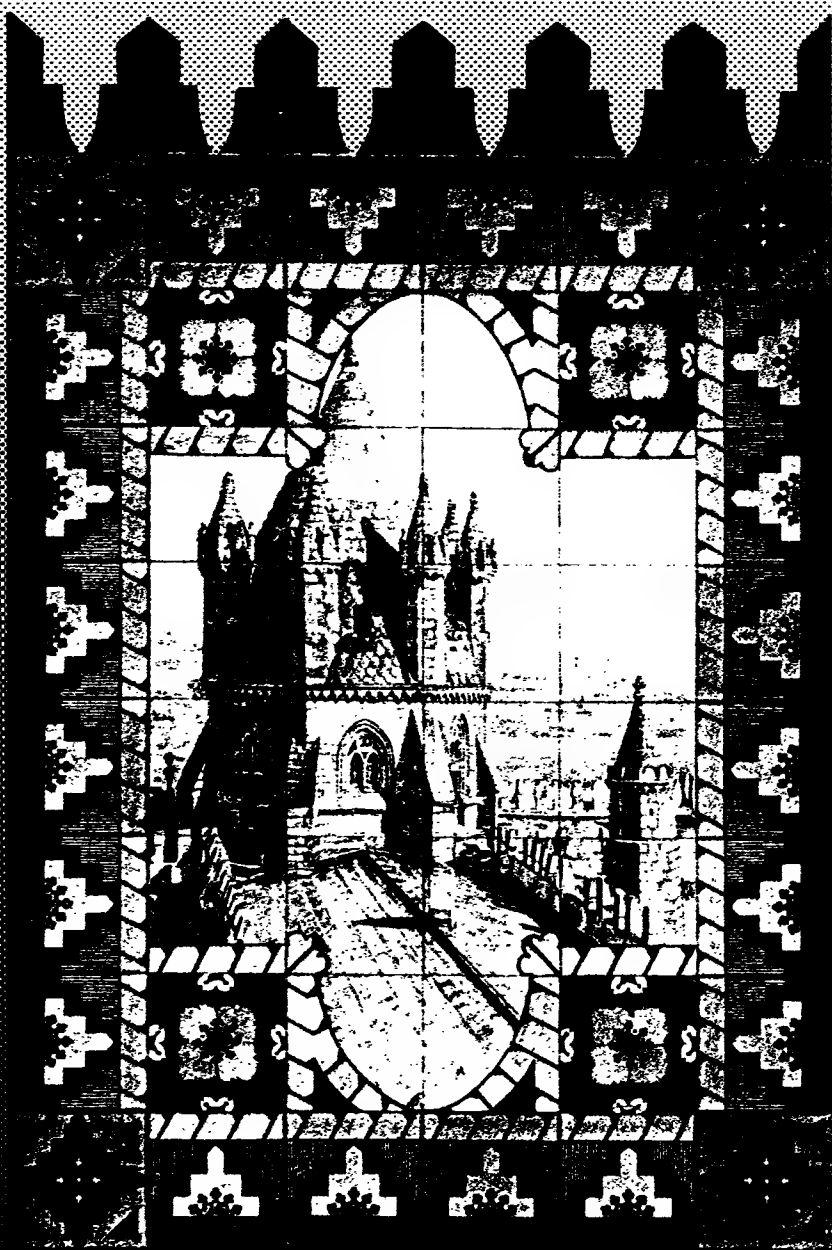
A Áustria disputa na meia-final da Zona «A» o vencedor do encontro Polónia - Roménia.

VISITE ÉVORA

Feira de S. João, 20 a 30 de Junho

Aproveite a redução de 50% que a CP lhe oferece nos bilhetes de ida e volta

Consulte as Secções de Informações ou o seu Agente de Viagens



Comboio, a opção dinâmica.

Portugueses no "Westathletic"

Seis recordes nacionais "caíram" em Barcelona

●Mamede e Aurora: triunfos individuais

Pode considerar-se brilhante a participação de Portugal na 9.ª edição da «Westathletic» que decorreu no passado fim-de-semana no Estádio de Juan Serahima, em Barcelona. Com efeito, foram batidos seis recordes nacionais, além de terem sido feitos melhores resultados em várias provas do que na edição anterior.

Por equipas Portugal conseguiu a melhor posição de sempre (5.º lugar) no escalão feminino e repetiu a 6.ª posição anteriormente atingida no sector masculino.

Os novos recordes nacionais foram os seguintes: 4x100 metros, senhoras, 46,33 (o anterior era de 44,4); 4x100 metros, masculino, 40,32 (40,52); 400 metros barreiras femininos por

Maria João Lopes, 58,87 (59,57); dardo, masculino, foi batido por duas vezes por Carlos Cunha com 66,32 e 66,36 (anterior 66,08) 100 metros femininos, Virgínia Gomes, 11,56, (11,57) e dos 110 metros barreiras, masculinos, por João Lima 14,11 (14,13).

Mamede supera Lopes

Além destes magníficos resultados importa enaltecer os triunfos individuais conseguidos pelos olímpicos Fernando Mamede e Aurora Cunha. Recorde-se que Mamede estabeleceu o recorde da «Wst athletic» nos 10.000 metros ao percorrer a distância em 27m47,84. O anterior recorde pertencia a Carlos Lopes desde 1982.

Diga-se ainda que Mamede fez o melhor tempo mundial no ano em curso.

Por seu turno Aurora Cunha gastou 8.57,31 para percorrer os 3000 metros e não teve companhia ao longo da quase totalidade do percurso. A atleta portista fez o melhor tempo português da época.

CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPAS — Homens: 1.º, Espanha, 131 Pontos; 2.º, Áustria, 126; 3.º, Holanda, 98,5; 4.º, Bélgica, 98; 5.º, Suíça, 88; 6.º, Portugal, 81,5; 7.º, Dinamarca, 50 e 8.º, Irlanda, 48.

Mulheres: 1.º, Holanda, 97 pontos; 2.º, Suíça, 88; 3.º, Espanha, 80; 4.º, Bélgica, 76; 5.º, Portugal, 62; 6.º, Áustria, 61; 7.º, Irlanda, 59 e 8.ª Dinamarca, 48.

Inatel vence torneio do futebol europeu

Festa bonita, na tarde/noite de sábado, no Centro de Férias do Inatel (Oeiras): comemorava-se o êxito da realização entre nós do campeonato europeu de futebol entre trabalhadores e, por acréscimo, o êxito da turma lusitana, rubricado pelos comandados por António Simões, o ex-Magriço que dentro de dias vai tomar conta da turma do Sporting de Espinho.

Pois foi: o Inatel venceu o Dai, (da Dinamarca) por 3-1, em jogo da final do campeonato europeu para trabalhadores, que se disputou por estas áreas e contou com representações de seis países. Ao intervalo, a equipa portuguesa vencia por 1-0, conseguindo no período complementar aumentar a vantagem, enquanto os dinamarqueses acusaram quebra física.

Com golos de Oliveira (2) e Flávio, os portugueses estiveram sempre com o jogo controlado e não sentiram grande dificuldade em vencer o encontro. Para os 3.º e 4.º lugares defrontaram-se duas equipas francesas (FSGT e FFST, cabendo a vitória à 1.ª por 4-0, com 1-0 ao intervalo. Os jogos foram disputados no Estádio da Tapadinha (Lisboa).

Na festa de convívio que encerrou o certame falaram Martins Costa (Inatel) saudando o desportivismo de todas as formações que se exibiram nesta competição, dr. Luís Bettencourt (presidente do Inatel) lamentando que a RTP e outros Órgãos da Comunicação Social estejam permanentemente de costas viradas para as muitas realizações do organismo que dirige e, em relação ao campeonato futebolístico, acentuou:

— **Campeões são todos aqueles que contribuíram com o seu entusiasmo para esta festa. Tivemos muita alegria em receber amigos: foi um prazer vê-los na nossa terra.**

O presidente do CSIT agradeceu ao Inatel, à Comissão Técnica, à Imprensa que referenciou o certame e todos os participantes pelo apoio oferecido a um campeonato que foi muito animado e óptimamente disputado. Depois, usou da palavra Fernandes Marques (secretário de Estado da Formação Profissional e Emprego) que deu os parabéns pelo sucesso da iniciativa, realçando que os anfitriões mereciam dose dupla de elogios: pela maneira como souberam acolher os estrangei-

ros que nos visitaram e pelo modo sem mácula como atingiram o triunfo desportivo final.

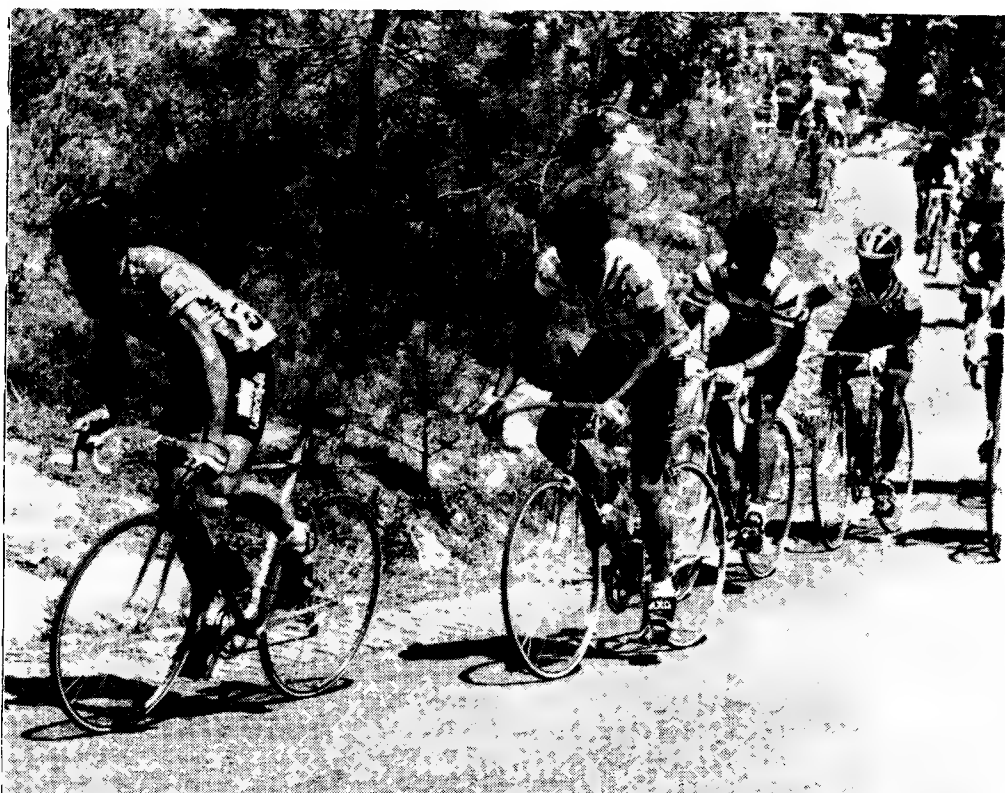
—Um sucesso que **deve muito ao talento do técnico António Simões** — salientou.

Mário Nunes da Silva (representante do Presidente da República) comungou da euforia geral e reiterou os seus parabéns ao Inatel, após o que procedeu à distribuição de prémios, consoante a classificação geral, por ordem decrescente; Inatel (Portugal), Dai (Dinamarca), FSGT (França), FFST (França), UISP (Itália), AISC (Itália), Hapoel (Israel) e Vasc (Bélgica). Como melhores jogadores foram distinguidos Cláudio Desolati e François Thierry. Turma mais disciplinada: VASC (Bélgica).

E, a finalizar, foi Simões a dizer da sua alegria («A 1.ª em carreira de treinador que principiou magnificamente»), E frisou: — «**Considero-me também um ganhador, embora o mérito seja de todos os excelentes jogadores que estiveram ao meu dispor. Só espero, no Sporting de Espinho, um trabalho tão proveitoso e vitorioso como este que logrei entre jogadores-trabalhadores.**



A partida: que irá suceder?



Acácio (óculos escuros) pede passagem

Atropelou-a depois da meta

Acácio campeão: então isso faz-se à tia?

Ele tinha avisado: vou a Portugal para me tornar campeão nacional, para poder correr no estrangeiro com a camisola de titular do meu país, da terra onde nasci mas mal conheço.

E aconteceu: ontem, percorrendo 195 quilómetros (à média horária de 34,831 km) Acácio da Silva venceu quase como lhe apeteceu, percorrendo as onze voltas a um percurso centrado na zona sintense (e com meta instalada no Linho) entre aplausos quase permanentes de uma multidão que emoldurava a estrada quase só para conhecer o sucessor de Joaquim Agostinho. À vista do último risco branco, Acácio da Silva impôs-se em «sprint», conquistando o título de campeão nacional de fundo, em ciclismo. Acácio, que este ano ganhou duas etapas da Volta à Itália, bateu Fernando Carvalho (Lousa) que foi creditado com mesmo tempo: cinco horas 35 minutos e 54 segundos.

A prova acabou por ser reduzida para 195 quilómetros (onze voltas em vez das doze inicialmente previstas) e Acácio da Silva fez prevalecer uma das suas melhores armas, o «sprint». Envergando a camisola da equipa italiana da «Malvor», Acácio da Silva tentou, ao longo do percurso, desgastar os adversários, mas estes moveram-lhe animada réplica.

Acácio da Silva, que se deslocou propositadamente a Portugal para disputar o campeonato nacional de fundo, dominou a prova desde início, mas sempre acompanhado pelos ciclistas do Lousa. Com esta vitória, o ciclista português vai envergar a camisola de nosso campeão nacional nas próximas provas na Europa, designadamente na «Volta» à França.

O campeonato foi disputado na região de Sintra, com partida



Na estrada: o empurrão da ordem

do Ramalhão e chegada ao Linho, num circuito que passava pela Lagoa Azul, Malveira da Serra, Alcabideche e Autódromo do Estoril.

A prova sofreu a redução de 17 quilómetros, por ter começado mais tarde em relação ao horário previsto: teve só 195 quilómetros por deficiência de informação à Brigada de Trânsito.

Só na parte final, quando cinco ciclistas ficaram isolados, é que Acácio forçou o andamento, vencendo depois ao «Sprint».

Dos 48 ciclistas que iniciaram a prova só 14 a concluíram. Marco Chagas (Sporting) que defendia o título, desistiu na penúltima volta.

Classificação final: 1. Acácio da Silva (Malvor) 5.35,54 ho-

ras; 2. Fernando Carvalho (Lousa) mesmo tempo; 3. Manuel Cunha (Lousa) 5.35,57; 4. José Poeira (Lousa) 5.36,8; 5. Joaquim Gomes (Sporting), 5.36,14; 6. Américo Silva (Lousa), 5.38,20; 7. Venceslau Fernandes (Ajact), mesmo tempo; 8. Manuel Correia (Sporting), mt; 9. Carlos Marta (Sangalhos), 5.51,20; 10. António Pinto (Lousa), mt; 11. Manuel Abreu (Garcia Joalheiros) mt; 12. Serafim Vieira (Sporting) mt; 13. Joaquim Salgado (Garcia Joalheiros), mt; 14. António Fernandes (Sporting), 6.04,32.

A prova registou um acidente no final. Uma tia de Acácio da Silva (D. Deolinda) que, juntamente com outros familiares do ciclista, se deslocaram propositadamente de Montalegre a Lisboa, para assistir à corrida (in-



No pódio: campeão veste símbolo

cluindo os pais e primos mais próximos), atravessou inadvertidamente o cordão de segurança quando o ciclista cortava a meta e foi colhida pelo próprio Acácio, sendo transportada ao Hospital de Sintra: felizmente, sofreu apenas ligeiras escoriações.

Acácio da Silva igualmente sofreu umas esfoladelas nos ombros, mas recuperou rapidamente e, daí a instantes, no pódio, tranquilizado pelo estado da tia, já sorria à multidão que aplaudia o rapaz de Montalegre. E perguntava: não há controlo medical?

Disseram-lhe que não, que por cá é assim: que embora tivesse sido pedido à DGD, não se poderia afectar por falta de médicos. Provavelmente estariam todos na praia:

fazia tanto calor...

Adiante. Depois do engano de um funcionário federativo (que redigira o pedido da BT da GNR com erro de uma hora, foi necessário encolher a corrida. O técnico suíço Fernando Ehlinger, que orienta Acácio da Silva, estava satisfeito com alguns ciclistas que vira em acção, especialmente por banda da turma do Lousa, que se manteve unida enquanto a hecatombe de desistências varria o pelotão e da berma da estrada vinha o cheirinho delicioso da sardinha assada.

No final, o irmão de Acácio Silva (Francisco de nariz à pugilista) confessava que tem andado com bronquite. Venceslau Fernandes estava pouco convicto: Agostinho apareceu só um: este é igual a nós, só que

tem um pouco mais de preparação porque é profissional a tempo inteiro. Manuel Cunha lamentava que o Sporting tivesse ajudado Acácio: não era preciso. E, no fim de contas, até lhes demos um banho! Do Torriense / Sicasal alguém se lamentava: o carro de apoio colocado à disposição de Acácio de pouco lhe valeu: enfiou-se na traseira da viatura conduzida por Orlando Alexandre (técnico do Lousa) e ficou como um harmónio. Emídio Pinto sara à estacada: a gente (Sporting) fizemos o nosso jogo, não viemos aqui para ajudar ninguém! Mas o «leão» Joaquim Gomes confessava: é verdade: colaborei com ele. Antes queria que fosse o Acácio a ganhar...

Acácio retirava-se, eufónico: emigrante veio, emigrante continua.

Feira de Santarém aponta futuro agrícola do País

Santarém apontou, durante os dez dias por que se prolongou a XXIII Feira Nacional de Agricultura, os caminhos que este sector deverá trilhar no futuro. Ficou demonstrado, num dos muitos colóquios que enriqueceram o certame, que «a verdadeira revolução agrícola tem de ser feita com o apoio dos jovens agricultores» e passa pelo «reforço do associativismo agrícola».

«Não é possível a modernização da agricultura — disse o ministro Álvaro Barreto — se não se criar uma nova classe de empresários agrícolas que terão, necessariamente que ser recrutados entre os jovens agricultores», acrescentou o governante na sessão de encerramento e apresentação de conclusões da reunião do Conselho Europeu de Jovens Agricultores que decor-

rreu durante três dias no âmbito da Feira Nacional de Agricultura.

Na sessão de encerramento do encontro, organizado pela Associação de Jovens Agricultores de Portugal (AJAP), participou também o presidente da Assembleia da República, Fernando do Amaral, que manifestou a sua satisfação por «presenciar uma juventude empenhada em ganhar

o testemunho da Europa».

Entre as conclusões do Encontro, o presidente da AJAP, Costa e Oliveira, destacou a necessidade de criação de um gabinete com representação tripartida (AJAP, Ministério da Agricultura e Secretaria de Estado da Juventude), com o objectivo de analisar os principais problemas da agricultura portuguesa e de uma rede de informação aos jovens agricultores.

A FNA, além de polarizar as atenções agrícolas de todo o País, funciona como «barómetro» do sector e aponta, como atrás dissemos, os caminhos a trilhar no futuro. Caminhos que cada vez se erçam de maiores dificuldades, por via da concorrência da CEE, mas que para os

jovens constituem um desafio. A mesma opinião foi expressa por Cavaco Silva na visita que fez, no sábado, a Santarém: «Com a nova geração de empresários agrícolas conseguiremos vencer o desafio que nos coloca a entrada na CEE».

Acompanhado pelo ministro da Defesa, pelo secretário de Estado da Agricultura, pelo governador civil do distrito e pelo presidente da Câmara de Santarém, o Primeiro-Ministro demonstrou-se em vários pavilhões da Feira, nomeadamente os das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira.

Cavaco Silva afirmou ainda que o sector agrícola «é fundamental para o País», aludindo às «muitas carências que existem

no sector alimentar».

Contudo, manifestou o seu «maior optimismo» sobre a evolução do sector, sublinhando que o Governo «não vai deixar de resolver as dificuldades de acesso às verbas da CEE».

«Não nos esqueçamos que entrámos há apenas seis meses para a CEE E TEMOS NECES-SIDADE DE ADAPTAR AS NOSSAS ESTRUTURAS» — frisou o Primeiro-Ministro.

A voz das gentes também se fez ouvir neste certame, o de maior importância nacional, cujo número de visitantes este ano terá sido menor devido ao «Mundial» de Futebol e à súbita subida do termómetro até números mais próximos do Verão que deste período primaveril.

“Mercado” já foi fechado

Suspensa a apanha de ostras de Setúbal

O comandante do porto de Setúbal disse à Anop que já foram notificados os apanhadores de ostras de Setúbal de que deverão cessar a actividade por ter sido detectada contaminação em alguns daqueles moluscos.

O comandante afirmou também que as Actividades Económicas foram alertadas para a «imediata retirada do mercado das ostras de Setúbal», e que tudo o que não for cumprido do edital que entretanto distribuiu a todos os interessados, constituirá uma «contra-ordenação marítima».

O único concessionário autorizado de ostras de Setúbal, Sérgio Martins Pintado, confirmou à Anop ter sido notificado da interdição de comercialização dos

moluscos e que a sua empresa vai cumpri-la. Informou que mandara parar toda a apanha e manuseamento das ostras, mas estava confiante nas análises que encomendara ao Instituto Nacional de Investigação de Pescas.

A contaminação foi detectada em ostras de Setúbal que se encontravam para tratamento num viveiro da cidade algarvia de Tavira.

Uma fonte do Instituto Ricardo Jorge citada pela Anop disse que as ostras foram controladas há cerca de duas semanas e nessa altura foram detectados «níveis de toxicidade perigosos para a saúde». Uma segunda análise mostrou que os níveis estão a diminuir «pelo que dentro de umas três semanas poderão vol-

tar a ser comercializadas», acrescentou.

Outra fonte de Setúbal afirmou à Anop que a toxidade detectada nas ostras de Setúbal era de ordem natural. As biotoxinas estão associadas a fenómenos naturais conhecidos por «algarvismo» ou «red-water».

Um responsável sanitário algarvio garantiu à Anop que naquela região «não há qualquer tipo de moluscos com biotoxina».

O responsável acrescentou que no viveiro de Vila Nova de Cacela (Algarve) estão depositadas ostras apenas de Setúbal e ainda ameijoas e mexilhões algarvios e que estes não acusaram toxicidade.

As ostras, o que não acontece

com outros moluscos, têm que ser obrigatoriamente depuradas para ser testada a existência ou não de mercúrio e biotoxinas e há legislação que penaliza as fraudes cometidas nesta matéria.

A fonte abordada pela Anop chamou a atenção para o facto de haver pessoas que ignoram tal obrigatoriedade, apontando como exemplo de um proprietário de restaurante algarvio que tinha ostras não depuradas em exposição e desconhecia que estava a infringir a Lei.

A fonte confirmou também que a depuradora de moluscos de Olhão interrompeu a depuração de ostras há cerca de três semanas.

A entidade disse à Anop que a interrupção deve-se a, na altura,

não estar localizada a contaminação e que a actividade será retomada «quando esta situação pontual estiver completamente esclarecida».

As ostras deixam o Centro Depurador de Olhão embaladas em caixas com uma etiqueta própria que indica um prazo de validade de quatro dias (no Verão) e o máximo de 10 dias (no Inverno).

O informador da Anop admitiu ser possível que um vendedor de ostras, ao conseguir vendê-las antes de expirar o prazo de validade, introduza nas caixas outras não sujeitas a qualquer tratamento.

O mesmo responsável defendeu o encurtamento da validade para três dias, «como forma de reduzir as hipóteses de fraudes».

Previsões para este ano

Turistas alemães deverão deixar-nos um milhão e meio de marcos

Os alemães-federais, o segundo grupo de estrangeiros que mais dormidas fez em hotéis nacionais em 1985, deverão gastar entre 40 a 50 mil milhões de marcos (cerca de 2 700 e 3 000 milhões de contos) este ano, fora do seu país.

Cerca de 65 por cento destes gastos serão despendidos em apenas cinco países da Europa Ocidental: Itália, Espanha, França, Áustria e Suíça, segundo previsões da repartição governamental de turismo e do banco central da Alemanha Federal.

Aquelas fontes indicam que os turistas alemães-federais gastarão este ano em três países da Europa do Sul, Jugoslávia, Portugal e Grécia, perto de 1,5 mil milhões de marcos (cerca de 100 milhões de contos).

As previsões daqueles organismos alemães-federais indicam ainda que os seus concidadãos despendirão cerca de 2,5 mil milhões de marcos (cerca de 165 milhões de contos) em países do Terceiro Mundo.

De acordo com uma fonte da Secretaria de Estado Portuguesa do Turismo, em 1985, foram

cambiados cerca de 20 milhões de contos em marcos alemães, número este que representa cerca de 10 por cento dos 200 milhões de contos em moeda estrangeira trocados em território nacional, durante o mesmo ano.

Sancho Silva, do Gabinete de Estatísticas e Inquéritos da Direcção-Geral do Turismo, disse à Anop que, em 1985, estiveram em Portugal, por um período superior a 24 horas, cerca de 412 mil alemães-federais, facto este que coloca aqueles turistas no segundo lugar na

utilização de dormidas em estabelecimentos hoteleiros portugueses.

Os ingleses, que estiveram em Portugal o ano passado em número aproximado de 800 mil, estão em primeiro lugar entre os estrangeiros que mais dormem nos hotéis nacionais, afirmou Sancho Silva, que referiu ser, no entanto, o espanhol, o estrangeiro que mais visita Portugal.

«Todavia, o espanhol — na sua maioria — é um visitante que entra e sai no mesmo dia.

Na realidade, dos cerca de 11,7 milhões de estrangeiros registados em 1985, mais de metade eram naturais de Espanha, mas não chegaram a estar 24 horas em Portugal», acrescentou.

Entretanto, as fontes da República Federal da Alemanha prevêem que cerca de 30 milhões de alemães-federais gozarão total ou parcialmente as suas férias no estrangeiro, dois terços dos quais procurarão o sol de Itália, França e Espanha ou as paisagens campestres da Áustria e Suíça, suas vizinhas.

Pagando

em juros 800

contos diários

Câmara da Covilhã deve dois milhões de contos à EDP

Os Serviços Municipalizados da Covilhã devem à EDP dois milhões de contos, crescendo esta dívida cerca de 800 contos diários só em juros. Quanto aos débitos dos consumidores à edilidade orçam em 709 mil contos, sem juros.

Teles André, vereador da APU na Câmara da Covilhã, denunciou, a propósito, que a «EDP quer ficar com os Serviços Municipalizados por tudo e meia ao pretender executar drasticamente, no espaço de 60 dias, a resolução do Conselho de Ministros que outorga à EDP a exploração de energia de baixa tensão, durante o prazo máximo de cinco anos, para cumprimento da dívida».

O autarca da APU referiu-se à resolução ministerial considerando que «interfere na definição de competências das autarquias, o que, constitucionalmente, só pode ser feito pela Assembleia da República, impondo o pagamento de dívidas à EDP por via administrativa, pretendendo anular a via judicial como única via jurídica e constitucionalmente legítima para a obtenção do pagamento coercivo das dívidas».

Ensino particular

Ministro satisfará reivindicações

O ministro da educação, João de Deus Pinheiro, comprometeu-se, em Braga, a responder num prazo de dois meses ao caderno reivindicativo dos representantes do ensino particular do Norte, disse à Anop fonte da organização.

No Centro Apostólico do Samelo, em Braga, onde decorreu o «encontro do ensino particular», João de Deus Pinheiro «desafiou» os representantes do ensino particular e cooperativo para se integrarem no projecto global de reforma do sistema educativo.

O encontro reuniu em ar gos, na sexta-feira e no sábado, representantes de 90 dos 102 estabelecimentos de ensino particular inscritos na zona Norte que discutiram e aprovaram um documento-base que define os objectivos comuns a concretizar no futuro.

Os representantes do ensino particular do Norte defenderam a criação de «uma rede escolar mista em que o ensino público e o privado sejam colaboradores e não opositores».

Os representantes do ensino particular defendem que o apoio do Estado aos seus estabelecimentos não deve ser feito através de subsídios mas de prestação de «abonos escolares» às famílias «para que elas possam exercer o direito que a Constituição lhes confere de optarem pela escolha de acordo com as suas próprias convicções».

Publicada a Lei dos Salários em Atraso

O «Diário da República» publicou no sábado a lei sobre salários em atraso que rege os efeitos jurídicos especiais produzidos pelo não pagamento pontual da retribuição devida aos trabalhadores por conta de outrem.

A lei define que os trabalhadores, «isolada ou conjuntamente, podem rescindir o contrato com justa causa ou suspender a sua prestação de trabalho, quando a falta de pagamento pontual da retribuição se prolongue por período superior a 30 dias sobre a data do vencimento da primeira retribuição não paga e o montante em dívida seja equivalente ao valor de uma retribuição mensal ou a mora se prolongue por período superior a 90 dias, qualquer que seja o montante em dívida».

Neste âmbito, a lei determina que tal rescisão ou suspensão deve ocorrer «após os trabalhadores notificarem a entidade patronal e a Inspeção-Geral do Trabalho, com cartas com aviso de recepção, expedidas com antecedência mínima de 10 dias, de que exercem um ou outro desses direitos, com eficácia a partir da data da rescisão ou início da suspensão».

O texto da lei acrescenta que «o exercício do direito de suspensão da prestação de trabalho opera-se sem perda de qualquer dos direitos que para os trabalhadores emergem do contrato de trabalho» e que «os juros de mora por dívida de retribuição são devidos à

taxa das operações activa à data do vencimento da dívida principal».

A lei define, ainda, que os trabalhadores que optarem pela rescisão unilateral com justa causa do seu contrato de trabalho têm direito a indemnização, de acordo com a antiguidade, a subsídio de desemprego e prioridade na frequência de cursos de reconversão ou reciclagem profissionais, subsidiados pelos departamentos oficiais.

No referente a direitos em matéria de Segurança Social, os beneficiários com retribuições em dívida, bem como o seu agregado familiar, não perdem, nos termos da lei, quaisquer direitos e regalias.

A lei define que compete à Inspeção-Geral do Trabalho averiguar a requerimento de qualquer trabalhador ou organização representativa de trabalhadores de empresa, todas as situações que envolvam o não pagamento pontual de retribuições devidas a trabalhadores por conta de outrem, por período superior a 30 dias.

Quanto a multas e coimas, a lei determina que o atraso no pagamento da retribuição é punido com coima de 1.000 escudos a 20 contos, por trabalhador em relação ao qual se verifique e que constitui contra-ordenação, punível por coima no montante mínimo de 50 contos, e máximo de 100 contos, a recusa da entidade patronal em emitir, no prazo de cinco dias após o pedido do



trabalhador, a sua declaração de rescisão ou suspensão do contrato.

A lei define ainda o âmbito da duração da suspensão, garantias patrimoniais, aspectos

relacionados com a declaração de empresas em situação de falta de pagamento pontual e actuação das Inspeções-Gerais do Trabalho e das Finanças.

Já são só 38 500

— diz o ministro do Trabalho

O ministro do Trabalho, Mira Amaral, disse entretanto no Clube de Imprensa da Rádio Comercial que o número de trabalhadores com salários em atraso em Portugal desceu para 38 500.

«O número de trabalhadores nessa situação tem vindo a descer consideravelmente» — acrescentou.

Mira Amaral, depois de classificar de «preocupante» e «autêntica chaga social» o problema do cakktrzol em atraso, afirmou que os números divulgados pelos sindicatos «são empolados».

«Aos sindicatos é normal que interesse empolar essa questão e a isso o Governo contrapõe o rigor dos números» — disse.

Espanhóis intransigentes quanto às regras de origem

O Governo espanhol apresentou à Comissão Europeia um memorando no qual se opõe à pretensão de Portugal sobre as regras de origem, informa hoje a Anop de fontes oficiais em Madrid.

O secretário de Estado espanhol do Comércio, Luis de Velasco, disse que «Espanha mostrar-se-à intransigente em não permitir que Portugal se transforme numa porta falsa para a entrada em Espanha de produtos estrangeiros sem pagar direitos».

Madrid não aceitará a proposta portuguesa de reduzir de 60 para 30 por cento o valor acrescentado a um produto para que possa entrar em Espanha sem pagar direitos aduaneiros, acrescentou o secretário de Estado espanhol.

«Foi para isso que se assinaram os acordos de adesão», sublinhou.

A proposta portuguesa sobre regras de origem foi analisada a semana passada no Conselho de Comissários, que, por sua vez, a deverá apresentar aos representantes permanentes dos 12 países membros da CEE, devendo estes últimos apresentá-la ao Conselho de Ministros Comunitário.

As actuais normas comunitárias, designadas por regras de origem, exigem que o valor acrescentado ibérico aos produtos provenientes de países terceiros seja de 60 por cento.

O diferendo luso-espanhol sobre as regras de origem arrasta-se há algum tempo e poderá levar a uma guerra comercial entre Lisboa e Madrid.

OCDE acusa melhoras da economia portuguesa

A economia portuguesa registou uma ligeira recuperação no início deste ano, prevendo-se que o défice público se situe, em 1986, em cerca de 11 por cento do Produto Interno Bruto (PIB) — refere o relatório da OCDE, hoje divulgado.

O documento sobre a economia portuguesa elaborado pela Organização de Desenvolvimento e Cooperação Económica, com base em dados de contabilidade nacional provisórios fornecidos pelo Departamento português do Plano, refere que o principal objectivo da política económica prosseguida pelo Governo é corrigir desequilíbrios ao

nível da inflação, défice público e desemprego, sem por em causa o endividamento externo.

O relatório assinala que «em 1982, a balança de transacções correntes registava um défice de 3 200 milhões de dólares, o que representava 13 por cento do Produto Interno Bruto, situação que se começou a inverter com a aplicação de medidas políticas de austeridade, a partir de 1983».

«O objectivo do plano de 1983 era obter o equilíbrio da balança de transacções correntes, o que foi conseguido mas à custa de uma severa contração na procura interna e, sobretudo, no investimento fixo».

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	37\$10	43\$10
ALEMANHA FED. (marco)	67\$05	68\$25
ÁUSTRIA (xelim)	9\$50	9\$70
BÉLGICA (franco)	3\$112	3\$322
BRASIL (cruzado)	4\$00	6\$50
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	106\$55	109\$05
(notas de 5 a 1000)	107\$05	109\$55
DINAMARCA (coroa)	18\$10	18\$50
ESPAÑA (peseta)	1\$019	1\$139
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147\$60	151\$10
(notas de 5 a 100)	148\$10	151\$60
FINLÂNDIA (marka)	28\$75	29\$35
FRANÇA (franco)	21\$00	21\$70
HOLANDA (florim)	59\$50	60\$60
IRLÂNDIA (libra)	203\$45	207\$45
ITÁLIA (lira)	\$089	\$099
JAPÃO (iene)	\$868	\$903
NORUEGA (coroa)	19\$60	20\$10
REINO UNIDO (libra)	225\$95	230\$45
SUÉCIA (coroa)	20\$65	21\$15
SUÍÇA (franco)	81\$10	82\$60
VENEZUELA (bolívar)	6\$25	7\$22

Observações:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Só a «vontade negocial» na reunião de amanhã pode pôr fim à greve

Lisboa sem gás até domingo por divergências salariais

O abastecimento de gás da Companhia à cidade de Lisboa foi totalmente cortado às 9.45 horas de hoje, depois de, por obediência às regras de segurança, terem começado a ser reduzidos os caudais a partir da meia-noite, hora a que principiou a prevista greve de cinco dias.

A greve, que tem origem salarial e decorre da divergência de posições negociais entre a administração da empresa Petroquímica e Gás de Portugal e os trabalhadores, pode prolongar-se até domingo se na reunião marcada para amanhã às 10 horas o Conselho de Gerência não apresentar uma nova posição negocial.

Neste momento, as posições conhecidas são de exigência de aumentos médios de 20,5 por parte dos Sindicatos,

contra os 15,5 por cento oferecidos pela empresa. No entanto, e segundo nos informou esta manhã um porta-voz da Federação dos Sindicatos da Indústria Química, a posição negocial dos trabalhadores não é definitiva. Ela poderá alterar-se e abrandar desde que a gerência da Petroquímica e Gás de Portugal se apresente amanhã com vontade manifesta de negociar, dispondo-se a abdicar da sua actual intransigência.

Polícia invadiu instalações

Ainda segundo informação da Federação dos Sindicatos do sector, a Polícia invadiu ontem, à meia-noite, as instalações da empresa, chegando a entrar armada na sala de

controlo o que é contrário a todas as regras de segurança nos serviços de gás. Não houve confrontos físicos mas apenas violentos confrontos verbais, não tendo no entanto a Polícia conseguido os seus objectivos que eram impedir a paralisação.

O porta-voz da Federação denunciou, também, o recurso da Petroquímica e Gás de Portugal aos serviços de agentes de uma empresa de segurança que impedem a entrada de dirigentes e delegados sindicais, o que viola directamente a lei da greve e, especificamente, o acordo de empresa que prevê e admite a livre circulação dos dirigentes sindicais na empresa.

As adesões à greve são mais fortes entre o pessoal de turnos e manutenção (90 por cen-

to) enquanto nos escritórios a percentagem de aderentes era esta manhã de 65 por cento.

O Conselho de Gerência da empresa disse, entretanto, que o salário médio dos seus trabalhadores é de 72 mil escudos — passando a 84 mil com os aumentos que propõe — enquanto os representantes sindicais asseguram que a média salarial na empresa não ultrapassa os 43 mil escudos.

Enquanto durar o conflito existe o perigo de explosão nas residências dos utilizadores de gás da Companhia se estes se arriscarem a utilizá-lo até domingo ou enquanto durar a greve.

Os técnicos explicaram que se for consumido gás durante a greve existe o perigo de entrar ar nas canalizações o que motivaria a formação de misturas explosivas.

Europa e EUA preparam sanções económicas contra Pretória

Soweto, dez anos depois

Estado de emergência não impede greve geral da maioria negra

Soweto, a maior localidade para negros na África do Sul comemora hoje o 10.º aniversário dos incidentes que ali irromperam a 16 de Junho de 1976 e cujo saldo final foi um total de 575 mortos. Tudo começou quando a Polícia abriu fogo contra um grupo de seis mil jovens negros que se haviam concentrado para protestar contra a introdução do «afrikaans» (a língua dos brancos sul-africanos de origem holandesa) nos programas de ensino.

De então para cá Soweto transformou-se em sinónimo da luta da maioria negra pelos seus direitos e pelo fim do «apartheid».

Notícias procedentes de Joanesburgo revelam que a grande maioria dos negros sul-africanos estão hoje a respeitar o apelo a uma greve geral feito por grupos anti-apartheid para assinalar o 10.º aniversário da revolta do Soweto.

Centenas de milhares de negros ficaram em casa no que parece ser o maior movimento de greve na história da África do Sul.

O bairro de Soweto, nos arredores de Joanesburgo, parece uma cidade-fantasma, com milhares de polícias e soldados armados, segundo jornalistas que tentaram, em vão, lá entrar.

Nenhum autocarro ou táxi saiu hoje de Soweto para Joanesburgo.

Entretanto continua em vigor o estado de emergência decretado na passada quarta-feira pelas autoridades de Pretória e que já provocou 22 mortes e mais de mil detenções.

Relativamente a estas medidas continuam a suceder-se as reacções em todo o mundo. Entre as últimas contam-se as do Governo de Bona, que protesta contra a detenção ao abrigo das leis de excepção de, pelo menos, quatro missionários alemães federais.

Refira-se que o estado de emergência permite a detenção de pessoas até 14 dias, sem qualquer culpa formada.

Enquanto um número excepcionalmente grande de polícias e militares sul-africanos patrulham zonas de Pretória e Joanesburgo, as autoridades impuseram esta madrugada novas restrições à imprensa, ao abrigo do estado de emergência.

Entre essas restrições con-

tam-se a proibição de que sejam transmitidas quaisquer notícias ou comentários sobre o comportamento das forças de segurança e de que os jornalistas se desloquem a áreas residenciais negras ou a locais de conflito, sem autorização do chefe da Polícia local.

Segundo um funcionário de Informação do Governo, as medidas de segurança até agora tomadas «são apenas uma amostra do que somos realmente capazes de levar a cabo».

O vice-ministro sul-africano da Informação, Louis Nel, declarou por seu turno que fracassaram os planos para transformar o dia de hoje num dia de anarquia.

O significado da data

O dia de hoje, dedicado à memória das vítimas da revolta do «ghetto» negro do Soweto, é também assinalado pelas Nações Unidas com mais uma jornada de solidariedade com «o povo em luta na África do Sul».

Um comunicado do Centro de Informação das Nações Unidas (UNIC) em Lisboa refere que, de acordo com uma resolução aprovada em 1976 pela Assembleia Geral, a comemoração internacional do dia 16 destina-se a dar destaque «à luta de libertação nacional na África do Sul».

As iniciativas a nível nacional e internacional do dia internacional consagrado pelas Nações Unidas têm por objectivo «estimular na opinião pública do mundo inteiro a condenação do desumano sistema do «apartheid» e exigir o fim do regime imposto à população não branca.

O dia de Soweto, que é comemorado pela décima vez pela população negra, foi instituído como um símbolo de homenagem aos estudantes que participaram nos levantamentos de Junho de 1976, em protesto contra a imposição do afrikaans como língua obrigatória e contra o regime do apartheid em geral.

Também o Movimento Português Contra o Apartheid denunciou hoje o regime de discriminação racial como semiescravidão numa declaração em homenagem aos mártires de há 10 anos do levantamento do Soweto.

Manifestando a sua total e incondicional solidariedade com a luta do povo sul-africano, o movimento reafirma numa declaração o seu repúdio pela posição do Governo português ao votar contra a realização da conferência da ONU sobre as sanções contra a África do Sul, que se inicia hoje em Paris.

O movimento condena ainda «as declarações proferidas pelo presidente da Câmara de Lisboa colocando-se ao lado dos racistas sul-africanos», consideradas «prejudiciais ao prestígio de Portugal e dos emigrantes portugueses em África».

A declaração sublinha que o regime do apartheid se «mostra obstinado em perpetuar-se como sistema de exploração semiescravidão», e que persiste na sua «política de subversão, agressão e guerra não declarada contra estados independentes e soberanos da linha da frente».

Ao assinalar o 10.º aniversário do levantamento do Soweto, o Movimento Português Contra o Apartheid apela a «todos os democratas que intensifiquem o protesto pela proclamação do estado de emergência na África do Sul».

A Comunidade Económica Europeia protestou igualmente contra a imposição do estado de emergência na África do

Sul, e apelou para medidas drásticas que tornem possível um diálogo entre negros e brancos, disse a presidência da CEE.

O protesto foi entregue na passada sexta-feira ao embaixador sul-africano em Haia por um representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Holanda, país que neste momento detém a presidência da CEE.

Carro armadilhado

No sábado à noite, um carro armadilhado explodiu junto a um hotel de Durban, causando a morte a duas mulheres brancas, ferindo 15 pessoas e danificando cerca de 50 veículos, disse um porta-voz governamental.

Desconhece-se até agora a quem cabe a responsabilidade da explosão. Mas convém lembrar que as autoridades atribuíram duas explosões de carros armadilhados em Durban, em 1984, ao Congresso Nacional Africano (ANC), principal movimento nacionalista de guerrilha que luta contra o Governo minoritário branco.

O ANC assumiu a autoria da pior explosão deste tipo na história da África do Sul, que matou 19 pessoas e feriu mais de 200 em Pretória em Maio de 1983.

O Papa João Paulo II apelou entretanto para o fim da violência na África do Sul e disse que todos os homens têm uma dignidade inata, que exclui a discriminação.

Fazendo o seu primeiro comentário público sobre a situação na África do Sul desde que o governo de Pretória impôs o estado de emergência a nível nacional, o Papa disse aos fiéis, que se reuniram na Praça de S. Pedro, que os cristãos marcariam um dia para orar pela paz e pela justiça na região.

Reuniões sobre sanções contra Pretória efectuam-se hoje em Paris, Luxemburgo e Washington, quando passam 10 anos sobre o sangrento levantamento do Soweto.

O comité especial das Nações Unidas contra o «apartheid» promove, juntamente com a Organização de Unidade Africana (OUA) e o Movimento Não Alinhado, uma conferência mundial sobre a adopção de sanções económicas contra Pretória na sede da UNESCO, em Paris.

Esta reunião que decorre até ao dia 20, presidida conjuntamente pelo secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, e pelo presidente do Senegal e da OUA, Abdou Diouf, foi decidida pela Assembleia Geral da ONU em Dezembro de 1985.

Deverá analisar a evolução da situação na África do Sul desde a última conferência internacional sobre o mesmo tema, realizada em Maio de 1981, também na capital francesa.

Participam a alto nível numerosos países africanos, asiáticos, latino-americanos e da Europa de Leste. À excepção dos países nórdicos, o ocidente só se fará representar por Portugal, França e Holanda, a título de observadores.

Também hoje, no Luxemburgo, os ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE estudarão a possibilidade de novas sanções económicas contra a África do Sul, perante a recente declaração do estado de emergência nacional neste país. Segundo um porta-voz, a presidência holandesa da Comunidade Europeia propôs a proibição da importação de hortaliças, fruta e vinho sul-africanos.

Do outro lado do Atlântico, ainda hoje, estará a votação na Câmara dos Representantes dos Estados Unidos de um projecto de lei sobre sanções contra Pretória.

O projecto de lei, aprovado sucessivamente pelo subcomité e pelo comité dos Negócios Estrangeiros da Câmara dos Repre-

sentantes, prevê o boicote de novos créditos norte-americanos a Pretória, o cancelamento de direitos de aterragem nos Estados Unidos de voos das linhas aéreas sul-africanas e a proibição de importações de carvão, urânio e aço da África do Sul.

Apesar da posição contrária às sanções, reafirmada pelo Presidente Ronald Reagan quando o Governo sul-africano impôs, na quinta-feira, o estado de emergência em todo o país, incluídos os bantustões ditos independentes, os analistas políticos consideram que a Câmara dos Representantes, de maioria democrática, aprovará o projecto de lei.

Se tal acontecer, prevêem os analistas, o Senado poderá ver-se obrigado a seguir o exemplo por motivos eleitorais.

A opinião pública norte-americana está bastante sensibilizada contra o «apartheid» e a sua media diária de 10 mortes em distúrbios e em Novembro há eleições para renovação de toda a Câmara dos Representantes e um terço do Senado, o que poderá ser motivo suficiente para uma inflexão da Política do Congresso relativamente à África do Sul, observam os analistas.

No Luxemburgo, um porta-voz da CEE disse que a proposta holandesa é apoiada pela maioria dos «doze», mas que a Grã-Bretanha mantém a sua posição reticente quanto à eficácia das sanções.

Se na reunião de hoje a oposição britânica persistir, a proposta será submetida à apreciação da Cimeira da CEE, que se realiza nos dias 26 e 27, em Haia.

A Grã-Bretanha assume a presidência rotativa da Comunidade Europeia no segundo semestre do ano, a partir de 1 de Julho, pelo que Bruxelas teme um enfraquecimento da pressão da CEE contra Pretória. Em todo o caso, os «Doze» decidiram já encerrar as suas embaixadas em Pretória durante o dia de hoje, décimo aniversário do Soweto, «por motivos de segurança».

CARTÃO JOVEM ENERGIA RENOVÁVEL

Para todos os jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 26 anos. Permite a aquisição de bilhetes com redução de 50%, para percursos superiores a 50 km, se as viagens forem iniciadas durante os Períodos Verdes, em épocas determinadas. Pessoal e intransmissível. Entrega imediata. A melhor forma de multiplicares as tuas viagens, durante as férias, ao longo do ano. É o Cartão Jovem. A tua energia renovável.



Há trezentos e trinta e quatro anos um punhado de holandeses procurava mais asilo do que fortuna no fim do mundo. Feita a fortuna, a tribo branca que se instalou na África do Sul é o povo mais só do planeta. Perdendo influência mas agarrando-se às suas tradições, os brancos da África do Sul são agitados por um oceano de cólera, cobertos de anátemas, incitados a renunciar a um «apartheid» já desfalcado. Ainda será tempo de transigir? Sentem eles a necessidade, o desejo de o fazer? A prodigiosa teimosia dos pioneiros, virtude transformada em vício, levá-los-à à sua perda?

Brancos da África do Sul

O povo mais só do mundo

Michel Bole-Richard

Exclusivo Le Monde/«DL»

O Voortrekker Monument, templo maciço e rugoso plantado nas colinas, domina a capital. Esta construção sem graça, símbolo da nação «boer» e do Afrikanerdom, retrata a epopeia de um povo que, após três séculos de luta, continua persuadido da sua missão civilizadora. Baixos relevos contam o Grande Trek, viagem que em 1836 levou doze mil homens que fugiam da colonização britânica do Cabo, para as profundezas do Veld (mata), até ao Transval, coração da África do Sul.

Todos os anos, no dia 16 de Dezembro, alguns milhares de «afrikaners» vêm aqui buscar no passado novas forças para o aniversário da batalha de Blood River, na qual os zuluz de Dingane foram vencidos e tornaram o rio vermelho com o seu sangue. Nos seus pesados carros puxados por bois e armados com a Bíblia e com espingardas, os «boers» queriam vingar a morte do seu chefe Piet Retief, assassinado por Dingane e os seus, quando acabava de assinar um tratado de repartição de terras. Este longínquo guet-apens ainda faz hoje dizer a alguns brancos que **não se pode ter confiança nos pretos.**

Os antepassados tinham jurado: se no dia 16 de Dezembro Deus lhes desse a vitória, esse dia, **do juramento** seria eternamente um dia de reconhecimento. Nessa data, ao meio-dia certo, o sol passa na vertical do cimo do monumento, e, através de um minúsculo orifício, ilumina durante alguns segundos com os seus raios, um cenotáfio onde está gravado **Contigo, África do Sul.** frase do hino nacional **Die Stem** (a voz) que a multidão entoia, enquanto num pequeno nicho arde uma chama eterna; **símbolo da civilização trazida pelos Voortrekkers.**

A maior parte dos peregrinos levam os filhos, para que estes também comuniquem com esse passado brandido como um estandarte, numa ligação patética a uma história de orgulho. À entrada, uma enorme estátua de bronze representa uma mulher com duas crianças agarradas às saias e os olhos fixos nas colinas. **Ela sofre mas não olha para a terra. Olha a direito diante em si. As crianças não olham para trás. Os seus olhos voltam-se para o céu,** diz o guia oficial. No meio de um grande círculo de carroças (o laager boer), essa mãe corajosa encarna o desejo de resistência do povo nascido em 1652, quando Jan

Van Riebeck se instalou na Cidade do Cabo, escala na rota das Índias holandesas.

«A nossa nação nunca capitulou»

A esse punhado de brancos vieram juntar-se duzentos huguenotes franceses expulsos pela revogação do édito de Nantes, assim como alguns alemães. Eram uns quinze mil no fim do século quando os ingleses tentaram impor a sua lei provocando o seu recuo para as terras altas.

Os «afrikaners» não aceitam viver sob o domínio estrangeiro. Eles asseguram uma independência nas duas repúblicas do Transval e de Orange, antes de os ingleses, atraídos pela descoberta dos diamantes e depois do ouro, os perseguirem. A guerra estala em 1899. Dura e sangrenta, dura dois anos e meio.

Vinte e cinco mil mulheres e crianças morrem nos campos de concentração britânicos. A paz de Vereeniging ficará muito tempo atravessada na garganta destes guerrilheiros brancos, irredutíveis. **«nunca capitulámos sem condições. A nossa nação nunca capitulou sem condições nem face aos ingleses nem face a outros, e nunca o fará»,** escreve um desses combatentes, Henning Kloppe, futuro fundador do Broederbond, sociedade secreta da classe dirigente.

Em 1948, os Afrikaners sobem ao poder. Continuam a mantê-lo, bem decididos a defendê-lo custe o que custar. Intransigente, obstinado, o povo dos proprietários rurais (boer) distingue-se como pode dos **Uitlanders** («estrangeiros»), principalmente ingleses, aos quais vota um ódio tenaz, e dos negros, os «kaffirs» para os quais criou um sistema de «desenvolvimento separado», o **apartheid.**

Persuadido de ter sido escolhido pelo Todo Poderoso, convencido da sua boa fé e da justeza dos seus preceitos, o povo afrikaner levou até à caricatura as diferenciações distinções. Esse Afrikaners brancos não deixam de repetir que estão na sua terra, que tudo o que têm o ganharam com o suor do seu rosto, que a África do Sul é obra sua e que nada poderá tirar-lha. Como contestar os sacrifícios consentidos por esses nacionalistas convictos, influenciados pelo calvinismo, que se tornaram, segundo a fórmula do historiador Hermann Giliomce, **«o povo mais só do mundo».**

Através de uma singular reviravolta da história, os negros tomam hoje, por sua vez, o caminho que os brancos já seguiram ao longo da sua busca de independência. Dois nacionalismos chocam-se, um que começa a nascer, outro que se estrutura.

Os Afrikaners são três milhões. O resto da comunidade branca, 1,8 milhão de cidadãos, são de cepa anglófona ou portuguesa. Formam no total 17% da população do país, calculada em perto de 33 milhões de almas. Por um bebé branco, dez negros vêm o dia. A diferença aumenta continuamente a favor dos negros, que representam actualmente três quartos dos habitantes de toda a África do Sul, metade dos quais têm menos de quinze anos. Maré alta de futuros desempregados, 3 milhões dos quais já têm necessidade de auxílio alimentar. Como assegurar alimento a uma população que será de 50 milhões de pessoas no ano 2000?

A luta que Afrikaners agora levam a cabo é a mais incerta da sua legenda. A contagem da última batalha começou. A expectativa **«de que qualquer coisa, seja qual for, vai acontecer, abre caminho a toda a espécie de fantasmas»,** escreve Vincent Crapanzano, antropólogo americano, autor de um livro, **Waiting.** Fantasmas engendrados pelo medo de perder tudo o que se possui, tudo o que se conquistou. Dois mundos ignoram-se, olham-se de lado e sabem que o poder não se partilha e que para o conservar ou para o conquistar, todos os golpes são permitidos.

Kragdadigheid, uma palavra afrikaans difícil de pronunciar e quase intraduzível, significa ao mesmo tempo poder, determinação e força. Os Afrikaners criaram-na porque a experiência lhes mostrou que, na África a compaixão é uma fraqueza. É preciso mostrar a sua força e desde cedo inculca-se às crianças o respeito pela autoridade paterna e o orgulho de ser um Afrikaner, **«quer dizer, alguém que nunca se confessa vencido».**

Na escola e em família aprendeu-se sempre a não fazer perguntas, a admitir sem resmungar, sem contestar, o que o primeiro ministro da «era afrikaner», D. F. Malan, expôs um dia nestes termos: **«Os últimos cem anos da nossa história atestam um milagre por trás do qual há um plano divino. De facto, a história dos Afrikaners mostra uma vontade e uma determinação que fazem compreender a todos que o afrikanerdom não é a obra de um homem mas a criação de Deus.»**

Povo eleito de Deus, povo que encontrou a Terra prometida, povo missionário. A Bíblia tem um lugar capital na saga afrikaner. Ela foi e continua a ser a fonte dessa força mítica, o cimento de uma nação e a justificação de um domínio. O livro sagrado, o único, diz-se, que leu Paul Kruger, pai da nação, continua a ser a referência de base.

Outro culto, o da terra, berço do nacionalismo, objecto de uma ligação visceral. **The roots** (as raízes) com as quais todos se sentem ligados ao solo africano. O espaço branco será defendido dos que foram relegados para perímetros concedidos. Os Afrikaners sempre censuraram aos negros e aos ingleses de **«não terem amor pela terra».** Aos primeiros porque não a valorizavam, aos segundos porque tinham um pé na mãe pátria e outro na África.

Devido ao Land Act de 1913, 86% das terras sul-africanas pertencem aos brancos. Hoje os negros reclamam, o que lhes é devido. O bispo Desmond Tutu, Prémio Nobel da Paz, ilustrou assim esse espoliamento: **«Nós tínhamos a terra. Os brancos chegaram com a sua Bíblia e disseram: «Fechemos os olhos e ore-**

mos.» Quando os abrimos, eles tinham tomado a terra e tinham-nos deixado a Bíblia.»

Também tinham imposto o afrikaans, língua derivada do holandês, herança cultural que era preciso salvar, contra a vontade britânica de fazer do inglês a língua de todos.

A nação boer continuará disposta a defender como um só homem a sua república? A «mentalidade do laager» ainda será a mesma? Os Afrikaners já não são camponeses. Eles ascenderam ao mundo dos negócios, aproximaram-se das realidades modernas. E, sobretudo, a dúvida dividiu-os perante a adversidade. A fortaleza está estalada.

Em caso de desgraça, os Afrikaners não têm mãe pátria. Africanos em parte inteira, eles só têm o seu território, que tem duas vezes o tamanho da França. A África do Sul é, de resto, o último bastião branco do continente, para o qual se dirigiram, por altura das independências, os que fugiram dos novos regimes negros: rodesianos, portugueses, britânicos do Kénia e de outros países.

Podia-se pensar que a ameaça uniria a «tribuna branca». Ora ela quebrou-se, a ideologia fragmentou-se e as certezas enfraqueceram. A maioria compreendeu que o **apartheid** dera à luz um monstro inviolável. O pior é que ninguém sabe como desembaraçar-se dele nem por que o substituir. A nação afrikaner, desamparada, procura um novo modelo que falta inventar. Fonte de tormentos sem fim, sobretudo quando se recusa a igualdade perante a urna, princípio de base das nações democráticas. Modelo difícil de encontrar porque reuniria duas aspirações inconciliáveis.

Há anos que os ideólogos do regime tateiam, incapazes de resolver esse quebra-cabeças. O poder, condenado a uma busca às cegas, adapta-se, forçado, aos acontecimentos, esperando encontrar o **«bom cabo»**, a solução milagre que ainda nem chega a ser miragem. Seja qual for a sua cor política ninguém fornece a verdadeira chave do enigma. Uns agarram-se ao passado, outros aproximam-se dos negros. Todos sabem que a capitulação está inscrita no tempo. Como



Maio de 1986: manifestantes da AWB, partido de extrema-direita, perturbando um comício organizado pelo Partido Nacionalista. Aos ombros, Eugène Terre-Blanche, líder do AWB

evitá-la? No princípio de Março, perto de Krugersdorp, próximo de Johannesburg, foi dada uma festa num cenário campestre, como se os organizadores quizessem dissimular uma espécie de missa secreta, comumhão de apaixonados do

passado que defendem, o retorno ao dogma. Era a reunião dos adeptos do Afrikaner Weerstandsbeweging (AWB) (movimento de resistência afrikaner) e de Eugene Terre-Blanche, que pensa que «o apartheid é o princípio mais equitativo e mais justo da ter-

ra, porque é o único meio de coexistência sem atritos nem conflitos entre duas culturas que se opõem».

A organização foi criada há treze anos porque o governo «capitulava perante as forças da revolução». O seu programa defende o regresso aos

princípios «actualmente desviados» de Hendrick Verwoerd, o pai do sistema de separação racial. A sua bandeira: um emblema de três ramos, uma espécie de sete triplo, «escudo contra o triplo seis do Antecristo».

Eugène Terre-Blanche é um

orador, mas as suas fileiras são reduzidas, a julgar pelas trezentas pessoas que o aclamaram quando entrou, a cavalo, escoltado pelos seus fiéis. Avançou para o pódio enquadrado pelos seus «soldados» de fato kaki. Depois diz a sua mensagem, o regresso às repúblicas boers do século passado, e justifica a criação de uma polícia paralela, o Brandwag (a sentinela) para «proteger as vidas e os bens e a ausência das forças da ordem e militares». A multidão, já conquistada por esse cavaleiro da causa afrikaner, aplaude o homem que proclama: «Se vos ergueis contra mim, sois da mesma categoria do negro!»

Para Eugene Terre-Blanche a causa é grande e o caminho — o regresso ao passado — evidente. Extremista, decerto, minoritário, sem dúvida, ele encarna uma componente da direita em busca de um sonho perdido, que acentua até à caricatura um ideal extraviado. Incontestavelmente, o AWB ganha terreno nos meios conservadores, reduzidos por esse homem de quarenta e dois anos capaz de manter a assistência em expectativa. Ao fim e ao cabo os temas centrais deste movimento radicalizado em extremo não são diferentes dos do HNP (Herstigte Nasionale Party — Partido Nacional Purificado), e mesmo de certas camadas do Partido Conservador. O que não os impede de combater em ordem dispersa para tentar conquistar os corações de um povo inquieto.

Povo que entrou de tal modo na zona das tempestades que alguns pensaram mesmo voltar a um Estado boer, exclusivamente branco, espécie de «bantustão» cujo centro seria Mongenzon, pequena cidade de mil habitantes no

Transval profundo. Esta é a utopia da organização Verenigde Oranjerwerkers (União dos Trabalhadores do Estado Livre de Orange) cujo primeiro secretário é o filho de Hendrick Verwoerd, arquitecto do apartheid. «Cada nação, diz ele, deve traçar o seu caminho para o futuro... Cada grupo deve ter o seu próprio território. É o único meio de evitar o domínio de um grupo por outro.»

Essa nação viveria em autarcia. Toda as tarefas seriam efectuadas pelos Brancos sem a ajuda de mão-de-obra negra. Em suma, um falanstério para reencontrar a própria essência e provar que isso se consegue. Um corte total, um fim para todas as dificuldades da cohabitação. Um trek ao contrário, visto o apartheid ter falhado e a única solução ser «cada um por si, cada um por si». O único meio de preservar a identidade, a liberdade, a independência. Um derradeiro sobressalto para impedir «a extinção do homem branco a que conduz a política de Pieter Botha», segundo a senhora Hettie Van Heerden, esposa do responsável dos pioneiros da Oranjerwerkers.

Aos olhos da maioria dos brancos tudo isto são escapatórias enganadoras. Então que fazer? «Estamos encostados à parede», constata Floor Van Joarsveld, historiadora que rompeu com o Afrikanerdom. Deixámo-nos que se desenvolvesse uma situação que fez com que agora nos encontremos com um cano de pasta encostado à nuca. O apartheid levou os afrikaners a fim no caminho.»

Só restará então a solução colectiva? A estratégia de tudo ou nada numa luta aberta, onde a actual forma dos Brancos

O "apartheid" no caminho de Damasco

O poder afrikaner repousa em três pilares: o Partido Nacional, que dirige o país desde 1948; o Broederbond, uma sociedade secreta de onde saiu a classe dirigente; por fim o NGK (Nederduitse Gereformeerde Kerke), a igreja reformada holandesa que forneceu as justificações teológicas às teorias do «apartheid». Três instituições de que fazia parte o pastor Nico Smith, até ao dia em que começou a fazer perguntas a si próprio.

Nascido em Kroonstad (Estado livre de Orange) há cinquenta e sete anos, na região que é, segundo ele, «a mais conservadora do país», estava convencido de que o apartheid era a única solução possível. Um dia decidiu ir evangelizar os negros ao Norte, no «homeland» de Venda, e a experiência deixou em si os primeiros germes perniciosos da dúvida.

Numa reunião sacerdotal com missionários europeus foi posta uma mesa para os participantes brancos e negros. Não pude sentar-me, diz ele. Tive um bloqueamento psicológico, porque desde a infância me tinham dito que não se podia comer com negros. Foi jantar para outra sala. Esse homem da Igreja, ainda por cima missionário, levou dez anos sem poder partilhar uma refeição com negros. Na altura pensava que essa promiscuidade lhe faria perder a sua identidade cultural, uma identidade «de essência divina», como ele sublinha.

Nico Smith lembra-se de que, quando era pequeno, o irmão tocara num dos pratos utilizados pelos criados pretos e arrumados num armário à parte. A mãe disse-lhe que fosse imediatamente lavar as mãos e não se aproximasse mais dessa fonte de contaminação.

O jovem pastor começa então a perguntar-se se a sua concepção do cristianismo não estaria errada. A ideia faz lentamente o seu caminho. Alguns anos mais tarde encontra em Basileia o ilustre teólogo Karl Barth. No fim da conversa este pergunta-lhe: «Sente-se inteiramente livre de pregar o Evangelho como o sente, mesmo que isso não corresponda à

maneira como o entendem a sua família, os seus amigos, o governo?» Perplexo, Nico Smith interroga-se: «Porque me fez Karl Barth esta pergunta por três vezes? Serei eu realmente livre?»

Nessa altura nem mesmo sabia o que a verdadeira liberdade significava. Era prisioneiro da minha própria tradição, do meu próprio povo, do conceito que impregna o coração dos meus compatriotas, os Brancos, os Afrikaners.»

Uma conversão dolorosa

A verdadeira tomada de consciência deu-se quando se tornou membro do Broederbond (organização secreta afrikaner muito fechada que tem enorme influência no governo). Nico Smith tinha trinta e um anos. Ele acreditava no que a sua ideologia lhe dizia e não nos seus próprios olhos. Pensava que «Deus estava ao seu lado e que a Bíblia era o seu guia». Ficou no Broederbond dez anos porque não tinha «coragem de comentar um suicídio social». É certo que era crítico mas as suas críticas não eram ouvidas.

Servia de caução democrática. Depois da sua demissão, quando voltou para casa, Nico Smith lembra-se: «Senti que era livre, que podia dizer o que pensava. Tornara-se uma realidade».

Chamaram-lhe «comunista»; os seus amigos, os membros da sua família renegaram-no porque ele compreendia que não se podia apoiar o «apartheid» e pregar os ensinamentos do Evangelho. No seu escritório de paredes cobertas de livros da sua casa de Pretória, Nico Smith levanta-se, pega na Bíblia e começa a ler uma passagem de uma carta de São Paulo aos gregos: «Deus criou com um só molde todas as raças da humanidade e disseminou-as por toda a Terra. Ele próprio fixou os limites dos lugares onde elas viviam.» «Os Afrikaners falam de fronteiras, o que significa para eles que as

raças devem viver em lugares separados, diz ele, e isso não está no texto».

Durante nove anos Nico Smith ensinou teologia na Universidade de Stellenbosch. «Foi difícil», reconhece. Renunciou à sua cátedra, à sua Igreja, para se tornar, em 1982, pastor da congregação negra de Mamelodi, uma «township» de Pretória.

A sua conversão foi lenta, dolorosa, mas hoje este refractário parece feliz e sereno. Após dois anos de diligências administrativas, obteve do governo autorização para se instalar no seio da sua comunidade. No fim de Junho irá para Mamelodi, para aquilo a que chama «um campo onde não há hotel, nem restaurante, nem cinema, onde não há nada». Depois de dezasseis anos em Stellenbosch este pastor verifica que nada mudou nessa «township» de perto de 300000 habitantes, e que os negros continuam a ser «excluídos do que é reservado ao uso único dos brancos».

Para ele os negros já não são «outro povo, outro mundo, uma força de trabalho, máquinas com quem não se fala porque não se fala com ferramentas». Que reviravolta, que mudança! Nico Smith repete constantemente que é agora um homem livre, em paz com a sua consciência, que os seus olhos se abriram. Considera que o «apartheid» é um crime contra a humanidade. Quando a hora das contas chegar não quer que os seus compatriotas digam, como os alemães no fim da segunda guerra mundial, perante o horror dos campos de concentração: «Nós não sabíamos».

Nico Smith define-se como uma «voz gritando no deserto», mas é optimista porque sabe que «a África do Sul vai mudar», que se «encaminha para um processo de purificação, uma catarsis». «Não sei o que vai acontecer», conclui. «Pode ser uma revolução sangrenta, uma revolução política, um desastre». Mas o dia de amanhã não o preocupa porque está convicto de que encontrou o bom caminho, o verdadeiro.

O medo com espingardas

Sempre que falamos com um Afrikaner este pede para não o apressarem, para lhe darem tempo. «Veja o caminho que já percorremos!» Os negros, esses, perderam a paciência.

Entre os herdeiros de Paul Kruger, o pai da nação boer, os cálculos dos tempos necessários são muito variáveis. Alguns falam de «dois anos ou um pouco mais para que a verdadeira mudança se opere». Goen Ulietstra está pronto a esperar «quinhentos anos para que os negros aprendam a pensar como nós». E acrescenta: «As nações brancas precisaram de dois mil anos para se tornarem democracias, para passarem da barbárie à civilização».

No seu confortável palacete à beira do rio Sabié, este imigrante holandês tornou-se, em menos de cinquenta anos, um sul-africano de caricatura. Não esconde as suas simpatias pelo HNP (extrema direita) e não se embaraça com precauções. «Nós queremos que os negros sejam felizes. Queremos dar-lhes a sua oportunidade, tal como nós tivemos a nossa, mas não direitos políticos. Eles não sabem servir-se deles. Veja os seus vizinhos. Precisam de um chefe (branco, subentende-se). Se os negros governassem aqui, seriam como por toda a África: o caos, a falta de liberdade, o partido único. Eles não gostam da democracia».

«Ainda não há muito tempo andavam nus», diz Mannie Botha. «A nossa criada, insurge-se Willie Von Landsberg, de ascendência alemã, tem tudo o que é necessário, mas continua a comer com as mãos». Todas as manhãs este proprietário de duzentos hectares de plantações de tabaco, perto de Hazyview reza com os seus cento e sessenta empregados, no meio dos campos. Uma tradição: «Rezo pelo governo, pela herdade, pelos doentes, pela chuva, para que tudo corra bem».

Absolutamente nada preocupado com o futuro, Von Landsberg situa-se à direita do partido no poder. Ele pede simplesmente que não lhe dêem lições e que o deixem tranquilo. «Ocupam-se muito do apartheid. Se o estrangeiro não criasse problemas tudo correria melhor. As pressões é que nos fazem ser anti-negros. Eles acabam por nos fazer pegar nas espingardas». No meio da sua grande sala enfeitada com troféus, ele traça uma linha imaginária, figurando a partilha do território. «Se eles a ultrapassarem, defendo-me. Não sou eu que vou destruir a cultura e a história dos outros».

Von Landsberg lamenta que Nelson Mandela não tenha sido enforcado, e gostaria de «matar Tutu, responsável pela morte dos jovens nas townships». Tem a certeza de que «nenhum polícia mataria um negro sem um motivo válido». Mas, em todo o caso, quase mil e quinhentos mortos? «A proporção é correcta, explica ele. Eu gostaria de que tivessem sido mais. Se os brancos se conduzissem como eles, também diria que estava bem».

Botha é muito mole

Marie Botha, que dirige uma plantação de café por conta do governo do homeland de Lebowa, diz-nos: «Somos brancos, e no entanto, somos diferentes. As nossas culturas são diferentes. Com os pretos passa-se o mesmo. Sempre houve guerras entre eles. Nós é que parámos com isso». É aquilo a que o governo chama a «protecção das minorias», base ideológica da criação das homelands.

Goen Ulietstra acha que o poder deve ajudar esses Estados a serem viáveis. «Ao fim e ao cabo, se poder mostrar-me que os pretos são capazes de governar este país, porque não? Não me incomoda nada ter um presidente negro... se ele pensar como eu». Aos seus olhos só há dois caminhos possíveis: «A integração ou o apartheid, não há meio termo. Se Verwoerd, o artesão do desenvolvimento separado das raças, não tivesse sido assassinado, as nossas possibilidades seriam melhores». Seguro de si, acrescenta: «Não fizemos mal nenhum com o apartheid. Agora que nos afastamos dele, tudo vai mal».

Segundo Goen Ulietstra é preciso desembaraçarem-se do presidente Botha, «demasiado mole». «Se nos der um mês solucionamos tudo, diz com ar fanfarrão. Temos espingardas, tanques, aviões. Se quisermos podemos conquistar toda a África».

Estes Afrikaners continuam persuadidos de que a agitação dos negros é resultado de um vasto «complot comunista internacional». Quando perguntamos a Willie Von Landsberg quais são para ele, as três coisas mais importantes, responde: «A minha fé cristã, a minha língua e a cor da minha pele».



Membros femininos da Marinha de Guerra sul-africana treinam-se no manejo das armas, na base naval de Simonstown

O povo mais só do mundo

Continuação da pág. 25

cos talvez não faça eternamente a diferença? Para pôr as coisas do seu lado, o poder branco deve antes de mais livrar-se completamente do apartheid, mas ele recusa que isso signifique o princípio do fim. Os membros do Partido Nacional ainda estão muito convencidos de que o «desenvolvimento separado» é a sua última possibilidade. Antes de mais, claro, porque o seu desmantelamento abriria o caminho a um regime negro. Depois porque contribuiria para um fortalecimento inevitável da direita na sua formação.

A primeira quebra no seio do Partido Nacional ocorreu em 1965 com a formação do HNP que, em Outubro passado, conquistou o seu primeiro lugar no Parlamento. A reforma constitucional instituindo duas Câmaras separadas, uma mestiça e uma indiana, no Parlamento, provocou a segunda ruptura, com a criação do Partido Conservador em 1982. O terceiro sisma está em gestação. Ele veria afastar-se a franja liberal do partido, que censura do governo os seus adiamentos, e pensa que ele concede sempre «demasiado pouco e demasiado tarde». As reformas do presidente Botha acentuaram as divergências no seio do partido. Como continuar a avançar sem perder os que ficam para trás e sem descontentar o pelotão que segue à frente?

O chefe do Estado parece paralizado. Ele não conseguiu manter diálogo com os negros. As suas iniciativas não contribuíram para reduzir o nível de violência. Pelo contrário, deitaram óleo sobre o fogo, alimentando o sentimento de que o sistema está a quebrar, que basta dar um empurrão para que ele caia. O apartheid levou a um impasse.

Qual é a solução para a crise sul-africana? «Os Afrikaners,

explica Piet Cillié, dirigente de um grupo de Imprensa, estão a aprender que este país não é só seu, que eles não estarão sempre à sua frente. Eles não vão aceitar o sufrágio universal, mas, pelo menos, sabem agora o que é impossível». E o possível, o que é?

A África do Sul branca põe-se a ouvir as reivindicações dos negros. Os dirigentes reconhecem que algumas são legítimas. Os soldados descobriram o universo dos townships e não acreditaram no que viam. Os negros trabalham na arma terrível do boicote, uma arma que ataca a carteira. Compreenderam que, sem eles, os brancos não podiam nada, e que a riqueza do país fôra acumulada graças a eles. Algumas barreiras caíram.

Em Cradock, pequena cidade do Leste da província do Cabo, os brancos tomaram consciência da maneira como os negros viviam durante o boicote às suas lojas. Um comerciante confessa: «Antes disso não tínhamos a mínima ideia do que se passava nos townships». Descoberta penosa de uma realidade que o apartheid permitira afastar.

Em Port-Elizabeth, onde o boicote os feriu duramente, os representantes da Câmara de Comércio tornam-se advogados da causa negra. Essa perspectiva encorajadora tem o seu reverso, ilustrado por dois exemplos recentes, em Warmbaths e em Nelspruit, onde a população branca reagiu através de uma mobilização geral de todas as vontades, a fim de atenuar o impacto de uma palavra de ordem de greve geral dos negros. Foram feitos despedimentos em massa. Queriam que os negros compreendessem que também precisavam dos outros e que, ao fim e ao cabo, podiam resolver as coisas sozinhos, pelo menos provisoriamente.

As agitações dos dois últi-

mos anos provocaram uma tomada de consciência dessa complementaridade. Ela traduz-se num endurecimento ou numa abertura. Uma franja de Afrikaners quer agora saber o que pensam os que querem desalojá-los do poder. Homens de negócios, liberais, eclesiásticos, dirigiram-se a Lusaka a fim de conhecer as teses da ANC (Congresso Nacional Africano). Mesmo os estudantes da universidade afrikaner de Stellenbosh, perto do Cabo, de onde saiu a classe dirigente, quiseram escutar o que os «terroristas» tinham para lhes dizer. O governo impediu-os de o fazer, retirando-lhes o passaporte.

Os intelectuais, os homens de negócios, tentam em vão incitar o poder a acelerar as reformas. As federações de comerciantes, de industriais afrikaners e anglófonos apresentam magníficas plataformas de propostas de reformas a efectuar imediatamente porque, como o explica Johan Van Zyl, director da Federação das câmaras de indústria, «os homens de negócios compreenderam que tinham algo a perder».

Motivação demasiado material, talvez? Ela reflecte, no entanto, um mal-estar, uma interrogação que Willem Kleynhans, professor de ciências políticas, traduz nestes termos: «Todas as reformas foram concedidas por causa de uma crise ou por pressões internacionais. Elas não fazem parte de um plano contestado, como foi o caso do apartheid. O governo nunca precedeu os acontecimentos».

Na sua maioria os Afrikaners têm agora a convicção de que o apartheid nunca poderá salvar a «tribo branca» nem proteger a sua cultura. Claro que eles ainda podem manter-se durante muito tempo nesse país em estado de sítio em que a África do Sul se tornou. Mas até quando e a que preço?

DOS SI ER



INTERNACIONAL

IPC nega acusações da FERA

O Instituto Português de Cinema (IPC) afirmou que tomou «as medidas necessárias» para apoiar a iniciativa «Fenêtres Ouvertes sur le Portugal», e enviou os filmes pedidos «logo que recebeu a confirmação da realização do certame».

O IPC foi acusado terça-feira pela Federação Europeia de Realizadores de Audiovisuais (FERA) de «falta de seriedade e negligência», por alegadamente não ter enviado a tempo os filmes para a manifestação cultural, que deveria realizar-se em Bruxelas de 5 a 15 deste mês, e que foi adiada.

O IPC afirma em comunicado enviado à Agência NP que «assegurou aos organizadores os meios necessários à promoção do cinema português» e «lamentou que esses meios não tenham sido aproveitados».

Segundo o secretário-geral da FERA, João Correia, a semana portuguesa em Bruxelas «Fenêtres Ouvertes sur le Portugal» foi adiada devido ao «bloqueio» do IPC ao envio de 21 películas de longa-metragem, entre as quais 14 filmes de produção recente.

O IPC explica que João Correia propôs ao IPC a realização da mostra, por carta datada de 3 de Janeiro deste ano, recebendo resposta afirmativa do apoio do Instituto à iniciativa em 22 de Janeiro.

O IPC – adianta o comunicado – informou na altura que «uma eventual contribuição financeira seria simbólica e que, dada a manifestação prevista não se limitaria ao cinema, ser o assunto transmitido às entidades competentes».

Em 10 de Fevereiro – refere – João Correia informa o IPC que o projecto de orçamento é da ordem dos 25 mil contos, «informando que obteve 45 por cento daquele orçamento

e esperar alcançar os 50 por cento».

Mais tarde, o IPC foi informado que deveria enviar os filmes, já reservados, até 16 de Maio – explica ainda o comunicado.

A 23 de Abril – adianta – o IPC solicita a João Correia informações sobre o programa de «Fenêtres Ouvertes sur le Portugal» e sobre as entidades que apoiam a iniciativa. «Estes elementos eram indispensáveis para avaliar a verosimilhança de uma iniciativa com um orçamento elevado e cujo financiamento não estava confirmado» – explica o IPC.

Este ofício – salienta – «fica sem resposta durante três semanas» e o IPC «considera que a iniciativa terá sido adiada, dado que o prazo proposto para o envio dos filmes exigia celeridade na resposta por parte dos organizadores».

A 16 de Maio, João Correia responde com informações sobre o certame e patrocinadores, o que anula «o prazo inicialmente proposto para o envio dos filmes» – diz o IPC.

Três dias depois, o IPC confirma o envio dos filmes pedidos e «assegura a viagem a Bruxelas de dois realizadores portugueses, cuja indicação solicita», enquanto oficia o Ministério dos Negócios Estrangeiros, solicitando o transporte de 19 longas-metragens para Bruxelas, «onde deverão chegar a 27 de Maio».

A primeira parte da «história» termina quando, a 26 de Maio, o IPC recebe a informação de que a realização de «Fenêtres Ouvertes sur le Portugal» foi adiada, a pretexto de os filmes não terem chegado a 16 de Maio e «não terem sido respeitados os prazos normais».

«Os factos falam por si» – justifica o IPC no comunicado enviado.

"Grande Noite do Fado"

É já esta tarde, a partir das 17 horas, que na Casa da Imprensa tem lugar o ensaio geral das cerca de oito dezenas de intérpretes amadores, que na próxima sexta-feira, participam na «Grande Noite do Fado», o festival anual dos trabalhadores da Comunicação Social.

O Coliseu dos Recreios de Lisboa é mais uma vez o palco da tradicional «Grande Noite do Fado», espectáculo cuja receita reverte para a obra assistencial dos jornalistas e este ano, dado o período festivo que a cidade atravessa, tem o apoio da Câmara Municipal.

A par das cerca de oito dezenas de fadistas amadores das colectividades populares que vão entrar no concurso, vão desfilar nomes de primeiro plano deste género musical que acederam a participar como Esmeralda Amoedo e Saudade Santos, Fernando Maurício e Artur Batalha, Maria Armada e Marina Mota João Casanova e Camané. Para os acompanhar estarão os guitarristas Edgar No-

gueira, Domingos Manuel, Pedro Nóbrega, José Inácio e Fernando Alcobia, quinteto que hoje procede ao ensaio geral dos participantes.

«A Grande Noite do Fado» deste ano conta ainda com a presença de Ivone Silva, Henrique Santana, Carlos Cunha e Marina Mota (do Teatro Maria Vitória), Helena Rocha e os «clássicos» Alexandra, Maria Armada, Pedro Barroso, Alexandra Cruz, Midus, Tony de Matos, Candida Branca Flor e o «show» de travesti comandado por Lydia Barloff (do «Finalmente Clube»). Outros artistas estão a corresponder ao convite dos jornalistas portugueses para emoldurarem um festival em que serão entregues prémios de «Prestígio» e de «Popularidade», que vão distinguir gente conhecida em diferentes campos de actividade.

Como habitualmente, a «Grande Noite do Fado» é organizada pelos jornalistas Neves de Sousa, Carlos Castro e Carvalho Ramos.

Jorge Luís Borges morreu

A sua obra fica na Argentina e o seu corpo no cantão de Genebra

Morreu na Suíça, aos 87 anos, um dos maiores escritores do nosso tempo: Jorge Luís Borges. Sendo embora natural da Argentina, o seu funeral deverá contudo realizar-se amanhã naquela que foi por si considerada a «segunda pátria», que lhe serviu de berço de inspiração literária e onde passou uma parte importante da juventude: Genebra.

«A morte de Borges é uma perda fundamental para o Mundo», disse em Paris o seu compatriota Ernesto Sabato. Em Buenos Aires, o presidente argentino, Raul Alfonsín, afirmou, por seu turno, que «não é exagero dizer-se que há um antes e um depois de Jorge Luís Borges no estilo e no interesse dos escritores da América Latina e de Espanha».

Vítima de cancro no fígado, o autor dos «Conjurados» residia há três meses, com sua mulher Maria Kodama, no cantão suíço. Por expressa vontade de escritor, Kodama será herdeira universal de todos os seus bens, condecorações e direitos de autor. Recordou-se que ambos haviam casado em 26 de Abril, em Assunção, no Paraguai, e que só um mês depois a notícia foi divulgada na capital argentina. Na ocasião, a imprensa em geral deu grande destaque ao acontecimento, o que contrastou com a importância que os órgãos de Comunicação Social sempre deram aos êxitos literários de Jorge Luís Borges.

A última entrevista de Borges foi concedida exactamente após o seu casamento ao diário regional italiano «Il giornale di Sicilia». Dizia ele então: «Vicemos em Genebra, viajaremos muito e de vez em quando regressaremos à Argentina. Na mesma entrevista, o escritor dizia estas palavras simples: «Amo a Europa: Roma, Londres, Madrid, Atenas e também Palermo, aonde espero que regressemos depressa». Em relação ao seu casamento com Maria Kodama, que tanta curiosidade havia suscitado nos meios intelectuais, explicou: «Casei-me com ela porque a amo e a ela confio o meu património intelectual; não sou rico mas não quero que, depois da morte, a minha obra se disperse e se comercialize». «O património de um escritor não é apenas um facto económico, mas a continuidade do seu pensamento. O meu será a continuidade da minha vida», concluiu.

Funeral em Genebra

O advogado de Jorge Luís Borges, Osvaldo Vidaurre já disse que o escritor tomou a decisão de se radicar em Genebra quando se apercebeu que tinha um cancro de evolução irreversível e já com pouco tempo de vida: «O seu último desejo foi morrer e ser enterrado em Genebra», acrescentou Vidaurre.

Logo após algumas horas sobre a morte do escritor, o assessor cultural do presidente Raul

dos «Conjurados», um livro escrito muito antes de o casal ir viver para Genebra «sabem claramente que o seu desejo era ser enterrado nesta cidade», concluiu a viúva.

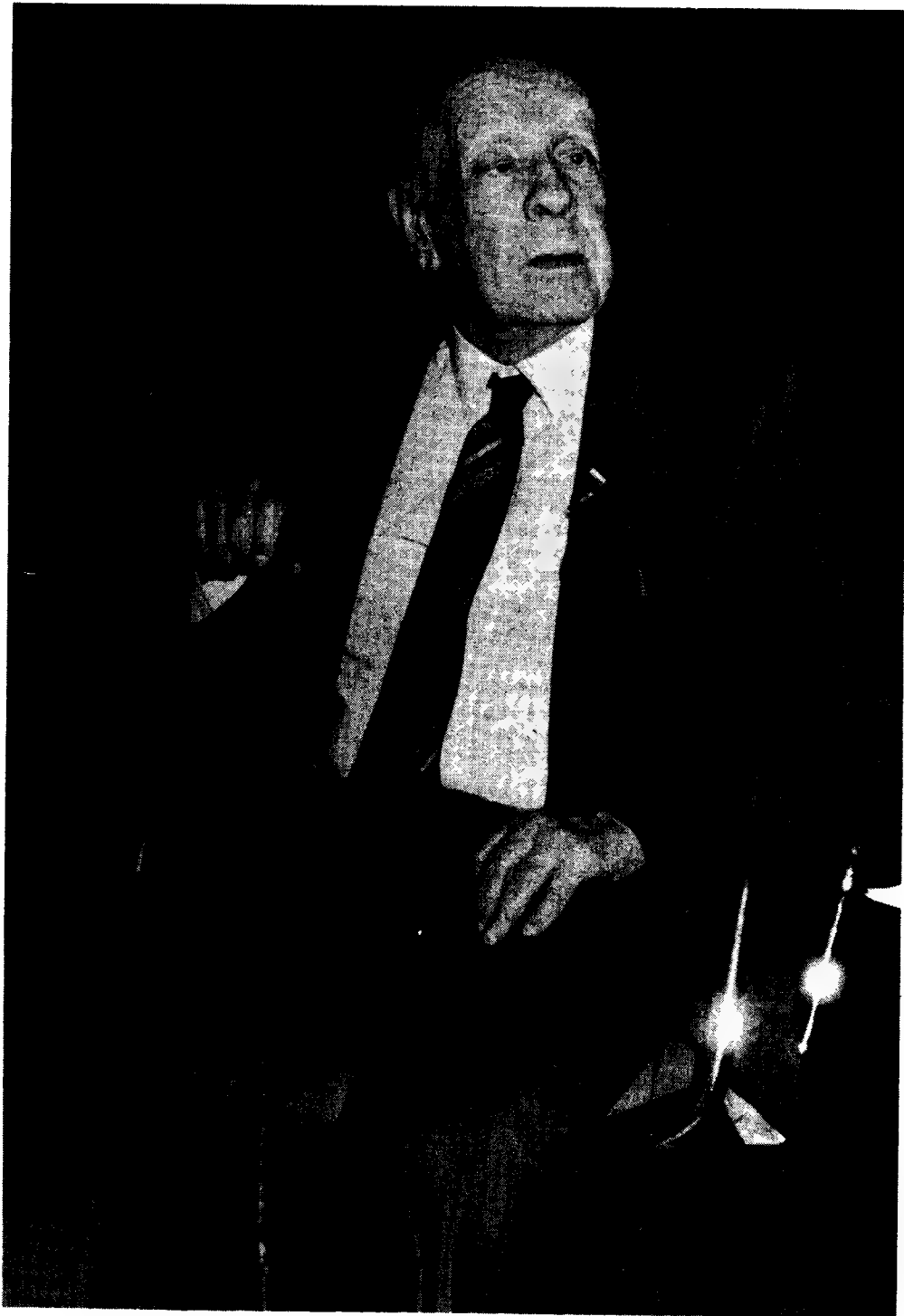
O funeral, previsto inicialmente para hoje, só deverá ser marcado para amanhã, visto que antes não deverá estar reunida a documentação que permita enterrar Borges no cemitério dos Reis de Genebra. Kodama admitiu que a autorização das autoridades cantonais suíças seja obtida a tempo de o funeral se realizar na terça-feira e os restos mortais do escritor ficarem sepultados no cemitério de Saint-Georges, onde jazem apenas homens ilustres ligados às letras, às artes e à política.

Luto nacional na Argentina

O Governo de Buenos Aires

decretou luto nacional. O presidente Raul Alfonsín, que recebera a notícia da morte do poeta na sua residência de Olivos, enviou imediatamente um telegrama a Maria Kodama e deu ordens ao Ministério dos Negócios Estrangeiros para que envie a Genebra uma coroa de flores com as cores azul e branca da Argentina. Um comunicado oficial foi entretanto tornado público, na capital.

A morte do escritor foi sentida em todo o Mundo. Não foi só a Imprensa do seu país natal a destinar-lhe largo espaço noticioso; mas também em muitos outros países onde os homens aprenderam a admirar Borges e a amar a sua obra. Um jornal de Buenos Aires escreveu o título: «Os argentinos terão agora que aprender a conviver com a recordação de Jorge Luís Borges». Que lhes baste ao menos isso.





Els Joglars: a outra música

Carlos Porto

Com o espectáculo do grupo catalão Els Joglars, «Los Virtuosos de Fontainebleau», texto e encenação de Alberto Boadella, o FITEI cumpriu integralmente a sua missão: mostrar ao público do Porto o trabalho de um grande grupo, de um dos mais importantes grupos de teatro de expressão ibérica, trabalho que propõe em termos criativos excepcionais uma crítica altamente polémica a um tema muito actual, o da entrada da Espanha na CEE. De facto, «Los Virtuosos de Fontainebleau» ultrapassa esse circunstancialismo histórico: a crítica que nos propõe visa mais longe e mais fundo, caricatura com espantosa força corrosiva o relacionamento de duas culturas, a dos países do Norte, ricos e civilizados, e a dos países do sul, pobres e selvagens. O genial achado de que Alberto Boadella se serviu dá o tom do espectáculo criando um conjunto musical francês que se desloca à península para oferecer recitais de música clássica, Boadella metaforizou esse relacionamento em termos, ao mesmo tempo, delirantes e clarificadores.

O espectáculo inicia-se com a apresentação do concerto feita por um comissário espanhol da CEE, discurso modelar como convenção em que tudo surge ao mesmo tempo no seu lugar e subtilmente deslocado, o que permite fazer uma dupla leitura: a do discurso oficial e a sua desmontagem.

O jogo que a seguir «Los Virtuosos de Fontainebleau» nos propõe é muito simples

mas vai-se complicando — e de que maneira! — ao longo do espectáculo: no palco estão os senhores e as senhoras da arte, do saber, da civilização; na plateia estão os pobres diabos a quem é preciso explicar tudo para que percebam alguma coisa. Mas no palco há ainda duas outras personagens a quem compete defender, à sua maneira, a «honra» do pobre público. São eles o já referido comissário e um empregado subalterno do teatro que começa por passar pelo palco com um serviço de bar até se transformar no «cobridor» de serviço, para gáudio das e dos franceses, pasmosa personagem que simboliza ao mesmo tempo o machismo ibérico e a apetência dos países ditos civilizados por esse machismo aparentemente criticado.

O pacífico concerto, com Mozart, Debussy, Bizet, etc., vai-se transformando no palco de um teatro de loucura em que os músicos vão revelando os seus complexos (de superioridade e de inferioridade), arrancando as máscaras que a civilização, de que eram representantes, lhes impusera. O espectáculo atravessa frequentemente as fronteiras do escatológico, do obscuro, da convecção do bom e do mau gosto: desde o amor pelos cães, representados pelos caniches de pelúcia, que os franceses, e sobretudo as francesas, manifestam, aos «sopros anais» fingidos com que os músicos executam alguns passos da «Pequena Música Noturna» de Mozart, à ridicularização do galo, símbolo da França, à culinária, nada esca-

pa à golodice e à perfídia de Els Joglars. Como, por exemplo, o músico que cobre a sua nudez, aliás casta, com a bandeira da CEE; ou a denúncia da apropriação pela França dos génios alheios (caso de Picasso, citado entre outros).

Se o espectáculo projectava sobre a França, como símbolo das nações ricas, civilizadas e castigadoras, os mais implacáveis e violentos dos seus sarcasmos (racista e ignóbil chamou ao espectáculo um francês presente na sala), nem por isso a própria Espanha e algumas das suas figuras lhes escapavam, como o machismo, mas também Salvador Dalí em duelo com Garcia Lorca cujo discutido lado homossexual era humoristicamente revelado.

Teatro dum teor crítico, duma força caricatural, duma energia cénica sem paralelo, marcado numa ou noutra cena por um toque surrealista duma grande coerência — «Os Virtuosos de Fontainebleau» atingia nas últimas cenas uma grandeza de humor e de teatralidade formidável. O Rei-Sol com a voz de Edith Piaf, o guarda-civil que lhe segura a longa capa, o actor com grandes bigodasas metido na máscara e no fato da virgem de Pilar, o busto seminu de uma actriz representando o busto de Mariana, aparecendo e desaparecendo, estes elementos formavam uma barricada digna de Victor Hugo e que era ao mesmo tempo uma barraca de pimpampum que um actor da plateia atingia com peças de fruta de plástico, o conjunto constituindo uma série de achados teatrais que nos dei-

xavam quase sem fôlego.

Espectáculo fabuloso pela imaginação cénica e pela carga crítica que exprime, é-o também pela espantosa qualidade dos seus intérpretes. Numa charla em que falou das experiências do grupo, Alberto Boadella sublinhou o longo trabalho dos actores na preparação e afinação das suas personagens. O «play-back» que serve de base ao espectáculo é duma tal perfeição que é difícil acreditar que os actores não sejam ao mesmo tempo os executantes das músicas ouvidas. Mas não foi apenas como virtuosos musicais a fingir que os actores catalães revalaram ser de facto grandes virtuosos teatrais. As composições das personagens demonstraram surpreendentes dotes de observação e uma maravilha capacidade de execução. Desde o cabelo à maneira de vestir, de andar e de falar, ao seu comportamento em cena, estes actores funcionaram como se fossem efectivamente músicos franceses.

Um trabalho tecnicamente perfeito, um discurso dramático extraordinariamente imaginativo, uma sátira de contornos críticos altamente polémicos — «Os Virtuosos de Fontainebleau», de Alberto Boadella, por Els Joglars, ficará como um dos grandes momentos destes nove anos de teatro de expressão ibérica, tendo elevado o FITEI a alturas raramente atingidas.

Esperemos que seja possível que o grupo catalão volte a Portugal com mais tempo de maneira a que o público português possa conhecer melhor o seu trabalho.

Uma das obras de Mena Brito, com o título «Alternâncias»

Exposições

• Todos os dias úteis das 9 às 20 horas e até ao mês de Agosto está patente ao público no Centro de Dança de Armando Jorge (Av. João Crisóstomo, n.º 5 em Lisboa) um conjunto de pinturas da autoria de **Mena Brito**. Intimamente ligada ao mundo da dança, esta exposição tem particular interesse e inovação apresentar-se no próprio contexto escolhido como fonte motivadora: o espaço de bailado, num contacto total com a acção criadora que lhe serve de inspiração.

• Na sala 2062 do Amoreiras — Shopping Center de Lisboa, está aberta ao público até ao fim do mês uma **exposição de pintores figurativos nacionais e estrangeiros**. A mostra comporta obras de Maluda, Thomaz de Melo — Tom, Watanuki, Silva Lino, J. Contreras, (sé. XIX), Filipe Cappeluni (sé. XVI), Real, Bordalo, Manuel Vieira, João Califórnia, Luís Lobato, Molina, Carlos Ribeiro, Estevão Soares, Carlos Resende, José Ribeiro e Jorge Neto. Encontra-se igualmente exposto o quadro Lisboa, da autoria de Alberto de Sousa, a quem se presta homenagem.

• **Alice Jorge** expõe na Galeria Bertrand do Chiado, um conjunto de Desenhos e Aquarelas. Sobre a sua pintura refere o crítico de arte Rocha de Sousa no livro evocativo desta exposição, editado pela Bertrand:

Um quotidiano de figuras, outrora. Gente no trabalho, gente na longa espera entre o dia e a noite. Mulheres. Silhuetas. Na ria sob o peso do molicho, ou à beira do cais, no ritmo dos passos ondulantes e das canastras de peixe. Jovens e velhas e olhares furtivos sob a chuva. A melancolia dos sépias e o musgo impreciso dos verdes.

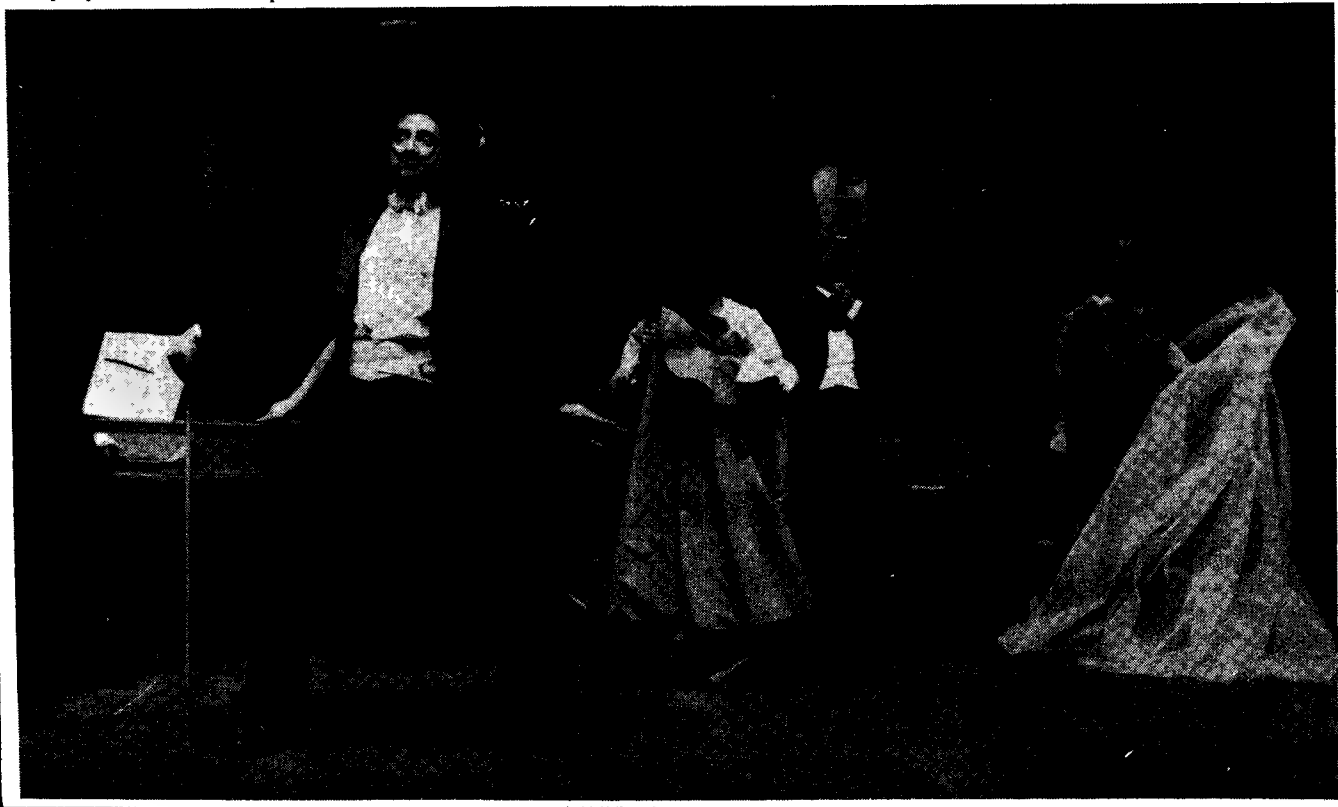
Dança

• O **Grupo de Iniciação e Divulgação de Dança de Coimbra** realiza hoje mais um espectáculo. Gabriela Figo, orientadora do GIDDUC, salientou que o espectáculo vai realizar-se no Teatro Académico de Gil Vicente e servirá para apresentar publicamente o trabalho do grupo. O Grupo de Iniciação e Divulgação da Dança do União de Coimbra iniciou a sua actividade em 1984, como secção autónoma deste clube, e movimenta actualmente cerca de 200 alunos. Empenhado em ensinar e divulgar a dança nos seus múltiplos aspectos, aquele grupo manteve em funcionamento no ano lectivo de 84/85 várias classes de afro-jazz, dança clássica e contemporânea. Gabriela Figo referiu que o grupo pretende «implementar um ensino técnico correcto, de modo a permitir uma possível orientação profissional capaz de competir com Lisboa».

• A partir de hoje e até 4 do próximo mês decorrem em Lisboa, Porto e Faro as **«Jornadas Culturais Marroquinas»**, organizadas pelo reino de Marrocos e pelo seu Ministério dos Assuntos Culturais. As actividades começaram já esta manhã com uma mostra gastronómica marroquina no Hotel Meridien e prosseguem esta tarde, em Lisboa, com um espectáculo da Companhia Nacional de Artes Populares, na Praça do Rossio, entre as 14 e as 15 horas.

Música

• Na rubrica «Cinco Minutos de Jazz» do programa da Rádio Comercial «24.ª Hora», no ar, em onda média, às 23.30 horas, está a ser transmitida, até ao próximo dia 19, a última parte da divulgação da discografia de **Duke Ellington** e sua Orquestra no seu Período Áureo (1941). Gravações históricas compiladas pela Smithsonian Institution, uma das mais importantes fundações norte-americanas que se dedicam ao apoio das Artes.



Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Alfa 2

O JUSTICEIRO DE NOVA IORQUE
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45 h

Alfa 3

VIVER E MORRER EM LOS ANGELES
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.15 h 00.15 h

Alfa Club

T. 763319

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Amoreiras 2

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.15 e 00.15 h

Apolo 70

OS MARGINAIS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Avila

— T. 539930

GANDHI
(maiores 12 anos)
14.45, 18.15 e 21.45 h

Avis

— T. 547163

O RALLY DAS GOZONAS
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio

— T. 372358

FELÍCIA
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

LARANJA MECÂNICA
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h



Uma cena do filme «Nova Iorque fora de Horas» do realizador Martin Scorsese. Grande Prémio da melhor realização/Cannes 86. Em exibição no Quarteiro e Estúdio 444.

Cinebloco

— T. 556824

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
CHRISTIANE F.
(int. a men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões

T. 324194

OS CINCO AVISOS DE SATANÁS
(não acons. menores 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

NASCE UMA ESTRELA
(não acons. menores 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
FUGA PARA ATENAS
(int. men. 13 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

ENCERRADO PARA BENEFICIAÇÕES

Estúdio Shezu

OLHOS INDISCRETOS
(maiores 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

ESPIÕES COMO NOS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
CAÇADORES NO ESPAÇO
(maiores 12 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

A ÚLTIMA REPORTAGEM
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

HOMENS EM FÚRIA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

1941 — ANO LOUCO EM HOLLYWOOD
(maiores 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

TERRA SANGRENTA
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

OS GANSOS SELVAGENS CONTRA ATACAM
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

O BARÃO DE ALTAMIRA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

MUNDIAL/86
Recordando Mundial 66
21.30 h

Gemini

— T. 734009

OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

A ÚLTIMA REPORTAGEM
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Imperio

— T. 555134

FIRE FOX
(interdito menores 13 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

A ÚLTIMA REPORTAGEM
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

A EXPERIÊNCIA EM FILADÉLFIA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

A EXPERIÊNCIA EM FILADÉLFIA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. menores 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

ENCERRADO PARA FÉRIAS
Até 1 de Julho (inclusiv)

Odeon

— T. 326283

O GRANDE ATAQUE
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

AS VIAJANTES SEXUAIS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathe

— 821933

A TURMA DOS REPETENTES
(maiores 18 anos)
14.00 e 21.30 h

Politeama

T. 326305

ESTRADA DE FOGO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

O CASAMENTO DE MARIA BRAUN
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 h
O FILME MAIS LOUCO DO MUNDO
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 2

«PSICO»
(maiores 17 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A ÚLTIMA VALSA
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 3

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O EXORCISTA I
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 4

OS MARGINAIS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
PARA ALÉM DO PARAÍSO
(maiores 16 anos)
23.30 h

N'Gola

— T. 573407

ENCERRADO PARA OBRAS

Restelo

T. 610375

AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

Cinema Rex

— T. 864756

UM MARIDO SOLTEIRO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.30 e 18.30
A SEVERA
(Teatro)
21.45 h

Roma

T. 889192

O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxo

T. 548560

AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

VIVER E MORRER EM LOS ANGELES
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3

007 — ORDEM PARA MATAR
(maiores 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Sala 4

O FIO DA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

GENTE GIRA N.º 2
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

O FIO DA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

DESAPARECIDO EM COMBATE
(m. 12 anos)
15.30 e 21.45 h

Xenon

T. 368480

VAMPIROS EM FÚRIA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

JULIE
(maiores 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinetatro Lido
«Juventude Inquieta», às 21.30 h (maiores 12 anos)

CINE-ESTÚDIO — «África Minha», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Indiana Jones e o Templo Perdido», (maiores de 12 anos), às 15 e 21 h.

Babilónia, «Pelotão Chanfrado», às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 23.45 (não acons. men. 13 anos).

MEM MARTINS — «Gangsters Malandros», às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO DOIS EME — «As Minas de Salomão», às 21.30 h (maiores 12 anos)

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL — «África Minha», às 17 e 21.15 (m. 16 anos)

ALGÉS — CINEMA 2000 — «O carro de combate», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)

OEIRAS — ALTO DA BARRA — SALA 1 — «O Alvo», às 15.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)

SALA 2 — «A Última Reportagem», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)

CASCAIS — MIRAMAR/ SALA 1 — «África Minha», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

SALA 2 — «Experiência de Filadélfia», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS — ATLÂNTIDA CINE — «As Minas de Salomão», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

OXFORD — «África Minha», às 16.00 e 21.30 h (maiores 16 anos)

Arredores

ALMADA — Academia — «Pela noite dentro», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Incrível — «A Rapariga de Los Angeles», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)

CINE ESTÚDIO ALMADA — «Lobijovem», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)

CAPARICA — OCEANO — Sala 1 — «Porkys II», às 15.45 e 21.30 h (não acons. m. 13 anos)

Sala 2 — «Anatomia de Uma Traição», às 16 e 21.45 h (maiores 18 anos)

CRUZ DE PAU — LORD — «As Minas de Salomão», às 16.00 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — CINE-ESTÚDIO BARREIRENSE — «Scarface — A Força do Poder», às 21.15 h (maiores 16 anos)

FORTE DA CASA — FOCA CINE — Encerrado para férias

LINDA-A-VELHA — CINE-TROPICAL — «O Primeiro Ano do Resto das Nossas Vidas», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

MOSCAVIDE — STOP — Encerrado para férias

ODIVELAS — CINE-ODIVEL — «O Guerreiro do Mundo Perdido», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CINE-OCEANO — «Desarmado e perdido», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — «Rambo — A Vingança do Herói», às 16 e 21.30 h (maiores 18 anos)

PERMANENTE

Alcântara — Nogueira — Rua Alcântara, 5-AB (Tel. 637563); **BAIRRO ALTO** — Pinhanda — Rua da Rosa, 94-96 (Tel. 321534); **CAMPO DE OURIQUE** — Porfório — Rua Francisco Metrass, 59-B (Tel. 663777); **CHELAS-COLVA** — Santa Silva — Rua 2. Chelas, Bloco III, Lt. 22 (Tel. 681515); **CH** — Bastos — Rua Morais, 91-D (Tel. 844350); **CC** — PEDONDO — Salus — Rua Adriano Cordeiro, 73 (Tel. 681515); **ENCARNAÇÃO** — Santos — Rua do Norte, 11-A (Tel. 681515); **FREITE** — POPULAR — AV. RF — Alcântara — Av. Alameda, 74-A (Tel. 777777); **MAÇA DE LON** — Imperial — Av. Guimaraes, 30-B (Tel. 888888); **S. DOMINGOS** — Sousa — Est. Beato, 431 (Tel. 780027); **SA** — TIÃO — São Sebastião — S. Sebastião da Pedra, 3 (Tel. 548642); **TEI** — SQUINTA SÃO VIC. — Quejas — Rua Prof. Franc. Gentil — Edif. 81 — Loja 21 (Tel. 758444); **COLINA DO SOL-BRANDO** — AMADORA — Vidal Reis — Urb. Alfontes, Célula G - Lote 35 (Tel. 996540); **ODIVELAS** — Leitão — Rua Guilherme Gomes Fernandes, 62 (Tel. 9810051); **PONTINHA** — Cruz Correia — Est. Santo Elói, 41-A (Tel. 992453).

REFORÇO

ALVALADE-Av. do Brasil — Marbel — Av. Roma, 131-A (Tel. 776235); **ANJOS-CHILE** — Castro — Av. Almirante Reis, 76-A (Tel. 821973); **BENFICA-BAIRRO DAS PEDRALVAS** — Gouveia — Rua Augusto Costa (Costinha), Lt. 4 - Lj. Dr.ª (Tel. 707500); **CAMINHOS FERRO** — Vilalobos Santos — Rua Cruz Santa Apolónia, 90-92 (Tel. 847019); **CASTELO** — Bastos Andrade — Cc. Santo André, 107 (Tel. 860450); **LAPA** — Neves — Rua Bela Vista à Lapa, 37 (Tel. 661251); **PICHELEIRA** — Marluiz — Cc. Picheleira, 140-BC, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF (Tel. 880703); **REGO** — G. Silva — Rua Francisco Tomás da Costa, 3-AC (Tel. 771873); **RIO SECO** — Biotifar — Rua D. João de Castro, 27-B (Tel. 638824); **ROMA** — TEATRO MARIA MATOS — São João de Deus — Rua Pedro Ivo, 1-AB (Tel. 885140); **SALDANHA** — Cardeira (Tel. Av. Duque d'Ávila, 32-C (Tel. 543495); **BURACA-AMADORA** — Vaz Martins — Rua António Ferro, 6-A (Tel. 970660); **OLIVAL BASTO** — Nova — Rua Aguires, 11-A (Tel. 9810305); **PRIOR VELHO** — Matos — Tv. Prioras (Tel. 2519939); **ALMADA** — Castro Rodrigues — R. Capitão Leitão, 21-A (Tel. 2750076); **PERM.** **COVA DA PIEDADE** — Cerqueira — Lg. 5 de Outubro, 18 (Tel. 2750254) **PERM.** **MONTE DA CAPARICA** — Nova — R. Trabalhadores Rurais, 82 (Tel. 2954436), até às 19 h. **COSTA DE CAPARICA** — Chai — Av. Gen. Humberto Delgado (Tel. 2403218), até às 19 h. **FEIJÓ** — Tovar Chaves — R. Dr. António Elvas, 104-D (Tel. 2296119), até às 22 h. **SESIMBRA** — Leão — Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471), até às 19 h. **LAVRADIO** — J. Consoado — Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C (Tel. 2043126), até às 19 h. **BARREIRO** — Santa Marta — R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (Tel. 2072141), **PERM.** **BAIXA DA BANHEIRA** — Tebeira — B.º Moçambique, 84-B (Tel.

2040946), até às 19 h. **CORROIOS** — Abreu Cardoso — B.º Cid. Setúbal, 1-B (Tel. 2291192), até às 19 h. **AMORA** — Matos Lopes — R. 1.º de Maio, Lote 401 (Tel. 2216355), até às 22 h. **SEIXAL** — Central — Est. Nacional, 9, Aldeia de Paio Pires (Tel. 2210365), até às 22 h. **MONTIJO** — Moderna — R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 2310156), até às 22 h. **MOITA** — Silva Rocha — P. da República, 16 (Tel. 239029), até às 19 h. **ALHOS VEDROS** — Gusmão — R. Cândido Reis, 30 (Tel. 2040020), até às 19 h. **ALCOCHETE** — Gameiro — L. Ant. Santos Jorge, 15 (Tel. 234100), até às 19 h. **SETÚBAL** — Fuzeta — Perm. Saia, Av. Portela, 55 (Tel. 22709), **PERM.** **Normal do Sul**, P. do Bocado, 137 (Tel. 22216), até às 22 h. **LINHA DE SINTRA**

AMADORA — Dias Brito — Av. Marquês de Pombal, 15-A (Tel. 4940118), **PERM.**; **Car-mele** — R. Elias Garcia, Lote 28 (Tel. 9933303), até às 22h; **DAMAIA** — D. João V — Av. Gurgel Amaral, 2-A (Tel. 970461), até às 22h. **Simões Lopes** — Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123), até às 22h; **CAMARATE** — Batalha — R. Avelino S. Oliveira, 5 (Tel. 2571069), até às 19h; **CACÉM** — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 9240034), **PERM.**; **ALGUEIRÃO** — Rodrigues Rato — R. Morés, 1; (Tel. 9212038), **PERM.**; **MERCES** — Claro Russo — R. Abade Faria, 2-A (Tel. 9215275), até às 22 horas; **RIO DE MOURO** — Rio-Mouro — Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (Tel. 9262006), até às 22h; **SINTRA** — Teresa Garcia — L. D. Afonso, 3-A (Tel. 9232747), **PERM.**; **COLARES** — Abreja — (Tel. 9290088); **MOSCAVIDE** — Pedro Gomes — B.º 25 Abril, lote 13 (Tel. 2519670), até às 22h; **SACAVEM** — Lourenço — Av. Almirante Reis, 31 (Tel. 2518151), **PERM.**; **LOURES** — Saraiva — Av. República, 86 (Tel. 9830027), até às 22h. **LINHA DE CASCAIS**

ALGÉS — Miramar — R. Ernesto Silva, 83 (Tel. 2112048), **PERM.**; **LINDA-A-VELHA** — Melo Almeida — R. D. Diogo, Couto, Lote 182. (Te. 4191697), até às 19 h.; **TIRES** — Guimarães — L. Duartes, Lote A-r/c (Tel. 2441616), até às 22 horas; **ALCABIDECHÉ** — Carvalho — B.º Padre P. Correia, 4 — (Tel. 2690363), até às 22 horas; **PORTO SALVO** — Ferreira Bastos — R. D. Firmino Rebelo (Tel. 2421015), até às 22 horas; **CARCAVELOS** — Central — R. 5 de Outubro, 25 (Tel. 2470037), **PERM.**; **S. DOMING. RANA** — Godinho Silveira — R. A. Albuquerque, Lote B-Lj.2 (Tel. 2470361), até às 22h; **MALVEIRA DA SERRA** — Luz — Estrada Nacional (Tel. 2850635), até às 22 horas; **OEIRAS** — Mourão Vaz — Av. Moçambique, 17-C (Tel. 2437196), até às 22h; **NOVA OEIRAS** — Leal — Quinta da Palmeira, Lote 24 (Tel. 2478737), **PERM.**; **PARADE** — Grincho — Av. República, 87-A (Tel. 2471204), **PERM.**; **SASSOIEIROS** — Amaral — Quinta das Encostas (Tel. 2461312), até às 22 horas; **BIRRE** — Imani — Lote 7-B-Hera (Tel. 2852121); **MA-DORNA** — Madeira — Rua A (Tel. 2476326), até às 22 horas; **AMOREIRA** — Abrantes — Viv.ª Maria Carlos Anjos (Tel. 2682313), até às 22 horas; **ES-TORIL** — Marques dos Santos — R. Ferreira, J.A., 15 (Tel. 260116), até às 22h; **CASCAIS** — Marginal — Av. Marginal (Tel. 280078), **PERM.**

TEATROS

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«A SONATA DOS ESPECTROS», de Strindberg. Pelo Teatro da Cornucópia. Encenação de Luís Miguel Cintra. Interpretação de Ruy Furtado, Diogo Dória, Francisco Costa, Gilberto Gonçalves e Madalena Pinto Leite, entre outros.

Teatro do Século

5.ª, 6.ª e domingo às 18.30; sábados às 21.30

«VIAGEM PARA A FELICIDADE», de Franz Xaver Kropp. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretado por Lucinda Loureiro.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 372246 Sala Garrett

De 3.ª a sáb. às 21.30; dom. às 16.00

«MÃE CORAGEM E OS SEUS FILHOS», de Bertold Brecht. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Encenação de João Lourenço. Interpretado por: Eunice Muñoz, Irene Cruz, Rui de Carvalho, Rogério Paulo, Francisco Pestana, São José Lapa, Carlos Daniel, entre outros.

Rex

R. da Palma, 253 — Tel. 864756

2.ª a 6.ª feira às 21.45

Sábados e Domingos às 21.45 e às 16.00

«A SEVERA» de Júlio Dantas. Interpretado por Cândida Vieira, Virgílio Castelo, Pedro Pinheiro, António Machado, Armando Taveira, Rui Anjos, Ana de Sá, Reis Jorge, Rui Filipe, Henrique José e Edgar Sotto.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 686300.

De 3.ª a dom. às 21.15; sáb. e dom. às 16.00

«CLAMITY JANE». Uma mulher de armas ou O Monólogo da Vaqueira. Dramaturgia e encenação de Helder Costa. Interpretação de Maria do Céu Guerra.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

R. Xabregas, 54 — Tel. 382531

De 3.ª a sáb. às 21.30. Domingos às 17.00

R. Xabregas, 54 (Tel. 382531)

De 3.ª a sáb. às 21.30. Domingos às 17.00

«AVAREZA, LUXÚRIA E MORTE NA ARENA IBÉRICA» de Ramon del Valle Inclán. Encenação de Blanco Gil. Interpretado por Lia Gama, Argentina Rocha, Fran-

Casa dos Tabuenses

R. Poiais de S. Bento, 75 — Tel. 60 18 66

Sábados e domingos, às 16.30

«A RUA DOS FANTASMAS», de Javier Villafañe. Pelo Maizum. Encenação de Adolfo Gulkyn. Interpretes: Carlos P. Vasconcelos, Isabel Bezelga e Silvana Pereira.

Instituto Franco-português

Av. Luis Bivar, 91 (Telef. 544574)

De 3.ª a sáb., às 21.00. Sáb. e dom., às 16.30

«O HERDEIRO DA ALDEIA» de Marivaux. pelo Teatro da Rainha. Enc. de Fernando Mora Ramos. Interpretado por José Eduardo, Rosário Konzaga, Vítor Santos, Isabel Muñoz, entre outros.

Cooperativa da Caixa Económica Operária

R. Voz do Operário, 64-2.º — Tel. 87 56 10

5.ª, 6.ª e sábado, às 22.00

«O MEU CORPO TEM AS MESMAS IDEIAS QUE EU», de António Rodrigues. Encenação e interpretação pela Companhia do Teatro Amador da Caixa Económica Operária.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«O CORONEL EM DOIS ACTOS». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Duke Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De 4.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 16.00

«VOLPONE», de Ben Jonson. Pelo Novo Grupo. Direcção e encenação de Norberto Barroca. Cenários e figurinos de José Costa Reis. Interpretes: Adriano Luz, Alexandre Sousa, Amílcar Botica, Ana Oliveira, Fernanda Policarpo, Isabel Ribas, Joaquim Rosa, José Beato, José Jorge Duarte, José Raposo, Mário Garcia, Melim Teixeira, Miguel Duarte, Sara Lima e Vítor Norte.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Fera Popular — Tel. 76 86 90

Teatro Estúdio de Lisboa

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«CESARIO QUE?». Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Interpretes: Fernanda Montemor, Carlos Santos, Clara Joana, Helena Félix, Luísa Ortigosa, Fernanda Coimbra, José Brás, Vítor Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Paiva.

Teatro Oficina

R. S. Mamede (ao Caldas), 19

Sexta, sábado, domingo, e seg., às 21.30

«COMANDO PARA A MORTE» de Alfonso Sastre, com prólogo de Fernando Dacosta. Encenação de João Barros.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 3.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 17.00

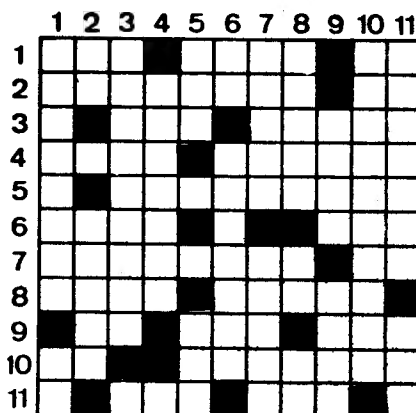
«CALÍGULA», de Albert Camus. Encenação de João Mota. Interpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Isabel Medina e João Mota, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 16 754

HORIZONTAIS:

- 1 Agasalho em forma de rolo, que as mulheres usam à volta do pescoço. Móvel sobre o qual se come. O mesmo que até.
- 2 Deslizaras. Pronome pessoal (inv.).
- 3 Grito (inv.). Parte externa e posterior da coxa do boi.
- 4 Oportunidade. Baqueta de tambor.
- 5 Refrearam.
- 6 Apelido. Espádua.
- 7 Afrontam. Pertences.
- 8 Fechas as asas para descer mais depressa. O mesmo que odcão.
- 9 Arsénio (s.q.). Agarrei. Sufixo que designa pequenez.
- 10 Manuscrito. Cada um dos lados perpendiculares entre si de um triângulo rectângulo.
- 11 Falda. Ferro temperado.



VERTICAIS:

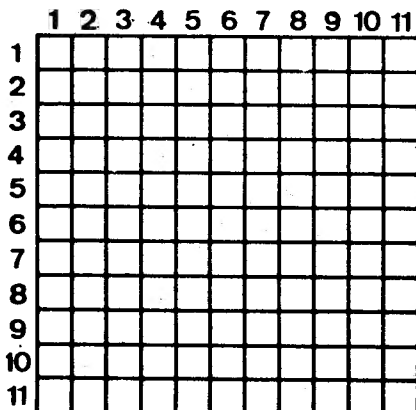
- 1 Ilhas do oceano Atlântico a NE das Antilhas, pertencentes à Inglaterra. Mulo.
- 2 Ósmio (s.q.). Tempo do verbo ir.
- 3 Despertaras.
- 4 Untuosos.
- 5 Ruim. Fedor.
- 6 Espera resposta. Garbosa.
- 7 Cidade da Polónia. Junta.
- 8 Guarnecedora de asas. Pronome pessoal. Era cristã.
- 9 Imperador romano célebre pela sua crueldade. Numeral cardinal.
- 10 Carta muito extensa.
- 11 Seguimos cegamente. Sufixo que designa abundância.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 593

HORIZONTAIS:

- 1 Rei do Egipto da 4.ª dinastia, cerca de 2800 a.C. Doença dos vegetais que as faz definhar.
- 2 Besuntais. Prender com elos.
- 3 Ena! Abreviatura de Santíssimo. Proferirá.
- 4 Doutor. Aterrorizado.
- 5 Nesse lugar. Uma das Espórades. Guarnecedora de asas.
- 6 Ilha de Coral que forma um anel mais ou menos contínuo. Prata (s.q.).
- 7 Vila e sede de concelho (Braga). Fimbria.
- 8 Detestar.
- 9 Gálio (s.q.). Induzir.
- 10 Pertences. Vai pelo ar com grande velocidade. Lagoa do Estado da Baía.
- 11 Aperfeiçoásemos.



VERTICAIS:

- 1 Um dos Estados da Federação da Malásia. Capital da Argélia.
- 2 Reuniriam. Agarrei.
- 3 Letra grega. Tanto.
- 4 Preposição e artigo (inv.). Despertava.
- 5 Aquele que fabrica ou vende pistolas.
- 6 Pronome demonstrativo. Curas.
- 7 Radio (s.q.).
- 8 Calhau. Consentimento.
- 9 Profeta judeu no tempo de Acab e de Jezabel. Diz-se do que é engraçado, esquisito, extravagante.
- 10 Pretado. Suspiros.
- 11 Cidade da Argélia. Unha forte e curva.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 753

HORIZONTAIS:

- 1 A. Mulher.
- 2 Urraca. Assa.
- 3 Eiró. Ipim.
- 4 Seta. Acaso.
- 5 Notara. El.
- 6 Mad. Ri.
- 7 Amarante.
- 8 Araçai. Mil.
- 9 Aos. Eno.
- 10 Ama. Nesta.
- 11 Ois. Ano. Aas.

VERTICAIS

- 1 Que. Ama. Não. 2 Ris. Ama. Mi 3 Arrendarias. 4 Aoto. Rã.
- 5 MC. Atracara.
- 6 Uai! Ainão.
- 7 Par. Tisno.
- 8 Haicá.
- 9 Esma. Mesa.
- 10 RS. Se. Vinga.
- 11 Arola. Loas.

PROVÉRBO

A mulher que ama, não se vinga.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 592

HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- 1 Bogalhal. 1 Brilhantes.
- 2 Irradiaram. 2 Oiro. Arrã.
- 3 Riam. 3 Garrote. Às.
- 4 Lori. Amansa. 4 Amainaras.
- 5 Ona. Ami. 5 Arreata.
- 6 Altar. Roçar. 6 Haia. Ien.
- 7 Errai. Ace. 7 Acamarías.
- 8 Ta! Ae. Aldeã. 8 Ramo. Ga.
- 9 Er. Sais. Ari. 9 Caniçada. 10 Ema.
- 10 Sra. Te. 10 Acerai.
- 11 Assanharia. 11 Im. Arreai.

PROGRAMA 2

16.00: Música do século XX - Algumas canções opus 3 e 4 de Anton Webern - Cantata para soprano e sons electrónicos de Genzmer; 16.32: Trechos de óperas por orquestras - Abertura da ópera «A Força do Destino» de Verdi - Intermédio, da ópera «Manon Lescaut» de Puccini - Viagem de Siegfried ao Reno de «O Crepúsculo dos Deuses» de Wagner; 17.00: Integrais - As 32 sonatas de Beethoven para piano; 17.20: Serenata opus 48 em la maior de Tchaikowsky; 18.00: Sonata n.º 1 em fa menor Op. 80 de Prokofieff, por Itzak Perlman (violino) e Vladimir Askenazy (piano); 18.30: S. H. - Noticiário; 18.40 - Música vocal de Período Barroco - Jubilate Domino de Buxtehude, por Paul Esswood (contratenor). Concentus Musicus de Viena. Maestro Nikolaus Harnoncourt - Glória de Vivaldi; 19.30: Terra, planeta azul; 20.00: Quarteto de Charles Wuorinen; 20.40: Música orquestral - Uma canção de Verão de Delius - Pavane op.50 de Faure; 21.00: Intérpretes portugueses - Sonatas n.º 3 em si menor op.58 de Chopin; 21.30: Os anos 80 - Nesta emissão, música de Carlos Alessio; 22.15: Solos instrumentais de Byrd, Peerson, Phillips e Farnaby; 22.30: O canto e os seus intérpretes: o tenor Plácido Domingo; 23.30: Música de Câmara - Capricho n.º 1 de Michel Lalande - Trio em ré maior de Franz Haydn; 00.00: Música sacra - Requiem «For those we love» de Paul Hindemith - Magnificat do 1.º Tom de Buxtehude; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283,290 e 397m)

15.00: Dora a hora; 17.00: A feira mágica; 19.00: Cabo da Boa Esperança; 20.00: Conta corrente; 21.00: Discos pedidos; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora. RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; 16.00: O som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 22.00: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda média

15.00: Ré maio; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: Quiosque; 19.30: Quando o telefone toca; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Diário do desporto; 22.30: Club dos colecionadores; 23.30: A vez e a voz; 23.55: Meditando.

RTP/1

17.40 — Sumário

17.47 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «O Maestro e a Companhia» e «O Urso Teddy».

18.25 — País, País

18.55 — Campeonato do Mundo de Futebol México/86

Oitavos-de-final — Transmissão directa do jogo Brasil-Polónia.

20.45 — México/86

21.00 — Telejornal

21.25 — Direito de Antena

Espaço reservado à central sindical CGTP-IN.

21.40 — Corpo a Corpo

(70.º episódio): Eloá fica a saber que o homem misterioso se chama Raul e vai partir para o Rio em breve. Eloá e Maurício regressam ao Cairo e ela encara a possibilidade de regressar ao Brasil, mas teme que Raul pertença a algum bando de criminosos.

Amauri confessa a Osmar ainda estar apaixonado por Lúcia. Eloá regressa, finalmente, ao Brasil e Ronaldo visita o pai, sozinho. Entretanto Eloá dirige-se à Fraga Dantas e pede a Roberto a demissão do seu cargo de presidente. Rogério reage mal.

22.25 — A Fronteira entre Dois Mundos

«Zonas Ribeirinhas».

(1.º episódio): Com a colaboração da Liga para a Protecção da Natureza, o Ano Europeu para a conservação das zonas ribeirinhas, assinalado em Julho de 1985, também em Portugal serve de base a este primeiro episódio e aos cinco que vão seguir-se. Rios, lagos, lagoas, albufeiras, praias, dunas, falésias e estuários.

Zonas ribeirinhas que devemos aprender a preservar.

Clara Pinto Correia e Mega Ferreira apresentam uma produção de Victor Pedro, realizada por Tereza Olga.

22.55 — Campeonato do Mundo de Futebol México/86

Oitavos-de-final — transmissão directa do jogo Argentina-Uruguai.

(Últimas Notícias no intervalo do jogo).

00.55 — Encerramento da emissão.

RTP 2

16.30 — Europa TV

Indicativo; O Tempo.

16.35 — Tempo dos Mais Pequenos

Desenhos animados.

16.50 — Count-down — Contagem Rock.

17.30 — O Tempo

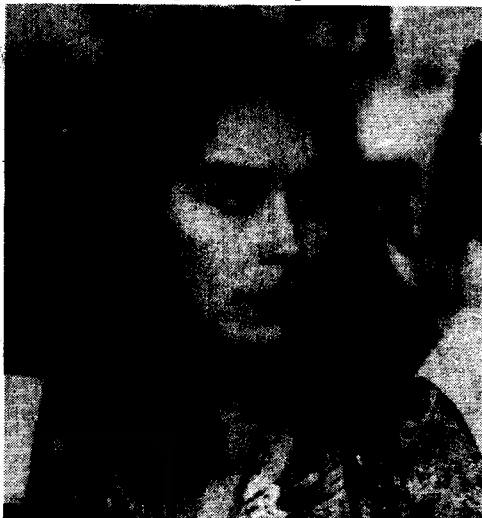
17.40 — Europa México/86

18.45 — O Mundo Amanhã

«O Tempo»



«Corpo a Corpo»: 70.º episódio



Na RTP 2 esta noite a transmissão de mais dois episódios de «Vereda Tropical»

19.00 — Musical

«Art Blakey e os seus mensageiros de jazz»

20.30 — Notícias

20.35 — Hírozonetes 2000

(7.º episódio): Por quantos anos ainda estará o mundo ocidental dependente do petróleo?

A conclusão que se deve tirar das tão faladas crises petrolíferas é que não se pode ser prisioneiro de uma única fonte energética, pois as consequências podem ser desastrosas.

Realização: Jean Martinet.

21.00 — Zoom

21.30 — Notícias

21.35 — Espaço Jazz

Cascais Jazz/85: «Jam Session».

22.25 — Últimas Notícias

22.35 — Vereda Tropical

(20.º e 21.º episódios)

00.10 — Encerramento da emissão

AMANHÃ

RTP/1

11.07 — Conheça Melhor

11.30 — Espaço 11/13

12.30 — Vedreda Tropical

(49.º episódio): Verónica fica furiosa quando vê o seu plano para seduzir Luca destruído com a chegada de Oliva. Oliva convida Marcondes para irem jantar fora depois de ver Gabi e Teo a beijarem-se e Alfredo e Catarina abraçados.

Leo fica surpreendido com os planos mirabolantes de Bárbara, que já se considera futura esposa de Oliva.

Angelina fica muito assustada ao ouvir a conversa de Bráulio com Oliva acerca de Luca. Bina descobre que Marco e Cesco têm Luca sequestrado. Alfredo fica a saber por Bertazzo que Catarina está sozinha na fábrica. Vai até lá, beija-a e declara-lhe o seu amor.

13.15 — Jornal da tarde

13.35 — Ciclo Preparatório TV

17.40 — Sumário

17.47 — Tempo dos Mais Novos

18.25 — País, país

18.55 — Campeonato do mundo de futebol

20.45 — México/86

21.00 — Telejornal

21.30 — Corpo a Corpo

22.15 — Estranhos poderes de Arthur C. Clark

22.55 — Campeonato do Mundo de Futebol

RTP 2

16.30 — Europa TV

16.35 — Tempo dos Mais Pequenos

16.50 — Count Down

17.30 — O Tempo

17.40 — O Desporto em Revista

18.45 — O Mundo Amanhã

19.00 — Série juvenil

19.30 — A Ciência dos Nossos Dias

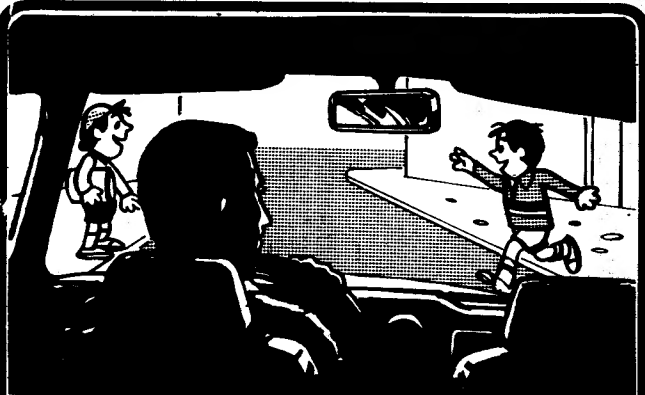
20.00 — Notícias

20.05 — Videopolis

20.40 — Cinema português em retrospectiva — «O Diabo Desceu à Vila»

22.35 — Últimas Notícias

22.40 — Vereda Tropical.



AOS CONDUTORES



«Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua distraidamente, para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma.»

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1

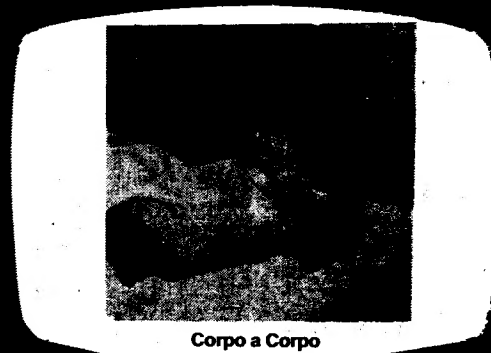
22.15 — Fronteira
Entre Dois Mundos

RTP 2

21.35 — Espaço Jazz

GRUNDIG PORTUGUESA

comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraca, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570



Corpo a Corpo



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR
9.32 3,3 m
21.51 3,4 m

10.37 3,4 m
22.58 3,5 m

BAIXA-MAR
3.00 1,4 m
15.24 1,6 m
Dia 17
4.05 1,4 m
16.31 1,5 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA 12°
VIANA DO CASTELO 14°
VILA REAL 11°
PORTO 14°
COIMBRA 17°
CABO CARVOEIRO 15°
CASTELO BRANCO 15°
PORTALEGRE 16°
LISBOA 17°
ÉVORA 17°
BEJA 18°
FARO 19°
SAGRES 18°
PONTA DELGADA 15°
FUNCHAL 17°

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco a moderado de noroeste durante a tarde do litoral oeste.

Esta tarde

PSD dá conferência de Imprensa

A Comissão Permanente do PSD tornará hoje pública, em conferência de Imprensa a realizar esta tarde, a sua posição relativamente à lei aprovada no Parlamento que condiciona a venda de acções dos «media» estatizados.

Recorde-se que a legislação se deveu à tentativa governamental de alienar acções do «Jornal de Notícias». De acordo com o novo diploma a venda «só poderá ser feita por concurso público, mediante decisão da tutela e sob proposta do respectivo conselho de gerência».

Totoloto e Totobola: "jackpots" em perspectiva

Os escrutinadores da Santa Casa da Misericórdia ainda não tinham encontrado, até à hora do fecho do nosso jornal, nenhum apostador que tivesse acertado na «chave» (6, 13, 14, 36, 41, 43+23) do Totoloto de sábado passado, pelo que, a manterem-se estes resultados, tudo se conjuga para que os 59.194 contos do 1.º prémio sejam transferidos para a próxima edição do concurso. As previsões apontam entretanto para 10 a 11 concorrentes com o 2.º prémio (950 contos), 240 a 350 com o 3.º (88 contos), 19.200 a 20.400 com o 4.º (2.100 escudos) e 464.000 a 495.000 com o 5.º (130 escudos). Quanto ao Totobola também tudo indica que irá resultar num «jackpot» para a próxima semana, dado que os escrutinadores ainda não encontraram nenhum apostador com os treze resultados certos (o 1.º prémio era de 3.890 contos), estando previstos de 123 a 130 concorrentes com doze resultados certos (29.300 escudos de prémio) e 611 a 1.718 com onze (2.664 escudos).

CDS e PSD repartem vitórias em eleições autárquicas

O CDS e o PSD dividiram as vitórias em eleições autárquicas realizadas durante o fim-de-semana respectivamente em Fontoura, no concelho de Valença, e Picão, no concelho de Castro Daire.

No primeiro caso, a vitória do CDS, com 130 votos, verificou-se no confronto com uma outra lista apresentada pelo Partido Socialista que obteve 61 votos. Registaram-se ainda 106 votos brancos e seis nulos, nas eleições de Fontoura. O número total de votantes foi, portanto, de 303 sendo de 620 o número de eleitores inscritos.

Com estes resultados, o próximo presidente da Junta de Freguesia daquele concelho de Valença deverá ser José Rodrigues Ferreira, do CDS.

A vitória do PSD em Picão foi obtida com 167 votos, enquanto o CDS se quedou pelos 38 e a APU por um único voto. Nesta freguesia há 306 eleitores inscritos, sendo portanto de 97 o número de abstenções a que se deve somar um voto branco.

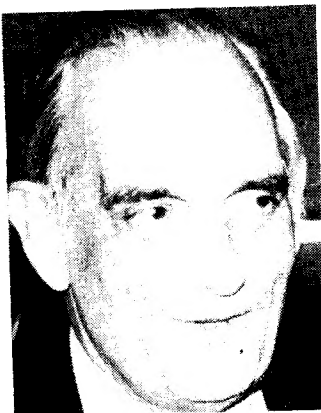
As eleições de Picão não se tinham realizado em consequência de um desentendimento entre o CDS e o PSD.

Jornalistas do "DL" contra o racismo

O dia 16 de Junho de 1976 não é património apenas de 20 milhões de negros (70 por cento da população da África do Sul) exilados no próprio país. Soweto representa o grito renovado da Humanidade que não tolera situações abjectas ou odiosas. O racismo não tem perdão.

Os jornalistas do «DL» manifestam hoje, dia mártir, a permanente solidariedade para com o mais oprimido dos povos e, particularmente, para com os jornalistas, também silenciados.

/D/E/C/A/R/A/S/



CARLOS DO CARMO, com poemas de José Saramago, Ary dos Santos, Maria Teresa de Noronha, Bogaça, Teixeira de Pascoaes, Almeida Garrett, Frederico de Brito, Antero de Quental, Pedro Homem de Melo e Carlos Oliveira, gravou um disco que tem o título: «Mais do que Amor é Amar.» São fados. Carlos do Carmo justificou já: «Este novo disco não representa um regresso às origens, uma vez que sempre cantei fados clássicos e, em termos de cultura popular urbana, não devemos deixar que esses fados se percam...». É um voto. Talvez Carlos do Carmo consiga reconquistar para o fado o interesse das jovens gerações. Talvez.

ALEXANDRE CABRAL tem dedicado anos de trabalho, talvez com prejuízo da sua obra literária, ao estudo de Camilo. Investigação metódica e paciente que não tem merecido o apoio que lhe era devido, nem a referência pública que era justa. Da correspondência de Camilo saíram agora, coligidos e anotados por Alexandre Cabral, dois volumes:



mes: o epistolário de Camilo dirigido à família Castilho e, em particular, a António Feliciano. Abre o epistolário com uma carta inédita de Camilo a A. F. Castilho datada de 21 de Julho de 1861. Bastava esta revelação para nos dar testemunho da atenta pesquisa efectuada por Alexandre Cabral. Ele é hoje o nosso mais activo e dedicado camilianista.

MOTA AMARAL reafirmou ontem a defesa duma personalidade civil e natural do arquipélago para o cargo de ministro da República para a Região Autónoma dos Açores. Falando no programa «Cartas na Mesa», o presidente do executivo açoriano acrescentou que «a nomeação dum militar atingiria as raízes do absurdo». Sobre as relações com o Governo de Cavaco Silva, Mota Amaral disse que elas são «institucionalmente correctas».

ADRIANO MOREIRA foi eleito em Estrasburgo vice-presidente da União Europeia das Democracias Cristãs. O actual presidente do CDS foi eleito durante a



reunião do Bureau Político da UECD. **SALGADO ZENHA**, ex-candidato presidencial, exclui a hipótese de ingresso em qualquer partido político. Zenha falava em Palmeira, Braga, antes dum jantar de homenagem que lhe foi oferecido por cerca de uma centena de pessoas de vários quadrantes partidários e a que assistiu o casal Eanes. Salgado Zenha considerou este jantar sem qualquer significado político pois «em democracia as pessoas podem confraternizar».

LUÍS BARBOSA, ex-dirigente do CDS, defendeu no programa «Nem mais nem menos» da Antena 1, que «o PSD deve ir buscar pessoas que viveram a AD e a campanha presidencial de Freitas do Amaral, capazes de ajudar o País a mudar de forma clara». Luís Barbosa manifestou-se disponível para trabalhar na Fundação «Século XXI», que não vai concorrer com os partidos políticos, «mas vai ter um papel importante na procura de soluções para a sociedade portuguesa».

JS de Faro acusa direcção do PS

Os delegados ao primeiro Congresso distrital de Faro da Juventude Socialista acusaram a direcção do partido de manter com a organização «um diálogo surdo e paternalista».

Reunidos sábado na capital algarvia, os jovens socialistas lamentaram que as estruturas «adultas» do PS apenas se sirvam deles em época de eleições, esquecendo-se depois dos seus problemas de inserção na sociedade.

Afirmaram-se dispostos a encetar «acções de pressão» junto dos órgãos concelhios e distritais do partido para uma maior participação da JS a fim de que não seja oca a frase «os jovens de hoje serão os homens de amanhã».

Num outro plano, os jovens socialistas manifestaram a sua preocupação relativamente ao primeiro emprego, pelo que apelaram às autarquias e às empresas locais do sector privado para que contribuam com iniciativas em favor da colocação juvenil no mercado de trabalho.

No domínio da educação, os congressistas centraram a sua atenção na Universidade do Algarve e observaram que é necessário uma dignificação daquele estabelecimento de ensino, preconizando uma maior estrutura funcional e o alargamento do seu campo de intervenção.

Relativamente às questões de defesa nacional defenderam a redução do serviço militar obrigatório e do contingente geral, argumentando que «não se compreende que o Exército português mantenha a mesma estrutura militar dos tempos coloniais».

Os jovens delegados ao Congresso aprovaram uma moção de apoio a Vítor Constâncio para líder do partido e elegeram, por unanimidade, Paulo Neves, do núcleo de Faro da JS, para secretário-geral coordenador da Juventude Socialista no distrito de Faro.